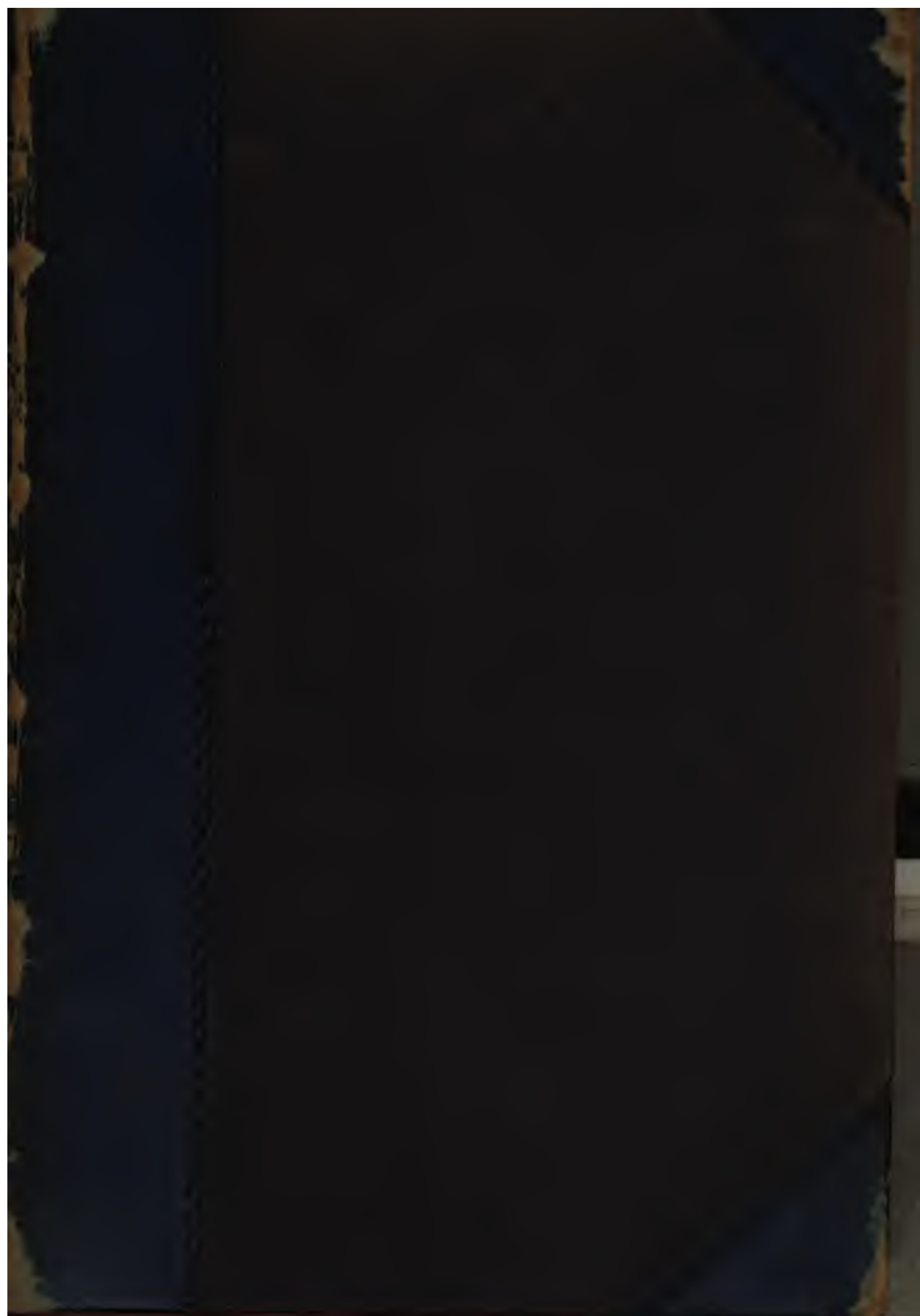
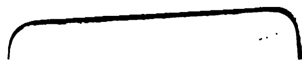






O AVARENTO

CASTILHO

THEATRO DE MOLIÈRE

QUARTA TENTATIVA

O AVARENTO

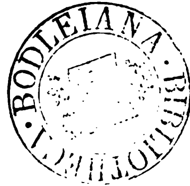
COMEDIA EM 5 ACTOS

VERSÃO LIBERRIMA

SEGUIDA DE UM PARECER

PELO ILL.mo E EX.mo SR.

José da Silva Mendes Leal



POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

1871

AO SEU QUERIDO E BOM AMIGO

D. ANTONIO DA COSTA DE SOUSA DE MACEDO

AUCTOR DO DRAMA

MOLIÈRE

COMO HOMENAGEM AO MAIS PRESTANTE PROMOTOR
DA INSTRUCÇÃO POPULAR EM PORTUGAL

OFFERECE

Castilho



PESSOAS

HARPAGÃO DE SOUZA — Empregado no Paço. Viuvo, com um filho e uma filha; 60 annos puxados. Genio rispido. Fato antiquario e rafado; com seu habito de Christo. Botas de borla. Cabelleira estupentada, e de rabicho. Cangalhas no nariz. No dedo um bello annel de brilhantes.

JULIO DE SOUZA — Filho de Harpagão. Rapaz esbelto e puxado; 25 annos. Amante de D. Marianna.

THOMAZ — Criado particular, e confidente de Julio.

D. LUIZA DE SOUZA — Filha de Harpagão. Cerca de 20 annos. Genio amoravel. Traje singelo.

SEBASTIÃO — Cosinheiro e cocheiro de Harpagão. Velhaco descambado. Por baixo do sobretudo de cocheiro traz encoberto o avental da cosinha.

MEALHADA — Outro criado de Harpagão, mais ordinario que o precedente.

CLAUDINA — Criada da casa de Harpagão. Mulher quarentona, vestida mais á saloia que á cidade; com seu avental de riscado e lenço amarrado na cabeça. Não falla.

ANSELMO — Negociante rico, e orçando pelos seus 60. Vestuario serio e de luto. Noivo destinad opor Harpagão a D. Luiza. Modos graves e afidalgados.

DUARTE — Mancebo de menos de 30 annos. Esperto e sympathico. Fingido mordomo em casa de Harpagão, e amante occulto e correspondido de D. Luiza de Souza.

D. MARIANNA — Menina de 26 annos. Senhoril e naturalmente melancholica, trajada de preto, sem galas de especie alguma.

GUIOMAR DOS ANJOS — Velha casamenteira, adella espertalhona e de grande labia. Vestido de roda. Grandes arrecadas e cordão de oiro.

SIMÃO FORTUNA — Traficante de agencias de todo o genero.

FELISBERTO — Escrivão do regedor.

DESCRIPÇÃO DO THEATRO EM TODOS OS CINCO ACTOS



Sala em casa de Harpagão.

Ao fundo porta larga e envidraçada entre duas janellas de peitos, olhando todas tres para o quintal da casa, que fica no mesmo plano. Nas vidraças ha seus vidros quebrados e suppridos com papel. Duas portas do lado direito; do esquerdo outras duas em correspondencia.

A primeira da direita, que é a da rua, tem rodizio de campainhas, sendo o peso da corda uma pedra tosca.

A segunda dá para a casa do jantar, cosinha, quartos de criados, etc.

A primeira da esquerda para os aposentos de Julio e Harpagão.

A segunda para o de D. Marianna.

Ao canto direito do tôpo da casa, mesa com tinteiro de chumbo, pennas e um caderno de papel. Deante d'esta mesa, um biombo rôto.

Entre as duas portas da esquerda, outra mesa ordinaria de pinho pintado, e sobre ella dois castiçaes desirmanados, com velas de cebo meio gastas.

Duas ou tres cadeiras ordinarias d'um e d'outro lado.

Entre a primeira e segunda porta da direita, um espelho muito falto d'aço.

Pendente do tecto, por uma corda ao meio da sala, um candieiro de tres bicos apagado.

ACTO I

ACTO I

SCENA I

DUARTE e LUIZA

Duarte

Luiza! pois a alegria
que me entrou co'o teu amor,
fez-se em ti melancolia!
Que misterio! a que vem dor?
Suspiras! porque suspiras?
Arrependes-te? é pesar
de teres feito acabar
a minha isenção?

Luiza

Deliras,
meu caro injusto Duarte;
e és um mau: não, não mudei:
amei-te, amo-te, hei-de amar-te,
sempre, sempre; mas não sei
o que o peito me adivinha.
Não me peza do que fiz,
mas esta imprudencia (a minha)
terá desfecho feliz?
De tudo o que eu mais receio
é que este amor que arde aqui
me desgrace um dia.

Duarte

Creio
que ou sonho, ou zombas! Em ti
caber tal presentimento!
pois ha rasão?!...

Luiza

Mil rasões:
Um pae de genio violento,
o mundo, as murmurações
de estranhos e de parentes...
e mais que tudo: o poder,
isso que hoje por mim sentes,
vir ainda a arrefecer.
Mudar e mudar de escolhas
diz que é nos homens pensão;
como do alamo as folhas,
resa a trova, os homens são.

Duarte

Os mais sejam muito embora
voluveis, falsos, crueis;
o coração que te adora,
Luiza, é dos mais fieis.
Em quanto a vida me dure,
juro que has-de aqui reinar.

Luiza

Não ha nenhum que não jure;
e as juras leva-as o ar.
Querem-se obras, não palavras.

Duarte

As minhas te farão ver
que na sentença que lavras
fazes mal em me abranger.

Luiza

Não abranjo; sou contente
de entregar-me á tua fé.

Duarte

Junto a um anjo é vil quem mente;
e Duarte um vil não é.

Luiza

Não por certo; d'esta parte
descançar já quero emfim.
Has-de amar-me, e eu sempre amar-te;
por ti o juro, e por mim.
Entretanto... (á parte) Não me atrevo.

Duarte

Falla! deves tudo expor.

Luiza

Sim, bem sei, bem sei que devo...
mas é custoso.

Duarte

Valor!
Se tu sabes que eu te adoro,
e sou teu, e todo teu...
que receias? coras!

Luiza

Coro

Duarte

Assustas-me; falla!

Luiza

Se eu...
podesse, como desejo,
fazer que os olhos dos mais
te vissem qual eu te vejo!...
se os teus meritos reaes

podessem ser conhecidos
de toda a gente!... (oxalá!)
Se soubessem quão devidos
te são meus affectos!...

Duarte

Vá;
conclue; não vês que me assusta,
Luiza, essa indecisão?

Luiza

Diriam que eu fôra injusta,
e um monstro de ingratidão,
se o que tu por mim tens feito,
e estás fazendo por mim,
não n-o pagasse este peito
como o paga. Mas assim,
quando ninguem te avalia
mais que eu só, quando ninguem
senão nós, sabe que um dia
tu me salvaste!!...

Duarte

O meu bem
é que eu salvei em salvar-te.

Luiza

Ao mar, que me ia engulir

quem, senão o meu Duarte
se arrojou por me acudir?
Posso eu deslembrar-me d'isto?
generoso, sem tremer,
sem nunca me haveres visto
expôres-te...

Duarte

Era um dever
acudir a quem luctava
co'a morte horrenda, e o cumpri.
Roubo-te a uma furia brava,
e o premio acho-o logo em ti.

Luiza

Mal escapo dos terrores
de expirar entre escarceos,
abro os olhos, acho amores:
teus sorrisos, e os dos ceos.
Por ti e em ti renascida
desde então só tua sou,
porque desde então a vida
és tu só quem m'a enflorou.
Generoso me salvaste;
mais generoso depois,
a tudo renunciaste
por mim só.

Duarte

Não; por nós dois.

Para mim sem ti deserto
me era o mundo, e glacial;
d'elle fóra, e de ti perto
goso um Eden perennal.
Ambos sob o mesmo tecto!
onde ha sorte mais feliz?
respirar o teu affecto
não vale mil ceos de hurís?

Luiza

Mas que amargos sacrificios
te não custa o que me dás!
eu, desfruto os beneficios;
e tu n'um martyrio estás.
De senhor, de respeitado,
(de mais alto ninguem cae)
transformaste-te em criado,
vieste servir meu pae;
tragas o pão da amargura...

Duarte

Mas vejo-te; a que vem dó?
Rachel só co'a formosura
paga o servir de Jacob.

Luiza

Subir a maior façanha
não podia um fino amor.
De heroicidade tamanha

sinto bem todo o valor;
mas o mundo por ventura
como eu julgo julgará?

Duarte

Vivas tu de mim segura;
do mundo que se me dá?

Luiza

Uma filha!... uma donzella!...
tal mysterio!... esta união!...

Duarte

União tão pura e bella,
esta quasi adoração
que te eu consagro, o respeito
que eu jámais te quebrarei,
mostram bem que achaste um peito
não indigno...

Luiza

Achei, achei,
mas o mundo maldizente
que o não sabe como nós,
e na acção mais innocente
sonha um crime, e lhe uiva apoz,
não n-o hei-de eu temer, Duarte?

Duarte

Não, Luiza; oh! não; jámais.
Quem, quem ha-de criminar-te
vendo o teu e os outros paes?
os outros sempre extremosos;
o teu de avareza tal,
de modos tão rigorosos,
de alma tão desnatural,
tão pouco pae, ou tão nada...
(desculpa um fallar tão cru,
mas a verdade é sagrada)
pois assim devias tu
immolar-lhe a tua dita,
o meu bem, o nosso amor?

Luiza

Não sei... a consciencia hesita;
mas emfim... seja o que fôr...
depois de dado um tal passo,
não ha já retroceder.
Se é mal ou bem o que faço,
não sei por ora entender;
fatalmente a ti me entrego;
o teu braço me conduz;
fecho os olhos, e socégo;
confio em quem leva a luz.

Duarte

Sim, socega; se algum dia

(como o interior m'o prediz)
acho meus paes...

Luiza

Que alegria!

Duarte

Somos o par mais feliz;
verás que teu pae consente,
e abençoa esta união.
Por isso aguardo impaciente
as novas que me virão;
e se tardarem, protesto
que as hei-de ir eu proprio achar.

Luiza

Pelo teu amor te obtesto,
não me has-de aqui só deixar;
basta a idéa d'essa ausencia
para matar-me; e a ti não?
Fica, fica; era imprudencia
quereres largar por mão
o plano, em que te empenhaste,
de captivar a meu pae.
Logra obtel-o; isso te baste.
Cuidados meus, socegae!
Vosso emprego (os meus amores)
não nos deixa.
(Para Duarte, com muito affecto)
Não é assim?

Duarte

A rogos tão seductores
resistir não cabe em mim.
Ficarei junto a Luiza;
fico; ao mais Deus proverá.

Luiza

Aqui é que é mais precisa
a tua presença; lá
confia no amor paterno
que te ha-de emfim descobrir.
Cedo ou tarde se hão-de unir
o bom filho e o pae mais terno.

Duarte

Assim o espero! (exclamando) ¡A corôa
que eu reservo ás suas cãs,
dando-lhe filha tão boa,
e inveja das mais louçãs!!

Luiza

Isso, não; mas toda extremos
para o pae de um filho tal,
juro-o eu já.

Duarte

Por tanto, iremos,

té por amor filial,
seguindo o mesmo systema
que a principio me propuz.
Oxalá que o estratagema
surta effeito! se o produz,
abençoada seja a hora
em que atrevido e sagaz,
lançadas soberbas fóra,
e occulto em libré fallaz,
consegui ser bem acceito
pelo senhor Harpagão!

Luiza

E entraste com pé direito
n'esta sua habitação.
D'entre filhos e criados,
se se confia de alguem,
se alguem logra os seus agrados,
és tu só, tu, mais ninguem.

Duarte (rindo)

E que outrem no mundo tinha
(não sei se é gloria ou desar)
paciencia egual á minha
para assim representar?
cingir-me sempre ao seu gosto?
fazer do seu vicio o meu?
ser o espelho em que o seu rosto
se mire, e diga: sou eu!

Luiza (sorrindo)

É que possués o prestigio
do maior encantador.

Duarte

Não, não; se aqui ha prodigio,
quem n-o opera é só o amor.
Mas serio — serio, que admira
que eu, tornado outro Harpagão,
logre o credito e a affeição
do proprio que assim me inspira?
E olha que de dia a dia
me torno melhor actor,
lhe acrescento a sympathia,
e vou de servo a senhor.

Luiza

O meu receio (confesso)
é que possa alguma vez
meu pae, pelo proprio excesso
com que ostentas mesquinhez,
dar na burla, e então caiâmos
de um mal n'outro inda peior.

Duarte

Quando a alguem lisonjeamos,
nem a hyperbole maior

o acordaria do pasmo
em que o lançou, e o retem,
a idéa do enthusiasmo
que elle excita em nós.

Luiza

Porém...

Duarte

Não ha *poréms*, nunca viste
n'esta regra uma excepção;
nem o mais forte resiste
aos que no fraco lhe dão.
A lisonja mais rasteira,
mais párvoa, e descommunal,
engole-a n'um ai, e inteira,
e ri do riso geral.
Se a pilula é bem doirada,
e em bom mel ungida vae,
seja embora asselvajada,
engole-se. Com teu pae
o tenho visto, e vou vendo.
Verdade é que este papel,
que eu com elle estou fazendo,
este andar tingindo em mel
mentiras continuamente,
custa ao meu genio leal;
mas que remedio! a quem mente
não se ha-de levar a mal,
se o enganado ó precisa,
o agradece, o estima, o quer.

Teus melindres de mulher
tenho-os eu tambem, Luiza;
mas vou-lhes tapando a bôca;
não ha remedio, bem vês;
faze como eu: d'esta vez
dize á lealdade que é louca.

Luiza

Quanto a meu pae, já me calo;
porém quanto a meu irmão,
devias associal-o
á nossa conspiração.
Não achas tu? Se a creada
violar o arcano, convém
que eu, pobre filha sem mãe,
pelo irmão seja escudada.

Duarte

Bem vejo; tendo-o por nosso
ganhamos forças...

Luiza

Então?...

Duarte

Mas prender eu só não posso
a teu pae e a teu irmão.
São de genio tão contrario!

um, avaro em summo grau;
o outro quasi perdulario.
Luiza, o que não é mau
é que tu da tua parte
empenhes, quanto em ti fôr,
o vosso fraterno amor
em nosso bem.

Luiza

Sim, Duarte.
Não me fallece a vontade;
mas se o valor fallecer?

Duarte

Cautela; a sinceridade
não deve indiscreta ser.
Convém por ora resguardo;
confio em ti. Ficae sós;
lá vem elle; d'essa voz
até prodigios aguardo.

(Sae pela segunda porta da direita)

SCENA II

LUIZA e JULIO (que vem da primeira porta da direita)

Julio

Estimo achar-te só; preciso, irmã querida,
revelar-te um segredo, em que se empenha a vida.

Luiza (rindo)

Morte d'homem, talvez; moeda falsa...

Julio

Amor!
mas o amor mais profundo, o mais dominador.

Luiza

Tu! tu amas?!

Julio

Oh! se amo!

Luiza (com sorriso ironico)

Ah! parabens!

Julio

Primeiro
devo-te declarar que é mais que verdadeiro

o affecto que hoje nutro; e todavia sei
que a obediencia aos paes é religião, e é lei
que não deve infringir-se; aos filhos não é dado
sem outorga paterna o eleger estado;
com rasão, porque um pae, melhor do que ninguem,
sabe, julga, deseja, anceia o nosso bem.
Quando a paixão nos cega, a experiente edade
nos acode e nos salva. Aquella auctoridade
por tanto é natural; foi Deus por sua voz
quem aos filhos a impoz, por bem de todos nós.
Tudo isto que te digo é só para tu veres
que escusas de prégar-m'o; eu sei quaes meus deveres.
Entretanto, Luiza, has-de saber tambem
que amor como este meu, quer seja mal, quer bem,
perderias o tempo em m'o impugnar.

Luiza

Já deste
palavra á tua eleita?

Julio

A' minha flor celeste?
inda não, mas vou dar-lh'a; e torno-t'o a pedir:
não me allegues razões que já não posso ouvir.

Luiza

Tão louca me crês tu, ou tão extravagante,
Julio?

Julio

Não n-o és, bem sei, mas nunca foste amante.

Um coração isento, um animo donzel,
nem sonha o que amor póde, e é muita vez cruel.
Tremo do teu juizo; e se elle fosse acaso...

Luiza

O meu juizo aqui vem pouco para o caso.
Quem ha que não doideje ao menos uma vez?
Se chegasses a ler nest'alma, já talvez
não fallasses assim.

Julio

Prouvera aos ceos! prouvera
que em teu seio tambem...

Luiza

Mas inda estou á espera
do nome da feliz... (o mais virá depois).
Fallemos d'*ella* agora; estamos sós os dois,
confessa-te sem pejo. É pois a tua amada...

Julio

Uma nossa visinha, uma recemchegada
não sei d'onde, um feitiço, um anjo, a perdição
de quem chega a avistal-a; o nome que lhe dão
é Marianna, e mais nada. Está sob a tutella
de uma pobre mulher, mãe sua, que a desvella,
bem que enferma e infeliz, com todo o immenso amor
de um coração materno; um par encantador!
Mas como ella lh'o paga! os mimos, o carinho

com que a serve, e a distrae! Parece a casa um ninho
doido de primavera! e tal, que ali ninguem,
se não fossem as cãs, distinguiria a mãe.
Queria, minha irmã, que a visses! com certeza
morrias por Marianna, assim como eu. Belleza,
tem-n-a como nenhuma; e esse adoravel dom
é o minimo dos seus! a graça, o genio...

Luiza

Bom!
em tudo o *non plus ultra;* entende-se.

Julio

É divina!
em quanto diz e faz, na acção mais pequenina,
põe uma graça, um mimo, um bemquerer tão seu,
que não ha resistir-lhe! has-de o sentir como eu,
quando a vires, Luiza, e confessar tudo isto.

Luiza

Até já o confesso, inda antes de a ter visto;
claro o prova a impressão que está fazendo em ti.

Julio

A poder de explorar, achei que andava ali
muita desaventura (em mostras de decencia
se escondem muita vez martyrios de indigencia).
Vê se não era dita, um jubilo, um dever,
salval-as, reflorir, doirar-lhes o viver.

Luiza

Sim, sim.

Julio

Nem digo tanto; ao menos quereria
podel-as de algum modo alliviar; seria
bastante, por agora, o ter com que as vingar
das summas precisões; que orgulho e que folgar
ir com todo o melindre, e por subtís caminhos,
tirando-lhes diante as pedras e os espinhos!

Luiza

Certamente.

Julio

Mas como? Um pae avaro, e tal,
que já no coração não tem senão metal!...
que posso eu d'elle obter?

Luiza

D'elle, por certo nada.
Que afflição para ti!

Julio

Dobrada, tresdobrada
do que se póde crer. Que pae! que situação
a de ambos nós, Luiza! Os pobres, quando o são,
é por culpa da sorte, ou culpa talvez sua;
mas em nós a miseria é culpa minha? ou tua?
ou do fado sequer? Sabermos, só por fé,

que ha oiro em casa, e muito! e com tanto oiro ao pé,
e a chave em mão de um pae, raivarmos carecentes
de commodos, de bens, das coisas mais urgentes!
Se é para nós que ajunta, a nós que se nos dá
de um haver, que só tarde ou nunca nos virá!
Jejue a mocidade, e tenha paciencia
á espera da velhice; então é que a opulencia
se póde disfructar. Eu por mim já não sei
para onde me volte. Emprestimos? cancei
quanto usurario ha hi; nem a cento por cento
querem já mutuar-me. O como eu me apresento!
e tu tambem! faz rir; excita raiva, ou dó.
Trajo, apenas decente; e este, inda assim, é só
fiado que se obtem. Que outrem da nossa classe
conheceste jámais que tanto se ralasse?
mas ponto em queixas vãs. Eu vinha-te pedir
que sondes nosso pae, e o movas a annuir
ao meu consorcio; aliás, se eu vir que o não consigo,
caso, sem mais tardar, e emigra-se; um abrigo
acha-se em qualquer parte; e quando uma mulher
só ambiciona amor, de pouco se ha mister.

Luiza (sorrindo)

Já o li numa novella.

Julio

E é certo, e muito certo.
Num sertão do Brasil! que paraizo aberto
a quem foge do mundo! ali, calco eu por vil
o oiro que almejo cá. Florestas do Brasil,
ides ter vossa Eva, a quem no anno inteiro
presenteeis co'os dons de um Deus, seu pomareiro.

Luiza

Mas para chegar lá (cuido que não quereis
ir a nado; pois não?) do oiro precisareis.
Se debaixo dos pés tambem por cá o houvesse...

Julio

Ri, Luiza, do amor; bem ri quem não padece.
Eu não quero pensar; fugir só quero, e pôr,
se meu pae nos for surdo, em salvo o nosso amor;
entendes? para isso empregó quanto sei,
a ver se a todo o custo ainda alcançarei
um emprestimo novo (agora é o derradeiro).
Bem franco te fallei; franqueza egual requeiro;
supponho que tambem o coração te diz,
Luiza, alguma coisa em prol de algum feliz...
Se é certo (praza ao ceo!) comigo e Marianna,
deixando esta galé, sereis da caravana.

Luiza

Improvisa, poeta; eu, que terrestre sou,
gemo, curvo a cerviz, invejo-te, e cá vou
remando esta galé, já que uma estrella escura
me quiz, orfã de mãe, fadar á desventura.

(Ouve-se dentro confusamente Harpagão a vociferar)

Mas saiâmos d'aqui; vem lá o pae. Convém
que em logar mais seguro a sós fallemos. Vem.

(Saem ambos pela segunda porta da esquerda; fica o theatro vazio por um breve espaço)

SCENA III

HARPAGÃO e THOMAZ

(Vem ambos da segunda porta da direita, Thomaz fugindo, Harpagão trazendo-o diante de si aos encontrões)

Harpagão

Rua! rua! já na rua!
respondão! mal ensinado!
Criado mais mal criado
nunca o houve.

Thomaz (á parte)

Está co'a lua.

Harpagão

De mais a mais ratoneiro!

Thomaz

Quem? eu?!

Harpagão

Pois quem? eu? Thomaz,
não se rouba só dinheiro.

Thomaz

Eu que lhe roubo?

Harpagão

És capaz
de negar (diz que não rouba)
que me sisaste do almoço
quasi um palmo de alfarroba,
e vinte, ou vinte e um tremoço?
Eu trago tudo contado.

Thomaz

Que mais, senhor Harpagão?

Harpagão

A quinze do mez passado,
um pedaço de sabão;
a dezeseis, sêmeas.

Thomaz

Sêmeas!
ah! sim; foi p'ra me lavar;
sempre mãos limpas; livrar
de fazer entejo ás femeas!

Harpagão

A dezanove uma bulla...

Thomaz

Já rôta.

Harpagão

E mais uns cordeis.

Thomaz

Para embrulhar uns pasteis...

Harpagão

Pasteis! oh! monstro de gula!

Thomaz

Mandou-me o senhor seu filho,
o senhor Julio, o meu amo...

Harpagão

Pois aquelle peralvilho
gasta pasteis? até bramo!

Thomaz

Nada, foi para um presente
que eu lhe levei a umas damas.

Harpagão

Além de pasteis, madamas!
Cada vez mais excellente.

Thomaz

Isso é com elle; adiante;
que mais lhe pilhei?

Harpagão

Pilhaste
a vinte e dois, grande traste!
depois do almoço, tratante!
de dentro do assucareiro
tres pitadas.

Thomaz

O cigarro
tinha-me feito pigarro...

Harpagão

Pois não cigarres, brejeiro,
perdulario!

Thomaz

Uma pessoa
precisa-se distrahir.

Harpagão

Pois cace moscas.

Thomaz

É boa!
E quando as não ha?

Harpagão

Dormir,
faltando em que trabalhar;
poupam-se solas e fato;
divertimento barato,
e innocente. Mas fumar!!!
fumar!!!! fazer do dinheiro
um fumo, ou coisa nenhuma!!!!

Thomaz

Tambem o meu amo fuma.

Harpagão

Fumo e pasteis! guapo herdeiro
que Deus me dá! Tal criado,
tal amo. Isto vae bonito!
Fóra já d'aqui, repito;
rua! ou levo-te a cajado.

Thomaz

A ordem do meu patrão
foi que eu o esperasse.

Harpagão

A sua
talvez fosse; a minha então...

Thomaz

Qual é?

Harpagão

Que o esperes na rua.
Não quero aqui um espia
de quanto em casa se faz,
do que ha e não ha, capaz
de alguma malfeitoria!

Thomaz

Que malfeitorias?

Harpagão

Roubos,
se o queres mais explicado.

Thomaz

Em curral que não tem gado
não tem que cheirar os lobos.

Harpagão

Sempre resposta promtinha!

Thomaz

Pois quer que eu não lhe responda,
se traz tudo á chave, e ronda
noite e dia a casa!

Harpagão

É minha;
posso-a rondar quanto eu queira.
Espia tudo que faço!
(á parte) Queira Deus que este madraço
não me aventasse a melgueira!
(alto) Capaz eras tu até
de andar nos teus conhecidos
espalhando... o que não é:
que ha dinheiros escondidos
em minha casa.

Thomaz

Pois ha!?
não sabia; estimo.

Harpagão

O que?
(á parte) asneei. (alto) Não me dirá

o que é que estima você?
É tolo, ou faz-se? Eu não disse
que tinha nenhuns dinheiros;
perguntei se por tolice
tu lá co'os teus companheiros
não andarias palrando
de dinheiros amuados
em minha casa. Era um bando
deitado aos ladrões. Criados,
todos o são.

Thomaz (á parte)

Que mania!

Harpagão

Tu que é que rosnas, Thomaz?

Thomaz

Nada. Vossa Senhoria
não me dirá que me faz,
ou a mim ou a ninguem,
que tenha ou não tenha occulto
algum busilhão de vulto,
se d'elle não sae vintem?

Harpagão (ameaçando a Thomaz com uma bofetada)

Galras-me? ateimas na tua?
queres por força provar?

Thomaz (recuando e á parte)

D'aquillo sabe elle dar.

Harpagão

Rua! repito-te, rua!

Thomaz

E é já.

Harpagão (correndo a fechar a primeira porta da direita)

Primeiro, alto ahi;
hei-de saber se este pilho,
digno servo do meu filho,
não leva escondida em si
alguma coisa furtada.

Thomaz

Que coisa furtada?

Harpagão

Eu sei...
mostra cá, e eu t'o direi;
mostra...

Thomaz

O que? não levo nada.

Harpagão

Vejo essa algibeira a impar;
mostra...

Thomaz (tirando do bolso uma tangerina)

É uma tangerina.

Harpagão

Quem t'a deu?

Thomaz

Deu-m'a a menina
para me eu desjejuar.
Pergunte-lh'o.

Harpagão

Não preciso.
Tudo que ha na casa é meu;
e se a menina lh'a deu,
provou seu pouco juizo.
Dá, dá.
(Tira-lhe da mão a tangerina, mette-a na algibeira, e cobre-a com o lenço)

Thomaz (á parte)

Abafada. (alto) Prompto?

(á parte) E eu é que sou rapinante!
(alto) Posso-me ir? findou-se o conto?
ou inda vae por diante?

Harpagão

E o outro bolso?

Thomaz

Vazio;
quer que o vire?

Harpagão

Pois então?
d'esse é que eu mais desconfio,
por taes demoras.

Thomaz (revirando o bolso e sacudindo)

Cotão;
assente no rol.

Harpagão (apalpando-lhe as botas)

E aqui?
nas botas que enfardelaste?

Thomaz

Os pés.

Harpagão

Graceja, meu traste,
e tu verás...

Thomaz (á parte)

Nunca vi
farejar furtos como isto.

Harpagão

Botas largas em criados
são alforges disfarçados,
invenção do demo.

Thomaz

Visto?

Harpagão

E o peito? desabotoa;
noto ahi certo enchimento...
(desabotoa-lhe o collete, e apalpa-lhe o peito)

Thomaz (dando guinchos agudos,
e rindo convulsivamente)

Olhe que sou coceguento;
basta; largue; esta é que é boa!

Harpagão (medindo-o com os olhos d'alto a baixo, e dos pés até á cabeça)

Que tens nessa mão fechado?
restitue-m'o.

Thomaz (abrindo a mão)

Eu, nada; ahi tem.

Harpagão

Mostra a outra.

Thomaz

Ahi vai tambem.

Harpagão

E a outra?

Thomaz

Não sou dotado
de mais de duas.

Harpagão (depois de meditar)

Thomaz,
tens alma?

Thomaz

Cuido que sim.

Harpagão

Crês que ha inferno sem fim,
e n'elle te afundarás
se jurares falso?

Thomaz

Creio.
(á parte) Fez-se agora padre cura.

Harpagão

Então, Thomazinho, jura,
jura, sem nenhum receio,
que vaes dizer-me a verdade.

Thomaz

Juro.

Harpagão

Tu furtaste, não?

Thomaz

Não senhor.

Harpagão

Na realidade?

Thomaz (com grande intimativa)

Olhe, senhor Harpagão,
se lhe eu furtei, Deus permitta
que antes de um'hora o senhor
tenha um ramo de estupor,
ou qualquer coisa exquisita.

Harpagão

Põe-te a andar: sume-te; rua,
ladrão! e não tornes mais.
(Sae Thomaz pela primeira porta da direita)

SCENA IV

HARPAGÃO só (passeando dessocegado de um lado para o outro)

Que inferno é ter cabedaes!
Quando a gente os encafua,
sempre os suppõe bem guardados;
mas em saindo de ao pé
são logo dez mil cuidados!
Eu cá, perco o somno até.
Se alguem m'os aventaria!

Se adivinhassem! sei lá!
ha tantos exemplos! se ha!
E em quanto a gente vigia,
inda lá vae; mas dormindo,
não 'stá o que é meu sem dono?
e não póde ir algum mono
atabafar-m'o? era lindo!
Que tal não ficava um homem,
se acordando antes do dia,
co'as ralações que o consomem,
achasse a caixa vazia!!
Era logo pendurar-se,
Deus me perdôe!
                Se eu podesse
pôr tudo, muito ao disfarce,
fóra a render! sim, se houvesse
certeza de algum banqueiro,
que não podesse quebrar...
Mas qual! maldito dinheiro!
como és ruim de guardar!!

Dizem então: «burras! burras!
«casa forte chapeada!»
providencias de caturras
que não pescam d'isto nada.
As burras e casa forte
são até um chamariz...
Valha-me Deus! triste sorte
a de quem julgam feliz!

Tenho um milhão a render
no banco inglez; mas se a guerra

toda essa Europa envolver,
não póde ir o banco a terra?
Então, se estoirando as silhas
a burra mãe me abalar,
poder-me-hei sequer tornar
a estas burrinhas filhas.
Por isso vou enterrando
já num, já noutro logar;
isto é: vou multiplicando
razões de me atormentar.

E este meu costumesinho
de fallar alto commigo!
nem que ás vezes um visinho
não possa ouvir o que eu digo!

SCENA V

O mesmo, LUIZA e JULIO

(Os dois ultimos saindo da segunda porta da esquerda, ficam versando entre si ao fundo do theatro sem ser ouvidos)

Harpagão (continuando, no primeiro plano sem reparar nelles)

Mas tambem... por outro lado...
se eu commigo não fallar...
a quem posso revelar
o que me traz desvelado?

Os quatro contos de réis
que hontem cobrei, e enterrei
ali no quintal... não sei...
O menino dos pasteis
tem cara de ter um faro!
E os moços!... valha-me Deus!
que farei?

(reparando nos filhos e sobresaltando-se)

Peccados meus!
Jesus! agora reparo
que não 'stava só. Deus queira
que não me ouvissem; talvez;
talvez não!... ou sim!... Que asneira
pensar alto!

(virando-se para os filhos, e fingindo que só agora é que os vê)

Ah! são vocês?...

Julio

im, somos nós, meu pae.

Harpagão

Não os senti chegar;
um sestro que tem de andarem de vagar!...
nham chegado ha muito?

Luiza

Agora mesmo.

Harpagão

Dou
que me ouviram fallar.

Julio

Quem? nós? se nos fallou,
não ouvimos, meu pae.

Luiza

Certo que não.

Harpagão

Luiza,
não mintas; e nem tu. (para Julio) Quer-se a verdade liz
ouviram?

Julio

Nós! o quê, meu pae?

Harpagão

O que eu dizia
co'os meus botões.

Julio

E que era?

Harpagão

Era que isto hoje em dia
in verbo cuscurrinho é tudo uma desgraça;

não ha pilhar seitil, por mais que um homem faça!
exclamava eu então... (por força que me ouviram)...

Luiza

Eu não.

Julio

Nem eu.

Harpagão

Pois sim. Dizia: muitos giram
com milhões e milhões; e eu, que preciso tanto,
nem quatro contos posso ahi coalhar a um canto!

Julio

Vinhamos receando acaso interrompel-o...

Harpagão

Interromper-me! qual! chegaram muito a pêllo;
entre filhos e pae deve reinar franqueza.
O que pensava a sós ácerca da pobreza
de novo lh'o repito, e é bom tel-o presente:
os tempos não vão bem; vão mal; pessimamente;
que será o futuro? ainda se eu tivera
quatro contos de réis! quatro contos! quem dera!

Julio

Nenhum de nós, meu pae, lhe pede contas.

Harpagão

Não;
bem sei; isto é fallar; é uma explicação
que eu a meus filhos devo, afim de que os meus tontos
não julguem que esta casa é talvez a dos contos.

Julio

Quem pensa tal! que fosse a casa até dos bicos,
nós que temos com isso?

Luiza

Eu não invejo aos ricos.

Harpagão

E eu sim; só por vocês.

Julio

Para que está com isso?
graças a Deus, tem muito; um cabedal massiço;
ninguem ha que o não saiba.

Harpagão

Eu! eu!

Julio

Meu pae.

Harpagão

Mentira.

Deus permitta...

Julio

Não jure; a praga que se atira
ás vezes ricocheta.

Harpagão

A sucia que isso espalha
são por força ladrões. Arreda, vil canalha!
Rico! eu rico!

Luiza

Meu pae, socegue; que lhe presta
o estar-se a enraivecer?

Harpagão

Eu rico! inda mais esta!
agora até são já meus filhos, o meu sangue,
que espalham que sou rico, e estranham que me zangue!

Julio

Dizer que tem de seu é ser seu inimigo?

Harpagão

É, sim senhor, pois que é? Quem vir como este amigo
por ahi pimpa e luxa, e ouvir que eu tenho, assenta

que isto é vaza-barris; vem o diabo, attenta
alguma alma perdida, entra-me em casa, á espera
de oiro em pó; não n-o acha, assanha-se, podera!
amordaça-me, e zás! cozeu-me de facadas!
E a culpa de quem foi? das linguas depravadas,
e do luxo, repito, aqui do meu peralta.

Julio

Que luxo?

Harpagão

Bom cavallo, anneis, nada lhe falta!
alfinete de peito! alfaiate francez!
franceza a engomadeira! o sapateiro inglez!
theatros! que sei eu! já hoje mesmo eu disse
ali á sua irmã: com tanta garridice
isto a final estoira; estoira, e muito breve!
Ingrilou-se-me toda; acha que um pae não deve
acudir aos seus bens, que vão pela agua abaixo!
pois achem muito embora; eu cá é que não acho;
e hei-de-lhe emfim pôr cobro. Olhem-me aquelle fato,
e comparem-n-o ao meu; sou eu que pago o pato;
por força; elle não tem!... não ganha!... não tirou
sorte grande, que eu saiba; eu, certo, lh'o não dou...
(porque o não tenho); então, é claro como o dia,
que, seja como fôr, m'o extrae por qualquer via.
Tem as manhas da cobra: a cobra tambem mama,
tão velhaca e sutil, que não acorda a ama.

(Luiza, notando no irmão movimentos de impacientado com o insulto, faz-lhe signal para que tenha mão em si)

Julio (em meia voz, e em rapido á parte para a irmã)

Outrem que me afrontasse em minha probidade,
pagava-o logo, e caro; aqui, ha immunidade.
(alto para Harpagão e affectando serenidade)
Que lhe posso eu tomar? ou como?

Harpagão

Eu sei!

Julio

Mas rogo
que m'o ensine.

Harpagão

E eu pergunto as suas rendas.

Julio

Jógo.
A fortuna (talvez por ver-me desgraçado)
favorece-me; ganho; o oiro assim ganhado,
se havia de enterral-o ou despendel-o em vicios,
vae logo alimentar as artes e os officios,
vestindo a minha irmã de um modo mais decente,
e a mim tambem; não devo inspirar tedio á gente.

Harpagão

O que o senhor devia, uma vez que a fortuna
o favorece ao jogo, era, em vez de ir-se á tuna
desbaratar o seu, pol-o a render. Dinheiro
cria dinheiro. Um cento é menos que um milheiro;

e como cem é bom, mil, que é dez vezes cem,
é dez vezes melhor. Calcula um só vintem
dez vezes a dobrar; (um só vintem; attenta;)
póde-te dar... dez mil duzentos e quarenta!
torna a dobrar por dez; calcula, e pasmarás!
são dez contos de réis...

Julio (sorrindo)

Sim senhor! Já me apraz.

Harpagão (continuando)

Quatrocentos...

Julio

Melhor

Harpagão

Accrescenta, accrescenta
oitenta e cinco mil set'centos e sessenta,
Que tal!

Julio

Acho bem bom. Quem os cá dera!

Harpagão

Ahi tens,
filho prodigo, ahi tens o que é poupar vintens.

Julio

Tem razão.

Harpagão

Toda. Então, digo eu, que se emprestasse
a cem por cem ao anno os ganhos que apurasse...
não andava pavão, mas era millionario.

Julio

São genios; não nasci no signo de usurario.

Harpagão

Bem; não fallemos mais em taes materias. Vejo
que o signo em que nasceu foi o do caranguejo.
Fallemos n'outra coisa.

(Reparando em que Julio e Luiza estão fazendo signaes um ao outro, querendo cada um que seja o outro quem encete a declaração; á parte)

Ali anda tratada!
Mau! temos peditorio. (alto) O que é lá isso?

Luiza

Nada.

Harpagão

Como *nada?* Eu não vi certos signaes?...

Luiza

O mano
precisava...

Harpagão

De quê? (á parte) Nem chavo castelhano.

Luiza

E eu tambem precisava...

Harpagão (á parte)

Um dardo. As precisões
já vem aos pares! Bravo! esfolem-me, ladrões!

Julio

Precisavamos... sim... fallar-lhe...

Luiza

Elle queria
que fosse eu a primeira, e eu que fosse elle; eu ria,
elle teimava...

Harpagão

Entendo; era o jogo do empurra.
(á parte)
Temia que não fosse uma sangria á burra.
(alto)
Depois fallarão d'isso; agora é mais instante
o que eu lhes vou dizer.

Julio

Isto era um só instante:
era sobre o casar...

Harpagão

Oiçam-me pois attentos,
que eu não lhes vou fallar senão de casamentos.

Luiza (muito triste)

Ah! meu pae!

Harpagão

Que *meu pae!* nem que *ah!* Forte exquisita!
Mal lhe fallo em casar, logo se aterra e grita.
Não percebo tal medo. As mais, quando lhes fallam
em casar, vão-se aos ceos, e todas se regalam.

Julio

Creio que ella tambem; pois não é assim, Luiza?
do casar sem amor é que ella se horrorisa;
com razão, que até eu, sendo homem, tremeria
de dar á braga o pé; confesso a covardia.

Harpagão

Vamos devagarinho; eu sei perfeitamente
(e melhor que vocês, por mais experiente)
o que é que lhes convém; mas não atrapalhemos;
vamos por partes.

Julio

Bem; pois diga; escutaremos.

Harpagão (para Julio)

Já viste uma senhora, aqui nossa visinha,
chamada Marianna? (E muito galantinha
que ella é, benza-a Deus!)

Julio

Vi, vi.

Harpagão (para Luiza)

E tu?

Luiza

Já d'ella
tenho ouvido mil bens: que é boa, quanto é bella.

Harpagão (para Julio)

Que tal te pareceu?

Julio

Formosa, mui formosa!

Harpagão

Cara linda, e de esperta.

Julio

Esperta, e mui garbosa.

Harpagão

Um ar... uns modos... hein?

Julio

Admiraveis.

Harpagão

Então concordas, certamente, em que era uma união muito de apetecer.

Julio

Oh! se era!

Harpagão

Emfim, mulher para bem reger casa, e ser como se quer.

Julio

Sem duvida.

Harpagão

Só lhe acho um senãosinho. Creio que tem pouco de seu; parece-me...

Julio

É receio
que nem deve lembrar. Virtudes e belleza
contrapezam de sobra outra qualquer riqueza.

Harpagão

Lá tanto, não direi; o que porém te digo,
é que inda que não traga immenso haver comsigo,
paciencia! arranjar-se-ha por outra qualquer via.

Julio

Claro está.

Harpagão

Pois meu filho, enches-me de alegria
com esse teu pensar, que é o meu exactamente.
Muito bem! Marianna...

Julio

Ah! meu bom pae!
(á parte com alvoroço, para Luiza)
Consent

Harpagão

Marianna, pelos dons que ambos achamos nella,
de economica, parca, amavel, e singela,
captivou-me, e ha de ser minha segunda esposa;
quer tenha, quer não tenha.

Julio

O quê!!?

Harpagão

Que é lá?

Julio

Pois ousa...
ousa, meu pae?!

Harpagão

O quê?

Julio

Pois quer?

Harpagão (depois de um breve silencio)

Perdeste a falla?
acaba; quero o que?

Julio

Devéras desposal-a?

Harpagão

Quero.

Julio

Meu pae!? meu pae!?

Harpagão

Eu, eu; cem vezes eu.
Que admirações! que tem?

Julio

Não sei o que me deu;
um vágado, supponho.

Harpagão

O pote da cosinha
ha de ter agua; corre, e bebe; está fresquinha;
bebe um pucaro, ou dois, se tanto fôr preciso;
para vágados agua; afoga-os de improviso.
(Sae Julio pela segunda porta da direita)

SCENA VI

HARPAGÃO e LUIZA

Harpagão

Rapazinhos de hoje em dia!
Não passam de uns réles nicos.
Até fanicos! fanicos!!
Vistam saia.
Quando eu ia
dizer-lhe o bello casorio

que lhe tenho preparado,
um vágado! Cebolorio!
(para Luiza)
Pois filha, tenho assentado:
eu caso com ella; dou
ao Julio certa viuvinha
em que hontem se me fallou,
e a ti o Anselmo, Luizinha.

Luiza

Anselmo!!

Harpagão

Varão maduro,
de pouco mais dos sessenta;
uma burra succulenta;
genio bom, parco, seguro...

Luiza (fazendo mesura)

Eu, co'o devido respeito,
meu pae, não quero casar.

Harpagão (fazendo uma cortezia de escarneo, e arremedando Luiza)

E eu minha flor, quero-a dar
ao noivo que tenho eleito.

Luiza (repetindo a mesura)

Queira meu pae desculpar-me;
não póde ser.

Harpagão

A menina
queira tambem perdoar-me;
ha de ser.

Luiza

A minha sina
não reza de tal. Se quer
que eu lh'o chame encantador,
e até bruxo, sim senhor;
mas lá ser sua mulher...
(fazendo uma mesura)
sou uma sou criada.

Harpagão (fazendo uma cortezia)

E eu um seu humilde servo;
unicamente lhe observo,
que hoje mesmo a Anselmo é dada.

Luiza

Hoje?

Harpagão

Hoje.

Luiza

Meu pae, não conte
com tal coisa.

Harpagão

Minha filha,
repito-lhe que se apprompte.

Luiza

Não me pilha.

Harpagão

Olé se a pilha!
assim eu pilhasse agora
quatro contos.

Luiza

Não, não, não.

Harpagão

Sim, sim, sim.

Luiza

Teime elle embora;
tambem eu teimo; verão;
ninguem me póde obrigar.

Harpagão

Obrigo-te eu; tu verás.

Luiza

Matar-me-hei; sou mui capaz.

Harpagão

Não morres, e has de casar.
Viu-se nunca petulante
que assim a seu pae galrasse!

Luiza

Nem pae que tanto abusasse
da força...

Harpagão

Recalcitrante
contra um arranjo excellente,
que o não ha melhor!

Luiza

Não gosto.

Harpagão

Aposto que toda a gente
o ha de approvar!

Luiza

E eu aposto
que ninguem tal approvava.

Harpagão

Não?

Luiza

Não.

Harpagão

Que queres perder?
uma apostinha.

Luiza

Apostava.

Harpagão

E eu tambem. Como ha de ser?
eu ponho doze vintens,
e tu esses brincos de oiro.
(vendo Luiza a sorrir)
Se tanta certeza tens...

Luiza (á parte)

Um coelhinho por um toiro.
alto) Mesmo assim, acceito.

Harpagão

Espera.

Luiza

Que é?

Harpagão

Primeiro deposita.

Luiza

Não fujo.

Harpagão

Bem sei; podera!
Emfim, dás palavra? (á parte) Hesita.

Luiza

Dou palavra, dou.

Harpagão

Vem gente.
Queres tu? seja quem fôr,
eis o arbitro.

Luiza

Excellente.
(á parte) Venço.

Harpagão (á parte)

Fico vencedor.

SCENA VII

Os mesmos e DUARTE (que vem da segunda porta da direita)

Harpagão (continuando o á parte)

Bravo! o meu confidente! apanho as arrecadas.
(alto)
Vem aqui, meu Duarte; e muito boas fadas
que te mandaram cá. Vaes ser nosso juiz:
quem é que tem razão? ella, ou eu?

Luiza (para Duarte)

Meu pae diz...

Harpagão

Ella nega...

Luiza

Eu ateimo...

Harpagão

Eu sustento...

Duarte

O patrão,
(já percebo) é que tem carradas de razão.

Harpagão

Sabes de que se trata?

Duarte

Exacta, exactamente,
não sei; sei que ao senhor nunca lhe entrou na 1
coisa desarrasoada.

Harpagão

E não. Ahi vae o caso:

Duarte

Venha lá.

Harpagão

Digo-lhe eu que hoje, hoje mesmo, a c
co'um sujeito de bem, riquissimo; e a mofina
põe-se em bicos de pés, e diz que não assigna.
Que me dizes a esta?

Duarte

Eu?

Harpagão

Tu.

Duarte

Han, han!

Harpagão

Que é?

Duarte

Digo...

(Luiza faz um gesto de enfado)

que na essencia... o senhor...

Harpagão

Que em summa, estás comigo.

(Durante esta e as seguintes fallas de Duarte, fazem contra-scena muda Harpagão e Luiza, carregando cada um d'elles o semblante, ou alegrando-se, sempre em sentido contrario do outro, á proporção que os dizeres de Duarte lhes fazem feição, ou deixam de lh'a fazer)

Duarte

Sim, o senhor na essencia era impossivel...

Harpagão

E era.

Duarte (continuando)

que resolvesse á doida.

Harpagão (para Luiza)

Apanha lá, panthera.

Duarte

Mas agora tambem por outro lado, entendo

que o que a menina diz não é despiciendo
de todo em todo.

Luiza (para Harpagão)

Ahi tem; ahi tem.

Duarte

Por conseguinte,
salvo melhor juizo...

Harpagão

Achas que dá no vinte
uma pobre de Christo, e que só tem de seu
o palminho da cara, achando...

Luiza (á parte)

Um camafeu.

Harpagão (continuando)

um marido ricaço, illustre, já sisudo,
e não mal parecido, emfim (para ter tudo)
viuvinho sem nota, e sem filhos? pergunto:
predicados assim onde é que os viu por junto?

Duarte

Não lhe vou contra isso. O que ella poderia
retrucar-lhe, era só...

Harpagão

Que me retrucaria?

Duarte

Eu sei! talvez dissesse: a eleição de um consorte
é coisa muito grave, e não se entrega á sorte;
deve-se em todo o caso ouvir o coração;
aliás...

Harpagão

Deixa fallar. Que é lá inclinação?
novellas; poesia. Occasiões como esta,
é colhel-as no ar. E inda o melhor da festa
não n-o sabem vocês: é que elle se me obriga
a tomar (notem bem) sem dote a rapariga.

Duarte

Sem dote!

Harpagão

Sim senhor; sem dote.

Duarte

Essa embatuca,
e mette os tampos dentro.

Harpagão

Agora que retruca?

Duarte

É de arrear bandeira.

Harpagão

Economia immensa
para quem não é rico.

Duarte

Olé se é differença!
O que ella ha de objectar talvez (digo eu cá isto)
é que em se dando o nó, nem que viesse Christo
não ha mais desatal-o; e sendo a escolha errada,
lá fica até á morte a victima infernada.

Harpagão (exclamando para si)

Sem dote!!

Duarte

É uma razão a que se não replica;
bem vejo. Alguma gente é que ha de vir co'a nica
de dizer que o casar, não sendo obrigação,
não se deve fazer sem mutua inclinação;
e que ninguem se lembra, inda que o demo o queira,
de unir estio e inverno, um cepo e uma roseira;
e que enlaces assim provam mal, de ordinario.

Harpagão

Sem dote!!

Duarte

Sim senhor, quem lhe diz o contrario?

isso é uma razão de escacha-pecegueiro;
inda que ha muitos paes amigos do dinheiro,
que antes de o calcular calculam muito ao serio
onde a filha irá ter: se a ceo, se a cemiterio.

Harpagão

Sem dote!!!

Duarte

A coisa é essa.

Harpagão (olhando para a porta do fundo, e á parte)

A modo que dei fé
de um vulto no jardim! mau! corro a ver o que é.
(alto)
Não saiam, que eu já venho.
(á parte) Ai! meus dez mil cruzados!
Se alguem m'os sonharia! isto é que são cuidados!...
(Vae-se apressado pela porta do fundo)

SCENA VIII

LUIZA e DUARTE (depois de darem tempo a que o pae já os não possa ouvir, e tendo estado a olhar ambos para a porta do fundo)

Duarte

E esta!

Luiza (picada, e depois de pausa)

E esta! inda não creio
no que lhe ouvi. (pausa) Concordar
em tal coisa! (pausa) Não me dar
razão a mim!

Duarte

Foi receio
de exasperal-o inda mais,
e abrir-lhe os olhos talvez.

Luiza

Fel-a bonita, oh! se fez!
E agora?! receios taes
n'um lance extremo! no lance
de nos salvar ou perder!
(em tom ironico)
Adeus! quando não me alcance,
ha mais por onde escolher.

Duarte

Quanta prudencia é precisa
para escutar uma injusta,
uma zelosa!

Luiza

Sim; custa;
por isso a entrega.

Duarte

Oh! Luiza!
Pois tu não vês que ir-me oppor
de cara a cara ao seu plano
era matar logo em flor
o fructo porque me afano?
Genios que á razão não saem,
não se hão de atacar de frente;
põe-se-lhes cerco paciente,
mina-se, espera-se, e caem.

Luiza (com muita afflicção)

Mas como esperar, Duarte,
se é hoje mesmo...

Duarte

Não sei;
é procurar traça, ou arte,

de espaçal-o. Buscarei.
E tu procura egualmente.

Luiza (depois de pausa longa)

Não ha; não me occorre nada.

Duarte

Se te fingisses doente?

Luiza

Vinha o medico, a tratada
era logo descoberta,
via-me sã como um pero.
Valha-me Deus! que exaspêro!

Duarte

Pois medico algum acerta
co'o que está dentro da gente!
póde haver males sem febre;
qualquer com ar de sapiente
te engole gato por lebre.
O mais que podem fazer,
por não deshonrar o emprego,
é dar ao teu padecer...

Luiza

Um remedio?

Duarte

Um nome grego.

SCENA IX

Os mesmos e HARPAGÃO (que volta da porta do fundo)

Harpagão (á parte)

Nada foi, Deus louvado!

Duarte (sem haver ainda attentado em Harpagão)

Emfim, se não houver
outro modo, é fugir, e ser minha mulher.
Tens valor, minha estrella?

Luiza (com muita firmeza)

Eu tenho.

Duarte (reparando em Harpagão, mas continuando como se o não tivera visto, e fazendo com os olhos signal a Luiza para que dissimule tambem)

Não me sae
d'este argumento: um pae é pae ou não é pae?
é pae; quem ha que o negue? E a filha não é filha?
é; logo, a filha boa ao seu bom pae se humilha.
(á parte)
Estou como os do grego.
(alto para Luiza, e ainda com mais intimativa)
Uma donzella (entende?)
acceita, e não escolhe; escolher quê? pretende,

sem uso algum do mundo, e só co'os seus sentidos,
dar a seu pae lições ácerca de maridos?

(á parte)

Bom; cada vez mais grego! eu, se isto dura, espero
vir ainda a desbancar ao proprio padre Homero.

(alto para Luiza, e cada vez com mais fogo)

¿Pesou já bem, pesou... (senhora não me esgote
de todo a paciencia) esta razão: SEM DOTE!?
Sem dote!! uma menina esperta, e de pudor,
lança as mãos ambas logo, e, seja como fôr,
apanha a veniaga. Amor! essa é que é bella!
engorde co'a ternura o caldo da panella.

Harpagão

Bravo! isso é que é fallar que nem o melhor livro.

Duarte (fingindo-se sobresaltado com a apparição do amo, e confuso)

Tenho este mau costume, e d'elle não me livro:
digo sempre o que entendo, e ás vezes brutamente;
perdôe-me o patrão, se passo de imprudente
em vir intrometter-me onde ninguem me chama,
e em fallar tão severo aqui á minha ama;
que eu não sei se o senhor ouviu ou não.

Harpagão

Ouvi.

Approvo, e muito louvo; até delego em ti
o meu poder paterno ácerca d'esta louca,
já que ás minhas razões tem sido sempre mouca;

sê tu seu vice-pae com plena auctoridade;
tens mais paciencia que eu, zelo, e juizo.

Luiza

Eu...

Harpagão

Ha de
obedecer-lhe em tudo, e não me remenique.
(para Duarte)
Faze-lhe a operação da cataracta.
(para Luiza que vae retirar-se)
Fique,
e tenha-me juizo.

Duarte

Isso ha de o ter; socegue.
Cá está sombra fiel, que a toda a parte a segue.
(Ouve-se da banda do jardim, mas ao longe, um assobio dos que o rouxinol expede antes de repenicar a cantiga)

Harpagão

Ouvi um assobio a modo... Não sentiram?
da banda do pomar?

Duarte

Algum passaro.

(ouve-se segundo assobio)

Harpagão

Ouviram?
tão claro!

Duarte

O rouxinol (talvez) que este anno veio
morar no laranjal.

Harpagão

Que rouxinol? não creio;
antes algum signal (sei cá?) de ratoneiro,
a convocar mais sucia ao faro de dinheiro.
Vae ver, Luiza, vae, se da tua janella
avistas novidade; é bom toda a cautella.

(Sae Luiza pela segunda porta da esquerda)

SCENA X

DUARTE e HARPAGÃO

(Ouve-se cantar o rouxinol. Harpagão e Duarte ficam por al[illegible] espaço a escutar)

Duarte

Era o rouxinol; pois que era?
não n-o ouve? e trina! trina!
nada chega á primavera.

Harpagão

E o verão? esse é que é mina!
noites tão claras e breves,
que até se dispensa luz.

Duarte

E roupa na cama.

Harpagão (com enthusiasmo)

Deves
ser meu amigo.

Duarte (com enthusiasmo egual)

Jesus!
se o sou, senhor Harpagão!
isso é uma simpathia!...

Harpagão

A gente em irmãos confia;
vou-te fallar como irmão. (pausa)
Tive uma idéa famosa;
has de approvar-m'a.

Duarte

De certo.

Harpagão

Vem ouvir aqui mais perto;
e segredinho!

Duarte

Essa prosa
é que se póde escusar;
sou um cofre de segredo.
A idéa! nada de medo.

Harpagão (depois de meditar um instante)

Duarte, sabes ladrar?

Duarte

Ladrar!!

Harpagão

Ladrar.

Duarte

Imagino
que ha de ser facil; eu sei!

Harpagão

Depois examinarei
se tens bom orgão canino;
mas has de ter.

Duarte

Supponhamos.

Harpagão

Este grande quintalão
tão entaipado de ramos
precisa de noite um cão.

Duarte

E precisa.

Harpagão

Os cães de fila
custam caro; e comem! comem!
cada um mais do que um homem,
que é o que mais me quezila.

Duarte

Tambem a mim.

Harpagão

Nota-me isto:
calculei: come um cãosinho
por anno...

Duarte

Chagas de Christo!

Harpagão

Dez moedas e um quartinho.

Duarte

Fóra! que bruto!

Harpagão

É verdade.
Deixemo-nos pois de cão.

Duarte

Acho-lhe toda a razão.

Harpagão (com complacencia)

Grande homem! já n'esta edade!
Ladraremos no quintal,
tu uma noite, outra eu.
Não é que eu tenha de meu
enterrado nem real;
mas sempre é bom.

Duarte

Olá se é!
Tem-se a casa mais segura.

Harpagão

Approvas?

Duarte

E louvo até.

Harpagão

Abraça-me! Que ternura
que tu me inspiras, Duarte!
és, és um homemzarrão...

Duarte (á parte)

co'uma patente de cão.

Harpagão

Dou-te n'este emprego parte,
só porque me vou casar;
quando não, tomava a mim
todas as noites ladrar;
não queria outro mastim.

SCENA XI

Os mesmos e LUIZA (que vem da segunda porta da esquerda)

Luiza

Nada se avista; nada.

Harpagão

Eu tenho de sair
a ver certa pessoa.

Duarte (para Harpagão, confidencialmente)

Adeus collega; e é vir
depressa; entende?

Harpagão (para Duarte, tambem confidencialmente)

Bem; tenho o primeiro dia;
amanhã serás tu. (Indicando Luiza) Fica-lhe de vigia;
e eu vou sempre outra vez correr esse quintal.

(Concerta diante do espelho o laço da gravata, e assenta com braço o pello do chapéo russado)

Duarte (entretanto a Luiza)

Pois agora, menina, é vida nova; em tal

escusa de pensar; quer queira quer não queira,
ha de casar.

(Aqui puxa Harpagão do bolso um pente desdentado, e põe-se diante do espelho a riçar com elle a perruca)

Um pae, que sob a cabelleira
esconde cãs, miolo, e tanta experiencia,
e que tão bem lhe quer, tem jus a obediencia;
não ha mais refilar-lhe.

Harpagão (á parte)

Assim; assim.

Duarte

E então
sem dote!

Harpagão (á parte)

Justo.

Duarte

E pensa o que é *sem dote?*

Luiza

Não;
mas hei de pensar n'isso.

Harpagão (á parte)

Aposto que hoje a bella
vendo-me ha de sorrir, se estiver á janella.
Lindas flores que eu vi abertas na roseira!

Duarte (a Luiza)

Pois ahi está.

Harpagão

Vou pôr uma aqui na botoeira.
(Sae pela porta do fundo)

SCENA XII

DUARTE e LUIZA

Duarte

Que me dizes, que me dizes,
Luiza, á nossa ventura?

Luiza

Inda a não julgo segura.

Duarte

E eu já nos dou por felizes.

Luiza

Pobre pae! quanto eu não dera
para podel-o inda amar!
O amar a um pae deve dar
tanto gosto! (e eu sou panthera!)

Duarte

Quando nós formos esposos,
mãe e pae de netos seus,
vingar-nos-hemos ditosos
amando-o.

Luiza

Permitta Deus!
é tudo quanto lhe peço.

Duarte

E has de obtel-o.

Luiza

Ou talvez não.

Duarte

Receios em tanto excesso
não ficam mal?

Luiza

Ficarão;
mas tu chamal-os receios,
e eu remorsos.

Duarte

Quando vês
que tudo aos nossos anceios
corresponde, e é já talvez
para nos coroar, que o maio
se está desatando em flores,

(apontando para o jardim, onde o rouxinol está tando)

e o rouxinol trina amores,
epithalamio de ensaio...

Luiza

Ah! como o meu pobre irmão?
tambem poeta?

(Ouve-se ladrar no quintal)

Escutar;
que é aquillo?

Duarte (rindo)

Um novo cão,
que anda aprendendo a ladrar.

FIM DO ACTO I

ACTO II

SCENA I

JULIO e THOMAZ

Julio

Por onde andaste até 'gora?
e eu á tua espera aqui
de empada ha mais de uma hora!

Thomaz

Isso logo eu discorri;
mas a culpa não foi minha:
foi do senhor Harpagão

Julio

De meu pae! elle que tinha
co'o esperares-me ou não?

Thomaz

Mandou-m'o esperar na rua;
bem sabe o que elle é.

Julio (á parte)

Sei, sei.
(alto) O de que eu te encarreguei
faz-se? progride, ou recua?
Dei-te pressa; pois a pressa
agora é muito maior;
tenho um rival; e o peor
é que é meu pae.

Thomaz

Ora essa!
elle! o pae! apaixonado!
seu rival o pae!!

Julio

Sim, sim.
Quando elle m'o disse a mim,
tambem eu fiquei pasmado;
quasi que tive um desmaio!
custou-me a dissimular!

Thomaz

Elle amar! amar! amar!
cantou-lhe o cuco este maio!

Julio

Isto só a mim.

Thomaz

Diz bem;
mas ouvindo-lhe esse amor,
porque motivo o senhor
lhe não disse o seu tambem?

Julio

Pedaço d'asno! Querias
que eu descobrisse o meu jogo?!
Assim, com mais desafogo
posso ir procurando vias
por onde sem arruido
eu vença, e o livre a final
da idéa descommunal
de entrar no rol dos maridos.
Mas que resposta me trazes?

Thomaz

Pedir emprestado é triste.
Por coisas passam rapazes
co'os usurarios!!...

Julio

Desiste
da prégação importuna,
que não me achas de maré.
Emprestam, ou não?

Thomaz

O que é,
é que o tal Simão Fortuna,
o do escriptorio da agencia
que nos foi recommendado,
sujeito de consciencia,
falla mansa...

Julio

Está louvado;
que fez?

Thomaz

Disse-me que tinha
engraçado co'o meu amo;
que lhe achava uma carinha...

Julio

Sim senhor, tambem o eu amo;
adiante; desempacha;
arranja os dez mil cruzados?

Thomaz

Arranja, estão arranjados;
mas com clausulas; se as acha
justas e a seu gosto, aceita,
e é logo o oirinho na mão;
aliás...

Julio

Aliás?

Thomaz

Se as rejeita,
fica na mesma.

Julio

Um pingão!

Thomaz

Justo.

Julio

E levou-te a fallar
ao que ha de dar o dinheiro?

Thomaz

Devagar; mais devagar;
ha suas nicas primeiro;
porque assim como o senhor
deseja occulto o seu vulto,
tambem o emprestador
quer ter o seu vulto occulto;
percebe?

Julio

Eu não.

Thomaz

São mysterios;
coisas lá da synagoga;
cabra-cega que se joga
entre dois sujeitos serios.
Nem diz seu nome, nem quer
que lhe falle em sua casa;
hoje a um colloquio o empraza,
mas é n'outra de aluguer;
entende?

Julio

Menos ainda.

Thomaz

Toda a cautella acha pouca;
quer-lhe ouvir da propria bocca
um *kyrie* que nunca finda:
que tem, o que espera ter,
quem é, os seus paes quem são,
e se ha testamento ou não,
e como é o seu viver...
confissão geral em summa;
e depois talvez que não;
quem diz filho de Harpagão
deu mil seguranças n'uma.

Julio

E minha mãe falleceu;

e eu tenho um quinhão na herança;
tem, tem toda a segurança
de que não arrisca o seu.

Thomaz

Isso tem; mas se consente,
vou ler o que o mutuador
ao amigo nosso agente
n'este papel mandou pôr.
São certas clausulas prévias,
que podem quadrar-lhe ou não;
se lhe quadram, bem; subscreve-as;
se não lhe quadram...

Julio

Que são?

Thomaz (lendo)

Primeiro: exige o mutuante
quantas cauções possa haver,
para seu socego.

Julio

A'vante;
dou-lh'as, e cumpro um dever.

Thomaz (lendo)

Segundo: o mutuario quer-se
que seja maior.

Julio

Já sou.

Thomaz (lendo)

que não jogue, que não verse.

Julio (á parte)

Algum poeta o logrou.
(alto) Eu verso, mas não publíco;
posso-o negar; fiz a vasa.

Thomaz (lendo)

Terceiro: que seja casa
choruda e solida.

Julio

Fico
porque a nossa o satisfaça

Thomaz (lendo)

Quarta: quer-se obrigação
muito clara, e que se faça
por mão do tabellião
mais honrado, o qual será
da escolha do mutuante.

Julio

Tambem não me opponho; vá

Thomaz (lendo)

Quinto: (fallando) O quinto é que é chibante
(continuando a ler)
Declara o emprestador,
por ser bom christão e humano,
que empresta a somma que fôr,
a cinco por cento ao anno.

Julio (contentissimo)

Bravo! que homem!

Thomaz (continuando a ler)

Todavia,
como não tenha ao presente
a necessaria quantia
para este emprestimo urgente,
e por isso ha de ir tomal-a
d'outra mão, em que lhe pêz,
a qual mão só póde dal-a
a cinco por cento ao mez,
o primeiro mutuario
fallando) isto é: vossa senhoria,
(continuando a ler)
obriga-se...

Julio

Que usurario!

Thomaz (lendo)

por uma e outra quantia;
(fallando) pelos dois juros; percebe?

Julio

Percebo; que ladroeira!

Thomaz (fallando)

Bebe azeite.

Julio

Aqui não bebe;
não caio em tal ratoeira.

Thomaz

Pense, e faça o que entender.
Eu tambem acho...

Julio

Acha o quê,
grande burro? então você
não acaba de entender

que n'este apuro infernal
me é forçoso estar por tudo?

Thomaz

Isso disse eu mui sisudo
ao nosso amigo, tal qual.

Julio (apontando para o papel)

Que mais propõe essa malta?
essa quadrilha? Que amigo!
Conclue.

Thomaz

Concluo; só falta
um tudo-nada de artigo:
endo) *Sexto emfim: o mutuante,*
por mingua de numerario,
só dará ao mutuario
metade em metal sonante;
mas dá-lhe a outra metade
em trastes, moveis, e joias
de grande valor.

Julio

Tramoias!
se eu fosse adelo...

Thomaz (fallando)

É verdade;
eu logo o disse tambem;
mas oiça o rol do bazar.

Julio

Que grande judeu!

Thomaz

É bem,
bem da tribu de ensacar.
(procurando no papel o artigo)
Et cæt'ra, coisas e loisas,
que lhe dá o mais barato
que lhe é possivel as coisas,
e inda perde no contracto...
Aqui está; oiça: (lendo) *Um armario*
de bello charão da China:
custou em novo a um templario
quinhentos mil réis.

Julio (ironico)

Que mina!

Thomaz

Só lh'o carrega em trezentos.

(lendo) *Uma espada, que se diz*
fôra do Mestre d'Aviz;
dezoito mil e duzentos.
Tres bonecas de alabastro,
que se affirma com certeza
que estavam sobre uma meza
na sala de Ignez de Castro;
cada uma, tres quartinhos.
Um viveiro de canarios;
moeda. Dois relicarios
com seus lavores d'anjinhos;
nove mil réis. Uma banca
de pau santo bem lavrado;
cem mil.

Julio

Tens reparado
se ahi vem alguma tranca?

Thomaz (fallando)

Mas arranja-se.

Julio

E que mais?

Thomaz (lendo)

Um manicordio bonito
do gosto mais exquisito.
Uma tina e seis missaes;

trezentos mil réis por tudo;
e inda abate oito tostões.
Um leito co'as armações
bordadas, e de veludo.

Julio

Olha que eu já te não vejo!

Thomaz

Paciencia; mais um pouco.
(lendo) *Item: mais um realejo*
quasi inteiro. Item: um côco
esculpido, e co'o seu cabo.
Um painel de auctor antigo,
mas sem nome.

Julio

Oh! que diabo!
e dizes tu...

Thomaz (fallando)

O que eu digo
é que attenda. (lendo) *Esta pintura*
foi n'outro tempo magana;
mostrava a casta Susana
a entrar no banho; hoje é pura;
deu-lhe um poucochinho a traça,
e então deixou-a decente;
de modo que inda tem graça

sem fazer córar a gente.
(fallando) Um ovo por um real.
(lendo) *Cem mil réis; e abate um pinto.*

Julio

Basta; em mais já não consinto.

Thomaz (fallando)

Pouco falta. (lendo) *Um animal*
das Indias, ou dos Brasís,
que assusta mesmo empalhado.
Um lambique em bom estado,
co'os competentes funís.
(fallando) Co'os preços já o não canço;
aqui os traz cada objecto.
(lendo) *Um gamão quasi completo;*
um sino; um macaco manço.
O retrato de um penetra;
um cofresinho vazio;
um bom tonel, sem bafio;
um xairel, um chaile, etcœ'tra.
D'estes valores sommados
inda abate o mutuante
dois por cento...

Julio

Oh! sacripante!

Thomaz (lendo)

pela alma dos seus finados.

Julio

Tudo isso que valeria
quando eu podesse vendel-o?
a pelle d'esse camello
é que eu mercava. Queria
regalar-me a espesinhal-a.
Que infamia! como se abusa
de quem precisa, e se rala
sem poder!...

Thomaz

Lá entra a musa
co'a solfa usada dos pobres.

Julio

Caí nas garras de um urso.

Thomaz (encolhendo os hombros)

E então?

Julio

Vê lá se descobres,
se inventas algum recurso.

Thomaz

É que não ha.

Julio

Nada?

Thomaz

Nada.

Julio

Força-me pois o onzeneiro
a acceitar pouco em dinheiro,
e infinito em tralhoada.
(depois de pensar um pouco)
Que remedio?

Thomaz

Acceita?

Julio

Acceito.
Que fera! dou-me a partido;
que hei de fazer? mais perdido
fico ainda, se rejeito.
E um naufrago não se aferra
a um junco podre? (á parte) Ah! Marianna!

Thomaz

Essa estrada, se a não erra,
leva-o direito a pantana;
desculpe-me o atrevimento.

Julio (á parte)

A culpa é do negro amor.

Thomaz

Sempre assim foi; o avarento
produz o dissipador.

Julio

E dizem; maus filhos!

Thomaz

Acho
que ás vezes bem sem razão.

Julio

Pois não é?

Thomaz

Como diacho
se ha de ter muita affeição
a quem nenhuma nos mostra,
devendo-a ter infinita?

Julio

Quem a natureza arrostra
não accuse a quem o imita.
Ser um pae que lance a gente
n'este lago dos leões!

Thomaz

Não é por eu estar presente,
nem por ser de presumpções,
mas tenho um bom natural.
Mesmo assim, sendo eu pessoa
que nunca furtei real,
tomava por obra boa
(Deus me perdôe se isto o offende)
roubar ao senhor seu pae,
e dar a meu amo; entende?

Julio

Dá cá o papel.

Thomaz

Ahi vae.

Julio

Quero-o ler eu proprio.

Thomaz

Espero?

Julio

Espera.

Thomaz

Assigna?

Julio

Verei.

Thomaz

Quer ainda pensar?

Julio

Quero.
Inda não sei bem; não sei.

(Vae sentar-se á mesa, que está por traz do boiombo no fundo do theatro. Thomaz fica em pé ao seu lado quasi encoberto aos espectadores)

SCENA II

Os mesmos, HARPAGÃO e SIMÃO FORTUNA (que vem ambos da primeira porta da direita)

Simão

Sim senhor, como digo é um rapazote guapo,
bem fallante, cortez...

Harpagão

Isso não me enche o papo;
avante; que pretende?

Simão

Está n'um grande apuro;
quer por força dinheiro.

Harpagão

E acha que irei seguro?
Veja lá, veja lá, senhor Simão Fortuna;
ha tanto meninó por ahi que vive á tuna!...
A' sua conta o deito; e lembre-lhe que a gente
só tem dois dias cá, e inferno eternamente.

Simão

Bem se sabe.

Harpagão

Ora pois, torno-lhe a perguntar:
acha a coisa sem risco?

Simão

Eu ia até jurar.

Harpagão

E apostava?

Simão

Isso não, não gosto de apostar.

Harpagão

Elle que posses tem? como se chama? disse
o appellido da casa? o meu amigo ri-se?
de que se ri? de quê?

Simão

Podera não me rir!
já dez vezes ou mais, lhe estive a repetir
que o não conheço a fundo; entrou-me lá na agencia
muito recommendado; acceitei-lhe a incumbencia
de achar-lhe emprestador; agora o mais pertence
ao meu illustre amigo; oiça-o, inquira-o, pense,
e faça o que entender. Lá que o julgo capaz,
isso julgo; abonou-m'o o nosso André da Paz;
mas lavo as minhas mãos; caso a coisa se grude,
tenho os tantos por cento, aliás haja saude.

) que me dão por certo é ser casão de arromba;
e a mãe já fallecida.

Harpagão

E elle herda.

Simão

Nada! zomba!
seus cem contos ou mais.

Harpagão

Bom; bom; já não é feio.

Simão

O proprio André da Paz deu-me a entender (e eu creio)
que o senhor Harpagão, querendo, poderia
pôr entre as condições, que o pae lhe morreria
dentro de um mez ou dois; ha tempos, n'um contracto,
já se lembrou de o pôr.

Harpagão

E o cão lambeu-me o prato
por tal signal; emfim, senhor Simão, a gente
deve como christã valer n'um caso urgente;
foi sempre a minha regra.

Simão

É tal qual; eu por mim,
cá no meu fraco giro, a todos fallo assim.

Thomaz (em voz baixa para Julio)

Olhe o Simão Fortuna ali co'o pae!

Julio (baixo para Thomaz)

Dar-se-ha
que me denunciasse, e que tu mesmo...

Thomaz

Eu cá!
eu cá trahir meu amo!!!

Simão (reparando em Thomaz)

És tu?! d'onde soubeste
que a tal casa era aqui?
(para Harpagão)
Eu não lh'o disse. Peste
me rape antes de um credo...

Harpagão (baixo para Simão, e sacudindo-o colerico pela gola do vestido)

Ah! meu Simão Fortuna,
que te leva o diabo!

Simão

Espere, alma gatuna;

não me empolgue; jurei, juro-lhe, e até aposto
que não o descobri.

(em tom desconfiado)

Eu d'isto assim não gosto;
fallemos com juizo. (á parte) Abana co'uma gana!...
nem que eu fôra figueira.

Harpagão (á parte)

Até este me engana!

Simão

No nome do senhor, nem boquejei, repito;
nem fallei de tal casa.

Harpagão (á parte)

Arranjo tão bonito
foi-se pela agua abaixo!

Simão

Escusa agoniar-se,
e estar-me consumindo; acaba-lhe o desfarce
uma hora mais cedo; isso que tem? Comtudo,
fallasse quem fallasse, eu cá por mim fui mudo.
O senhor que receia? o meu recommendado
é pessoa capaz; verá; póde a seu grado
explicar-se com elle; e nada de refolhos!
é pão pão, queijo queijo.

(Julio, ao levantar-se arrebatadamente para apparecer, deixa cair o boiombo)

8

Harpagão

Enganam-me estes olhos,
ou sonho?!! Pois é Julio?!!...

Simão

Aqui o tem presente,
meu senhor Harpagão, o nosso pretendente.

Harpagão

E és tu, filho malvado?...

Julio

E é meu pae?!!...

Harpagão (continuando a falla)

quem se lig
com estes tratos?

Julio (continuando a sua)

quem a tratos taes me obriga?

(Fogem, Simão pela primeira porta da direita, Thomaz pe
segunda do mesmo lado)

SCENA III

HARPAGÃO e JULIO (a sós)

Harpagão

Queres deitar-me a perder,
vergonha da minha cara?

Julio

Co'a sua avareza rara
quer-me obrigar a morrer?

Harpagão

E ousas inda apresentar-te
a um pae? (De horror me confundo).

Julio

E ousará meu pae d'ess'arte
jámais presentar-se ao mundo?

Harpagão

Não te coram essas faces
de tanta relaxação?
Como é crivel que chegasses
a pôr na idéa, ladrão,

desbaratar de repente
o fruto de mil suores
dos teus honrados maiores!

Julio

E meu pae? meu pae não sente
vergonha de deslustrar
seu sangue, e o nosso appellido,
com esse trato escondido?
com essa usura sem par?
com essa falta de entranhas?
com essa mesquinheria?
com má fé, burlas e manhas,
de que até Judas riria?

Harpagão

Sae-te já de ante os meus olhos,
patifão! Quem tem um filho...

Julio

Já sei de cór o estribilho:
tem uma c'rôa de abrolhos.
E quem tem pae que o immola,
tel-a-ha talvez de flores?

Harpagão

Que fallar de mariola!

Julio (ironicamente)

A um pae, que é todo elle amores!
(energico) Quem merece mais censura?
quem necessita dinheiro,
e a todo o custo o procura,
ou quem por gosto onzeneiro
rouba o que não necessita,
o que de nada lhe serve?

Harpagão

Que raiva que me referve!
sae-te já já, monstro! Evita
que este volcão arrebente.
(Sae Julio pela segunda porta da esquerda)

SCENA IV

HARPAGÃO só

Harpagão (depois de ter estado por algum tempo cogitando)

Para a outra vez vae a pau. (pausa)
Deixal-o. O caso presente
assim mesmo não foi mau;
deixou-me mais sobre-aviso
para andar co'o olho alerta
sobre aquella besta esperta,
que o caso é de cão e guizo.

SCENA V

O mesmo e GUIOMAR (que vem da primeira porta da direita)

Guiomar (toda mesureira)

Senhor Harpagão de Sousa,
meu senhor...

Harpagão

Viva, Guiomar.
Já venho. (á parte) Torno ao pomar,
ver não ande por lá coisa.
(Sae Harpagão pelo fundo)

SCENA VI

GUIOMAR e THOMAZ (que vem da segunda porta da direita)

Thomaz (sem ver a Guiomar)

Inda me estou a rir, sem perceber nem nada.
Mas onde terá elle a immensa trapalhada
de que resava o rol? Um armario da China
não se traz na algibeira; a casa não tem mina
(que eu saiba); e que a tivesse, o tal macaco manço
pelo menos guinchava. Em summa, não alcanço.

Guiomar

É você, Thomazinho? aqui!

Thomaz

Que admiração,
tia Guiomar! Que a trouxe a esta habitação?

Guiomar

O meu modo de vida; esta ralada vida
de andar sempre a girar, n'uma continua lida,
a servir, a arranjar coisas de toda a casta
a quanto freguez ha. Bem sabes que não basta
para poder viver fiar na Providencia;
é preciso ajudal-a, e fazer diligencia;
já não chove maná, que baste a bocca aberta
para encher a barriga. Uma pessoa esperta
mantem-se da esperteza; arranja namorados,
alborca, empresta, vende; ahi tens os meus morgados;
traz-se a carinha á mostra, e a consciencia em paz.

Thomaz

Quer fallar ao patrão, já vejo.

Guiomar

Isso é, Thomaz.

E estou á sua espera; ha certo arranjosito
que elle ha de pagar bem.

Thomaz

Quem? elle?

Guiomar

Elle, repito,
elle proprio.

Thomaz

Pagar?

Guiomar

Pagar.

Thomaz

Tia Guiomar,
se quizer pescaria ha de ser n'outro mar;
d'aqui, nem alforreca.

Guiomar

Ora verás.

Thomaz

Grande isca
tenta pôr-lhe no anzol!

Guiomar

E ponho.

Thomaz

Não a arrisca;
perde-a; protesto.

Guiomar

E eu sei que o tubarão, e juro,
cae.

Thomaz

Não cae.

Guiomar

Se não ha engodo mais seguro!
verás.

Thomaz

Verá.

Guiomar

Pois sim; eu sou Guiomar dos Anjos,
a mestra examinada em seduzir marmanjos;
inda não dei com um, que é um, que me fugisse.
Bem sabes tu do amor! o amor é uma doidice;
e um doido está por tudo.

Thomaz

O nosso é differente;
fallando-se-lhe em dar tem furias! come gente!
Primeiro tirarão de um tronco secco azeite,
vinho de um pedernal, de uma pescada leite,
banhas de um esqueleto, affagos de um leão,

que um unico ceitil do senhor Harpagão.
Tem um horror ao dar, que nem nos dá bons dias.
Ouvindo-o, não parece; as fallas são macias,
(quando o são); muita prosa; e quando se descuida
té promessas ameaça. Um que não sabe, cuida
que tudo sae de dentro; e sae; mas da algibeira
é que não sae real, por mais que se requeira.
Se se chegasse a ver na triste collisão
de apanhar pontapés ou dar meio tostão,
não se punha a hesitar; e (creia no que digo)
levava os pontapés até... até no umbigo.
Quando ahi lhe morreu de fome uma jumenta,
chorou, e até poz lucto.

Guiomar

Era talvez parenta.

Thomaz

E só se consolou, por ver que o sapateiro
comprava a pelle.

Guiomar

E a carne?

Thomaz

A carne, um chanfaneiro.
Quando este anno passado o vento co'o granizo
matou a uva em flor, turvou-se-lhe o juizo.

Guiomar

Se o tinha.

Thomaz

N'isso tinha. E esteve decidido
a pendurar-se ali no parreiral despido.

Guiomar

Bom cacho!

Thomaz

O que valeu (não houve outro embaraço)
foi achar muito caro o preço do baraço.

Guiomar

Pois verás mesmo assim se eu lhe não prego o callo.
Mas chiton, lá vem elle; abala.

Thomaz

Abalo, abalo.

(Sae Thomaz pela segunda porta da direita)

SCENA VII

GUIOMAR e HARPAGÃO (que volta do jardim pela porta do fundo)

Harpagão (á parte)

Por ora tudo está bem.
(alto) Ora salve-a Deus, Guiomar;
emfim; chegou; inda bem!

Guiomar

Viva.

Harpagão

Mande-se assentar.

Guiomar

Não faz mingua; agradecida.
Este senhor Harpagão!
nunca vi na minha vida!
benza-o Deus! que rapagão!
Tomara-lhe eu a receita,
que não chegava a carcassa!
Que saude tão perfeita!
que rostinho!

Harpagão

Ora! tem graça!
não faça escarneo.

Guiomar

Quem? eu?
Pela minha salvação,
que nunca me pareceu
tão moço, tão guapo e são.

Harpagão

Deveras?

Guiomar

Com dez mil veras.

Harpagão

Qual! isso é brincar.

Guiomar

Não brinco.
Ha moços de vinte e cinco
muito mais velhos.

Harpagão

Chimeras.

Eu cá sinto no cachaço
a carga dos meus sessenta.

Guiomar

Sessenta, e mesmo setenta,
para um senhor como um maço,
que são? cá em nós, coitadas,
é que isso faz differença.
Quem quizer ter boas fadas
ha de nascer homem.

Harpagão

Pensa
que sessenta invernos...

Guiomar

Petas!
Sessenta, segundo eu acho,
são para um ditoso macho
o seu florir das violetas.

Harpagão

Assim será; todavia,
com menos vinte este macho
por mais feliz se daria;
digo eu cá.

Guiomar

Tambem não acho;
olhe; o senhor Harpagão

(e não lhe estou com enganos)
é de uma tal compleição,
que ha de deitar aos cem annos.

Harpagão

Hu!... tu!... tu!...

Guiomar

Ou cento e dez;
ha muitos exemplos.

Harpagão

Sim?

Guiomar

Pois não! eu entendo assim.
Para andar por balancés,
não digo: isso era demais;
mas emfim, para andar bem,
rir, comer, beber; se tem
todos todos os signaes!!
Dê-me licença; desejo
observal-o mais de perto;
não bula; aqui já lhe eu vejo
entre os olhos signal certo.

Harpagão

Que é? pois a tia Guiomar
tambem lê a buena-dicha?

Guiomar

Sou curiosa. A mão.
(pega-lhe a mão, e examina-lhe a palma)
Que bicha
esta linha a andar... a andar...
vae lá não sei até onde!

Harpagão

Mostre, mostre, onde é?

Guiomar

Aqui;
depois toma por ali
e acolá é que se esconde.
Cento e dez dizia-lhe eu!
agora é que eu prego um trinco!
(dá um estalo com os dedos)
Figas, morte! senhor meu,
mais de cento e vinte e cinco.
E para maior certeza,
em casa o verei nas cartas.
Que edadesinhas tão fartas!
benza-o Deus! que fortaleza!

Harpagão

Pois deveras sou tão forte?

Guiomar

O que eu de tudo isto infiro
é que se ria da morte;
só se o matarem a tiro.
Indicios dos mais selectos
que não costumam falhar.

Harpagão

Ora essa!

Guiomar

Ha de enterrar
bisnetos e tetrinetos.

Harpagão

Inda bem; dava-lhe agora...

Guiomar

O quê?

Harpagão

Agradecimentos,
co'um abraço, e um beijo.

Guiomar

Fora!
como é prodigo!

Harpagão

Os momentos
são preciosos. Então
que ha sobre os nossos arranjos?
vão bem?

Guiomar

Com Guiomar dos Anjos
haviam de ir mal? pois não!
N'isto de casamenteira
peço meças a qualquer.
Mas é que eu deveras queira.

Harpagão

Mas vamos nós, a mulher
querer-me-ha?

Guiomar

Devagarinho;
oiça-me, e julgue.

Harpagão (dando-lhe a rir uma bofetadinha com dois dedos na face)

Cigana!

Guiomar

O nosso bemdito anjinho...

Harpagão

Qual?

Guiomar

Qual!? a Dona Marianna!
Tomou-me uma sympathia,
que nem lhe eu posso dizer.
Em me não vendo um só dia,
já perde o rir, e o comer.
Eu aproveito-me d'isso,
e vou quantas vezes posso.
Parece que até remoço
ao pé d'aquelle feitiço!

Harpagão

Por força.

Guiomar

A nossa conversa.
bem imagina o senhor
sobre que versa ou não versa.

Harpagão

Sobre mim?

Guiomar

E sobre o amor.

Harpagão

Sim?

Guiomar

Pois então!

Harpagão

E ella! ella!

Guiomar

É bem curioso; em castigo,
por ora é que eu lhe não digo
o que tenho ouvido á bella.
Attenda, e tenha juizo.
Primeiramente entendi
que era decente e preciso
fallar á mãe.

Harpagão

Por ahi,
por ahi é que era a estrada;
sabe-a toda.

Guiomar

Nada! brinca!
pois o mais era dar cinca
logo na primeira entrada;
e ás vezes, casinhos vem,
em que reviro a mantilha,
fallando primeiro á filha,
e só tarde ou nunca á mãe.

Harpagão

E a mãe que disse?

Guiomar

Alegrou-se
que nem gato com bogalho.

Harpagão

E uma noticia tão doce
não m'a trazer logo!! eu ralho,
tia Guiomar.

Guiomar

O senhor
faz lá idéa da lida
em que ando ha dias mettida
por causa do negro amor?
Que azafama! tudo casa,
e tudo cá vem bater.
Não tenho tido lazer
para vir á sua casa.
(com intenção)
E casamentos bem pagos!
Casei uma baroneza
co'um almocreve de Lagos;
uma avó, com um perua teza;
um juiz, com uma peixeira

um mono, e uma frangainha
de treze ou quatorze...

Harpagão

E a minha?
que disse? que disse?

Guiomar

Queira
ter paciencia, e já lá chego:
a mãe assim que lhe eu disse...

Harpagão

Estou n'um desassocego!

Guiomar

que era bom que ella assistisse
hoje aqui ás escripturas
dos outros dois casamentos,
pois eram dois anjos bentos
que lhe iam fadar venturas,
e que o senhor Harpagão
era o proprio que me tinha
para ella e Marianninha
dado esse recado...

Harpagão (depois de uma pausa)

E então?
vem?

Guiomar (com cara alegre)

Vem, vem, cara magana.

Harpagão

Ambas? Que santa Guiomar!

Guiomar

Ambas, não. Vem só Marianna;
a mãe já lhe custa a andar.
Fia de mim a menina
que eu sou-lhe muito obrigada;
isso é verdade.

Harpagão

Ladina!

Guiomar

Tral-a esta sua creada;
mereço alviçaras; hein?

Harpagão (tossindo para fingir que não ouviu)

O caso é este, Guiomar;
hoje aqui ha-de-se dar
um beberete.

Guiomar

Acho bem.

Harpagão

Para quem joga de fóra
e não se vê nos tornilhos;
metto-me emfim n'esta nora
para pôr com dono os filhos.
Quero ao meu genro futuro,
que é todo parlapatão,
fazer esta distincção.

Guiomar

Elle é já homem maduro;
não é?

Harpagão

E podre de rico,
chama-se Anselmo.

Guiomar

Já sei.
um enxalmo, a penca em bico;
mora ao chafariz d'elrei.

Harpagão

Justo. Foi um achadão!
quintas, navios no mar!...

Guiomar

Quer dar-lhe então de cear?

Harpagão

Deus me livre! cear, não;
bem sabe o nosso ditado;
e é certo: de largas ceias
'stão as sepulturas cheias.
Basta merenda.

Guiomar

Approvado.

Harpagão

Lembrou-me então, que não vindo
d'ahi augmento á despeza,
ornar eu a minha meza
co'aquelle anjinho era lindo.

Guiomar

Cantou, que nem a sereia!
Pois bem; depois de jantar
cá lh'a trago.

Harpagão

Olhe, Guiomar,

que é merenda, e não é ceia;
falle-lhe claro.

Guiomar

Entendi.
Pois a Dona Marianna...
a senhora Dona... (aqui
dobra-se a lingua).

Harpagão (lambendo-se de gosto)

Magana!

Guiomar

Faz tenção de vir primeiro
visitar cá a menina,
a enteadinha.

Harpagão

E destina
passar a tarde?

Guiomar (rindo maliciosamente)

Matreiro!
destina passar a tarde
na feira, que está bonita,
e tornar.

Harpagão

Então não tarde;

jantem lá qualquer coisita,
e venham cedo. De cá
para a feira (que é distancia)
a nossa Marianna irá,
irão com toda a flammancia
na minha sege, que faço
muito gosto em lh'a emprestar.

Guiomar

Pois tem sege!!

Harpagão (com um grande suspiro)

Sim, Guiomar.

Guiomar

Não sabia.

Harpagão

É que no paço,
como eu lá tenho um emprego,
todos (e archeiros até)
riam de eu andar a pé,
e chamavam-me o gallego;
vê? por isso é que eu caí
em mercar a capoeira,
e não fiz de todo asneira;
a sege está para ahi
em nome de um moço, e ás vezes
anda todo o dia fóra
em serviço de freguezes.

Guiomar

Pois muito bem; vou-me embora.

Harpagão

Espere: sondou a mãe
ás vezes nem tudo acode)
sobre o que póde ou não póde
dar á filha? entende bem
que n'estas occasiões,
inda que a gente se torça,
tira da fraqueza força,
e alarga á bolsa os cordões.
Casar co'uma rapariga
de todo em todo sem nada,
não é coisa que se diga,
nem é praxe costumada.

Guiomar

Ai! que ratão de encommenda!
D'ahi perca os seus cuidados;
tem mais de dez mil cruzados.

Harpagão

De dote?!!

Guiomar

Pois não! de renda.

Harpagão

Ora essa! e eu ás escuras!
Explique-me isso, Guiomar.

Guiomar

Não tem muito que explicar;
contas claras e seguras;
senão, calcule: a primeira
é que ella *in verbo* comer
não é nada invencioneira.
Chego-me até a benzer
de ver o seu passadio!
uns feijões e uma sardinha;
batata e bacalhau frio;
e isto sem sumo de vinha;
aqui estão os seus jantares;
grande coisa é a creação!
Outras sem grandes manjares,
sem massas com parmezão,
pombos, perús, empadinhas,
arroz de substancia, Porto,
doces, frutas...

Harpagão

Que bestinhas!

Guiomar (continuando)

é logo focinho torto.

Prescindir de tudo aquillo,
crystaes, criados de meza,
muita prata, e cera acceza
em honra do gorgomilo,
deixa ao canto da gaveta
annualmente, pelo baixo,
oitocentos mil réis. Acho
que inda o calculo é forreta.

Harpagão

Adiante.

Guiomar

De catita
não tem nada; muito aceio
isso sim, mas sempre chita
ou paninho. Aqui no seio
qualquer florinha, se a ha,
de graça; e outra aqui.
(apontando para o cabello)
Diz ella
que o luxo a quem não é bella
inda mais feia a fará;
por isso aborrece as modas,
modistas, rendas, brilhantes,
vestidos de grandes rodas,
penteados coruscantes,
pós d'oiro, signaes, unturas,
aromas de toda a casta.
Fel-a Deus assim; não gasta
lá com essas imposturas.

Isto na roda do anno,
(como que calculando mentalmente)
sedas, toucados, anneis,
mette em caixa, (não me engano)
uns bons dois contos de réis.
Jogar, não joga, que o jogo
(diz ella) é o que mais arraza;
mulher jogadora em casa
é peor que um grande fogo.
No andar por baixo do meu
mora uma, e nem dois pontos
sabe dar, a qual perdeu
no outro anno ao jogo seis contos.
Foi coisa muito fallada;
por tal signal, que o marido
endoideceu.

Harpagão

Não duvido;
e deu-lhe muita pancada;
não deu?

Guiomar

Qual deu! atirou-se
ao poço, que é muito fundo.
Desgraças vão pelo mundo
co'o tal joguinho!! Eu se fosse
varão, casar não casava
(nem por um milhão que fôra!)
co'uma mulher jogadora;
antes co'uma gata brava.
Tornando ao ponto: já quero

pôr a perda por metade;
ponho tres contos; não hade
dizer-me que lhe exagero.
Na economia co'o buxo
tinhamos nós oitocentos;
co'os taes dois contos do luxo,
dezoito; co'os acrescentos
poupados da jogatina,
é mais de dez mil cruzados;
quatorze mil bem contados,
e mais quinhentos. Que China!

Harpagão

Com que a tal renda annual
era isso?

Guiomar

E então?

Harpagão

Então?!
Pois alguem dá quitação,
não tendo visto real?
Mettam-me o dedo na bocca!
engana preto com gaita!
Não jogar, comida pouca,
e não andar serigaita
isso vê-se?! isso chocalha?!!
isso encartucha-se?!!!

Guiomar

Bom;
se só crê no que dá som,
tambem ha.

Harpagão

Pois venha á balha;
por ahi é que devia
principiar.

Guiomar

Pois senhor,
não sei se ao pé de Leiria,
Coimbra, ou Penamacor,
ouvi a modo que tinha
muito de seu: pinheiraes,
vinhas, gados, olivaes,
(se lh'os deixar a madrinha).

Harpagão

Pois sim, sim, depois veremos.
Agora, minha Guiomar,
um ponto mais grave temos
em que será bom fallar.
Marianna é uma creança;
pois não é?

Guiomar

Por certo que é.

Harpagão

Lé com lé e cré com cré;
sempre ouvi; esta alliança
talvez que lhe não agrade!

Guiomar

Agrada, fique seguro.

Harpagão

Um homem da minha edade!
e se lá para o futuro...
sei cá!...

Guiomar

Lembrou muito bem.
E a mim que já me esquecia
fallar-lhe d'isso tambem!
e mais na idéa o trazia!
Ninguem, ninguem imagina
a mania singular
que tem aquella menina
lá n'esse particular.
Eu quando era rapariga
nunca tive tal aquella.
Gente moça para ella?
pois não! faz-lhe logo figa;
só gosta de velhos.

Harpagão

Essa
inda eu estava para ouvir!
explique-me isso depressa:
póde ser? está-se a rir!!

Guiomar

Custa a crer, bem vejo, custa;
mas ouvi-lh'o eu mesmo a ella.
Um ancião de cara augusta,
neve a barba, ó casco á vela,
val mais que uns impertinentes
torcidos, alfanadinhos,
de queixos barbiponentes,
e cabellos carapinhos!
nunca os vê sem cuspir fóra;
chama-os bonecos de feira;
tem lá aquella cenreira;
vê? são genios.

Harpagão

Ora! ora!
nunca imaginei. Tem graça
o diabrete, e siso.

Guiomar

Olé!

Harpagão

Bom.

Guiomar

Com ella não se faça
mais rapazinho do que é;
não queira o caldo entornado;
mostre-lhe bem ter sessenta,
e inda mais.

Harpagão

Estou pasmado!

Guiomar

Tambem eu pasmei; assenta
que eu era como ella em nova?
pois não! mesmo agora (e estou
com estes pés para a cova)
prefiro os moços. Tomou
lá aquella antipathia
co'os rapazes; que lhe quer?

Harpagão

Alguma algum lhe faria.

Guiomar

Pois não! achou-a; é mulher

que infunde a todos respeito;
mas quer saber? uma vez,
pedindo-a um certo sujeito,
se bem me lembra irlandez...
irlandez? não era, não;
cuido que era italiano,
francez, ou hanoveriano;
fosse o que fosse; allemão;
allemão é que era (e isto
correu pela minha mão;
affirmo-lh'o, por ter visto
com estes que inda aqui estão)
ao assignar da escriptura,
vemol-a nós côr de goivo!

Harpagão

A Mariannninha?

Guiomar

A futura,
sim senhor, por ver que o noivo
só tinha cincoenta e oito,
e lia sem pôr cangalhas;
apesar de ter biscoito,
e as barbas já bem grizalhas,
e tomar muito simonte,
roeu-lhe a corda; o infeliz
ficou, como o outro que diz,
como o esparguinho no monte.

Harpagão

É celebre!

Guiomar

Isso é.

Harpagão

Juizo
até hi.

Guiomar

No quarto d'ella
vê lá paineis de Narciso?
ou de Adonis? Uma cella
da abbadessa escrupulosa
não tem maiores recatos;
os seus paineis são retratos
só de gente muito idosa;
o pae Adão já na espinha,
Mathusalem, Abrahão,
Noé de gatas na vinha,
e outros que taes.

Harpagão

Sem questão
é tal e qual como eu sou.
Pois quem póde supportar

esses cabeças de grou,
esses focinhos no ar,
vaidosos, pintalegretes,
que por terem vinte e tantos
se julgam logo uns encantos?
Que fatos! e que topetes!
provocam-me cada engulho!
antes um velho saloio.
Cá isto é trigo sem joio;
e elles palhiço, e gorgulho.

Guiomar

Diz muito bem. Homem, isso.
Que figura! que vigor!
desempenado, macisso!
Passeie, faça favor.
(Harpagão passeia todo empertigado)
Vejam-me aquillo! direito
como um fuso; a cabecinha
mais alta; olhe bem a minha.

(Aqui podem fazer *ad libitum* o que se chama um jogo de scena, executando Guiomar com modos de homem os movimentos e posições que recommenda a Harpagão, imitando-a este, sem esquecer que se trata de namorar á antiga, olho piscado, lencinho ao nariz, etc.)

Harpagão

Assim?
(continua a passear com a cabeça muito levantada)

Guiomar

Assim. Que perfeito!

Inda bem que a minha edade
já não é de tentações.

Harpagão

Hei-de agradar-lhe?

Guiomar

Olé! se hade!
eu, tendo taes perfeições,
se fosse ao senhor, havia
mandar tirar o retrato,
e dava-lh'o.

Harpagão

É mais barato
dar-lhe o original.

Guiomar (á parte, mas com um suspiro,
e querendo ser ouvida)

E eu tia!
Cada um para o que nasce.
Aquella é que teve dita;
não ser eu moça e bonita!

Harpagão

A coisa por tanto faz-se;
não acha!

Guiomar

Ai! posso jural-o.
E a saudesinha?

Harpagão

Boa.
Não ha mais cá na pessoa
que o rheumatico, algum callo,
e o catarro.

Guiomar

Bagatellas!
Isso que admira em varões?
mostre-me uma entre mil bellas
que não tenha os seus senões.
(Harpagão tosse)
Catarro! catarro! eu digo
que nem quero tal ouvir.
O senhor tem no tossir
uma tal graça comsigo...

Harpagão (continuando a tossir)

Terei, mas é pesadinha.

Guiomar

Lá isso é que ninguem vê.

Harpagão

Mas diga-me cá você,
tia Guiomar, a lindinha
terá reparado em mim
quando lhe eu passeio a rua?
conhece-me bem?

Guiomar

Sim, sim,
conhece; que teima a sua!
forte idear impedimentos
a uma ventura tão certa!
Tem sempre a janella aberta,
e os olhinhos muito attentos,
a ver se o bispa. É verdade;
sabe quando é que ella o viu
a vez primeira, e sentiu
render-se-lhe a liberdade?
foi uma tarde de abril;
chovia, se Deus a dava!
todo o ar era um fuzil,
trovões, pedrisco...

Harpagão

E ella estava
co'um tempo assim na varanda?

Guiomar

Sortes já predestinadas;
venturas que Deus nos manda
no meio das trovoadas!
Vinha o senhor Harpagão
rua abaixo, mui direito,
co'o seu corpinho bem feito,
cana da India na mão,
e apesar da agua do ceo,
e do frio que era immenso,
carola ao vento, e o chapeo
embrulhadinho no lenço.
Tal rasgo de economia
fez-lhe tão viva impressão,
que ficou desde esse dia
mortinha do coração.
A cada instante m'o jura,
e nunca, nunca m'o diz
que não chore de ternura,
que parece um chafariz!
E eu sempre mais lenha ao lume,
que não se apague.

Harpagão

Obrigado.

Guiomar

Ponho n'isto mais cuidado
do que ella e o senhor presume.

Harpagão

Deixe estar que inda algum dia
espero talvez pensar
em lhe dar provas, Guiomar,
do que eu sou em bizarria!

Guiomar

Quem o duvida? o peor
é que antes d'esse futuro
me acho hoje n'um tal apuro,
que nunca o tive maior.
(Harpagão tosse fingindo que é da sua as
Trago ahi uma demanda
que, se a tempo não lhe acudo
com dinheiro (que é quem manda)
perco-a a ella, e foi-se tudo.
O senhor é que podia
valer-me n'esta afflicção.
(Harpagão repica mais a tosse)
Marianna inda hoje o dizia:
como o senhor Harpagão
não ha outro. O regozijo
que ella ha de ter quando entrar
por hi dentro co'a Guiomar!
(Harpagão alegra-se e cessa de tossir)
e o vir tão flammante e rijo,
co'a sua venera ao peito,
co'o seu rabicho ás laçadas,

seu chapeo ás tres pancadas,
um antiquario perfeito!

Harpagão

Ouvir isso e chupar favos
tudo é um.

Guiomar

Não ter de meu
hoje nem se quer dois chavos!
O escrivão, que é um phariseu,
se não lhe unto as mãos já já,
ha de tocar os pausinhos;
depois acudam-lhe lá!
asno morto, adeus visinhos!
(Harpagão escuta-a de viseira caída)
Eu não queria, senão
que podesse haver maneira
para o senhor Harpagão
espreitar a feiticeira,
quando está lá só comigo
bordando ao seu bastidor!
O qne ella diz e o que eu digo
a respeito do senhor!
Parece mesmo doidinha,
á espera da benta hora
em que ha de vir por hi fóra,
que nem princeza ou rainha!
vestido de fustão novo!
c'roa de flor de laranja!

sem galas vindas da estranja,
que é isso o que eu mais lhe louvo!

Harpagão

E eu tambem.

Guiomar (em tom supplicante)

Meu freguezinho!
pela boa sorte d'ella
que me valha!
(Harpagão torna-se a annuvear; Guiomar qu falla comsigo)
Ih! que focinho!

Harpagão (á parte)

É sanguesuga esta adella
(torna a tossir sobre posse)

Guiomar (alto)

Salve-me da tentação
em que estou (cruzes! diacho!)
de me atirar como um cão
de alguma trapeira abaixo!
seja meu pae, seja, seja,
que bem o póde! O chupista
com duas peças á vista
tenho fé...

Harpagão

Pois veja, veja
se as arranja. Estou com pressa,
que são horas do correio;
preciso obter uma peça,
e tenho a carta inda em meio.

Guiomar

Nunca me vi tão afflicta!

Harpagão

Vá, e não tardem; a feira
diz que este anno está bonita;
e contem co'a capoeira.

Guiomar

Pelo amor de Deus lhe rogo,
meu senhor...

Harpagão

Faça de conta
que em voltando é logo logo
a nossa merenda prompta.

Guiomar (simulando a maior afflicção)

Mal sabe...

Harpagão

Adeus! regalorio!

Guiomar

Salve-me...

Harpagão

Viva, Guiomar.

Guiomar

Não fuja...

Harpagão

Estão-me a chamar.
(grita para dentro)
Eu vou! cá vou! (á parte) Que oratorio!
(Sae pela porta do fundo)

SCENA VIII

GUIOMAR só (voltada para a porta por onde Harpagão desappareceu)

O diabo te leve, a asthma que te abafe,
um raio que te parta, um toiro que te estafe,
um credor que te apanhe, um fila, mas danado,
ás pernas se te afferre, esqueleto esbrugado!
pantesma! fona! vil! cainho! sem vergonha!
tolo! e queres amor com essa carantonha!?
sume-te, coisa má! eu te enguiço! eu te enguiço,
bruxo velho, socancra, immundo! má sumiço
te leve, unhas de fome! inda querias Cintra
e lua de mellado? espera lá, pelintra!

SCENA IX

A mesma, **JULIO** e **THOMAZ** (que deitam a cabeça para fóra, o primeiro da primeira porta da esquerda, o segundo da segunda da direita)

Thomaz

Sempre pescou, tiasinha?

Julio

Senhora Guiomar!

Guiomar (para o lado de Thomaz)

Que é lá?
(voltando-se para o lado de Julio)
Quem me chama?

Julio (estendendo para ella o braço,
com uma peça de oiro, e entregando-lhe apoz a peça tres c
umas atraz das outras)

Hóje é que eu tinha
mais pressa. Esta carta já;
e mais esta; e tambem esta.
Não quero senão Marianna;
dou baixa ás mais.

Guiomar

Não se engana?

Julio

Servir a doidas que presta?
digo á vadiice adeus.

Thomaz

Mas então pescou, pescou?

Guiomar

Pesquei um diabo; estou
mais perra que dez judeus.

Thomaz

Não pescou.

Guiomar (batendo com as cartas na mão
com a maior intimativa)

Arrebentada
acabe Guiomar dos Anjos,
se o rei dos velhos macanjos
m'a não pagar bem pagada.

Harpagão (chamando apressadamente da banda
do quintal, mas ainda sem ser visto)

O' Guiomar! Guiomar!

Julio

Ai!

Thomaz

Fujo.

(Desapparecem os dois, ao mesmo tempo que já se avista Harpagão á porta do fundo)

Guiomar

Lá me torna o centopeia.

(Sae arrebatadamente pela primeira porta da direita, fe traquinar rijo as campainhas. Quando se acha já da de fóra exclama)

Renego do porco sujo!

Harpagão (tornando a abrir a mesma porta)

Venham breve. E não é ceia.

FIM DO ACTO II

ACTO III



SCENA I

HARPAGÃO, JULIO, LUIZA, DUARTE, CLAUDINA,
de vassoira de pau ao hombro; **SEBASTIÃO**
e MEALHADA

Harpagão

Vamos lá, muito sentido
nas ordens que lhes vou dar:
quer-se tudo em seu logar;
e o brodio o mais bem servido.
(para Claudina)
Começo por ti, Claudina;
bem; já vens co'a arma prompta;
deixo o aceio á tua conta;
varre, escasqueia, examina
não fique algum cortinado
das aranhas. A limpeza
Deus a amou, diz o ditado
(quando não entra em despeza).
Toda a mobilia esfregada,
mas com amor (está visto);
fica a teu cargo além d'isto
a meza bem preparada.
Loiça, talheres, garrafas,
tudo a ponto; e já t'o digo:
se houver quebras co'as moafas,

depois te has de haver comigo:
desconto-t'o nas soldadas,
mais duro que ossos; verás.

Sebastião (á parte)

Lá d'isso é elle capaz;
e até de multas dobradas.

Harpagão

Andar já, Claudina; á vida.
(Sae Claudina pela segunda porta da

SCENA II

Os precedentes menos CLAUDINA

Harpagão

Mealhada, Sebastião,
vocês os dois ficarão
co'o encargo da bebida.

Mealhada

De bebermos?

Harpagão

Faz-se tolo!
De dar de beber á gente;

porém com modo prudente,
que não se turve o miolo.
Muitos criados de meza
têm a maldita mania
de andar n'uma roda accesa
perseguindo a companhia.
Mal um pobre convidado
vasou o seu copo, bumba!
é logo outro cheio; a tumba
que lhe agradeça o cuidado.
Cá em casa é que eu não quero
desgraças d'essas; se alguem
pedir de beber, mui bem;
dêm-lhe; inda assim não tolero
que seja logo á primeira;
a primeira muita vez
é engano do freguez;
esperem pela terceira.
E agua bastante no vinho,
que a agua é que não faz mal;
o homem e o irracional
só os diff'rença o juizinho.

Mealhada

Tiramos o balandrau?

Harpagão

Pois então? isso é decente?
mas basta em chegando gente;

por ora assim não está mau;
fato bom quer-se poupado.

Sebastião

Lembro a vossa senhoria
que o meu casaco outro dia
ficou aqui todo untado
co'uma larada de azeite
d'aquelle candieiro roto.
(indicando o candieiro pendente ao meic

Harpagão

Que esperdicio! que maroto!
não sei d'isso; lá se ageite.

Mealhada

Vossa senhoria sabe
como eu tenho as calças novas.

Harpagão

É do muito que as escovas.

Mealhada (continuando)

rotas atraz, que lhe cabe
este meu punho fechado.

Harpagão

Não sei; deita-lhe uma rede,
ou serve sempre virado
de costas contra a parede.
(Faz o mesmo que lhe recommenda para o ensinar com o seu exemplo)
Já se não vê. (Para Sebastião) E tu lá!
a nodoa póde occultar-se
co'o chapéo; traz-se ao disfarce;
assim.
(exemplifica-lhe comicamente o preceito)
Muda-te-me já.
(Sae Mealhada pela segunda porta da direita)

SCENA III

Os mesmos menos MEALHADA

Harpagão

Tu, Luiza, olhinho attento,
do principio ao fim da festa,
fazendo de cór assento
do que resta ou que não resta;
muitas vezes co'os sobejos
mantem-se uma casa dias.

Luiza

Tenho pejo...

Harpagão

Olha que pejos!
de fazer economias!!
Ha coisa que melhor fique,
e mais proveitosa seja
a quem casar se deseja?

Luiza

Mas...

Harpagão

Já disse, e não replique.
E agora vá-se arranjar,
que tem logo uma visita;
vem ahi a Mariannita
com a senhora Guiomar,
para irem todas tres
á feira.

Luiza

Pois sim, meu pae.

Harpagão

Sempre é tua mãe, bem vês;
deves comprazer-lhe. Vae.

Luiza (á parte
sorrindo furtivamente para Julio e Duarte, e já a cai
para sair pela segunda porta da esquerda)

A mãe da edade da filha!
pois hei de a amar eu tambem,

(o mano Julio é quem brilha
quando eu fallar co'a tal mãe).

(Sae pela segunda porta da esquerda)

SCENA IV

Os mesmos menos LUIZA

Harpagão

Julio, olhe cá você: emfim, sou pae, e esqueço
o aggravo e a ingratidão do seu furioso excesso;
mas n'outra não me caia; intimo-lhe se porte,
co'a dama em quem seu pae respeita uma consorte,
cortez, obsequioso, amavel, cavalheiro;
nem sombra de má cara. É pobre de dinheiro,
bem vejo; mas no mais, em tudo mais, não acho
quem lhe deite agua ás mãos; e tem juizo macho.

Julio

Eu fazer-lhe má cara! em toda a minha vida
nunca a damas a fiz; porquê? meu pae duvída?

Harpagão

Não duvido de nada; o que eu digo é que ás vezes
quando um viuvo casa, ha filhos tão más rezes,
que o tomam em trambolho; e monstros de tal casta,
que á sua nova mãe dão nome de madrasta.

Julio

Nunca lh'o eu chamarei.

Harpagão

E ella (fia-te em mim)
nunca te ha de chamar senão seu Benjamim;
bem que em geral a anoje a muita mocidade,
ha de fazer comtigo uma excepção; oh! se ha de!
Para a render de todo, o oiro sobre o azul
sei eu como era.

Julio

Como?

Harpagão

O andar menos taful.

Julio

Isso para depois. Agora o seu preceito
de a tratar muito bem, completamente o acceito.
(Sae pela segunda porta da esquerda)

SCENA V

HARPAGÃO, DUARTE e SEBASTIÃO

Harpagão (baixo para Duarte)

Has de ajudar-me, Duarte.
Vem tu cá, Sebastião;
quiz para o fim reservar-te
de proposito.

Sebastião

O patrão
a quem é que vae fallar?
ao Sebastião cosinheiro,
ou ao Sebastião cocheiro?

Harpagão

Aos dois Sebastiões.

Sebastião

A par
não póde ser. Um dos dois
'ha de, apesar do conjuncto,
ir primeiro, o outro depois;
qual o primeiro? pergunto.

Harpagão

O cosinheiro.

Sebastião

Paciencia,
queira esperar um momento.
(despe o sobre-tudo de cocheiro, e fica em traje cosinheiro)

Harpagão

Que historia é essa?

Sebastião

Apresento
mestre cuque na audiencia.
Falle vossa senhoria.

Harpagão

Pois, mestre Sebastião,
saberá que hoje ha funcção
cá em casa.

Sebastião

Não sabia.

Harpagão

Dou um brodio.

Sebastião

Ceia lauta?

Harpagão

Merenda, apenas merenda.

Sebastião (á parte)

Já me eu admirava!

Harpagão

Attenda;
risquemos bem esta pauta;
a coisa é séria.

Sebastião

E mui séria.

Harpagão

Um bom festim; fal-o-has?

Sebastião

Sou muitissimo capaz;
venham pintos sem miseria,
verá que meza lhe eu ponho.

Harpagão

É sempre aquillo: dinheiro!
muito dinheiro! supponho
que julga que eu sou mineiro.
Olha que grande milagre
fazer gallinhas de pintos?
até eu, mestre vinagre!

Duarte (baixo para Harpagão)

Atire esse mono aos quintos.

Harpagão (baixo para Duarte)

Quando este se me acabar,
não quero mais cosinheiro.
(alto para Sebastião)
Bruto! a gloria era arranjar
muito por pouco dinheiro.

Sebastião

Barato e bom?

Duarte

Sim senhor;
bom e barato; pois quê?

Sebastião

Pois faça-o sua mercê,
se é capaz; faça favor;
tome a seu cargo a cosinha
que eu sem saudades lh'a largo.

Duarte

Se eu a tomasse a meu cargo...
outro gallo...

Sebastião

Adeus, visinha;
temos conversado; estou
a modo já não sei como!
desde que ahi se encaixou
este tal senhor mordomo,
é elle quem quer ser tudo,
e quer de tudo entender.

Harpagão

Cale esse bocca.

Sebastião

Estou mudo;
pois tinha bem que dizer!

Duarte

Então diga-o.

Sebastião

Digo?

Duarte

Diga;
desembuche.

Sebastião

Não me acirre;
olhe que eu fallo.

Duarte

Prosiga.

Sebastião

Deixe-me, homem, não embirre.

Harpagão

Que tens tu que lhe dizer?

Sebastião

Tenho, senhor Harpagão:
que na minha obrigação
não se torne a intrometter.
Vae lá abaixo por costume
gritar que se poupe o sal,
tirar-me carvão do lume,
pôr tudo n'um badanal.
Já estive por duas vezes
de acha na mão, vae não vae,
que se d'ali me não sae
cheirava-lhe a camoezes.
Quel-o mais claro?

Harpagão

E a razão
estava da sua parte.

Sebastião

Nas coisas da minha arte
não torne elle a pôr a mão.

Duarte (á parte para Harpagão)

Tudo, só porque abomino
ver desperdicios!

Sebastião

Já disse:
trate lá da mordomice,
e não se me faça fino.
Mas vamos nós: o brekfeste
como quer então que seja?

Harpagão

Coisa barata, e que preste;
propõe tu.

Sebastião

Lembro isto; veja:

(Durante a seguinte falla de Sebastião, os tres actores faz curioso jogo de scena, porque á proporção que o cosi está de olhos no tecto e unha no dente considerando das iguarias, e por isso sem attentar nos outros dois, vae fazendo gestos cada vez de mais furioso, e Harpag vez de mais divertido. — Duarte dá mostras de querer a a Sebastião, e Harpagão segura-o pelo braço a rir)

Primeira entrada: rabiolos,
couve-flor á provençal,
maionesa com miolos,
borrachos, frangos, e tal.
Segunda entrada: crevéttes
com molho russo; lampreia,
salmão á turca, e croquettes,
um pastelão com grangeia;
uma matelota ingleza,
um gigote á prussiana,

um volovan á princeza,
um chocolate da Havana.
Sobremeza: sobremezas
temos nós (vae rol succinto,
para fugir de despezas)
doce, passas de Corintho,
frutas, e queijo, e Champanhe,
licores, caffé, pralinas.

Duarte (á parte para Harpagão)

Mato-o?

Harpagão (á parte para Duarte)

Não; se o exterminas
não sei onde egual se apanhe.
Bom doido!

Duarte

E envenenador.

Harpagão (como acima)

Matava-me os convidados.

Duarte

Depois de morto o senhor,
e reduzido a guizados.

Harpagão (alto para Sebastião)

Tudo isso é muito bonito;
merece os maiores gabos.
Mas vae-te com mil diabos
co'o teu *menu*. Meu Duartito,
que propões?

Duarte

Temos o gallo,
que ahi anda a pastar na rua;
podia-mos recheal-o,
e impingil-o por perua.

Harpagão

Que mais?

Duarte

Pois quer mais? salada.

Harpagão

Que mais? vem Dona Marianna,
bem vês.

Duarte

Lembro uma chanfana
de orelheira e feijoada;
é um prato que empanzina,
e dispensa tudo mais;
em attenção á menina,
vão lá mais esses reaes.

Sobremeza, tangerinas
(que as ha no quintal á farta);
são proprias para meninas,
e não carregam a carta.

Harpagão

Fiquemos n'isso; e de flores
na meza a maior fartura;
tantos cheiros á mistura
e tão variadas cores
fazem que a gente se esqueça
do comer e do beber.

Duarte

Senhor Harpagão, com essa
deu-me um quinao de tremer.
Chanfana, salada e gallo
bastam por tanto, e é de mais;
não se arrazam cabedaes,
e brilha muito o regalo.
Quantos hão de ser á meza?

Harpagão

Oito ou dez.

Duarte

Bem; a comida
que é para oito, bem servida
chega a dez.

Harpagão

Pois com certeza.

Sebastião (á parte)

Cambalhota no rifão.

Duarte (para Sebastião)

Que rosna você?

Sebastião

Eu nada.

Duarte

Cuida talvez, mestre empada,
que é bom comer muito?

Sebastião

Eu não.

Duarte

Nem elle ha coisa peor:
indigestões, estupores
(tome bem isto de cór
para seu governo) dores,
colicas, apoplexias,

mau saibo, cabeça obtusa,
pezadellos, dispépsias...

Sebastião

O que ali vae! corre a musa.

Duarte (continuando)

Quebreira de corpo; em summa,
quanto ha mau tudo origina
a maldita gulosina.

Harpagão

Ai! sem duvida nenhuma..

Duarte

E já não fallo nos gastos.

Harpagão

Que isso é o que não tem cura;
fica uma casa de rastos;
até o diz a escriptura.

Duarte

Foi dito de um sabio antigo:
é comer para viver,
não viver para comer.

Harpagão

Grande sabio era esse amigo.

Sebastião

E talvez fosse algum bruto
quando comia sósinho;
como os que ralham do vinho
depois do copasio enchuto.
Lá com sentenças de sabios
ninguem me embaça. Que pen:

Harpagão

Quem foi que soltou dos labios
essa divina sentença?
Talvez Salomão.

Duarte

Não sei;
não me lembra, mas seria.

Harpagão

Com que o tal sabio dizia...

Duarte

Tal qual o que lhe citei.

Harpagão

É *viver para comer.*

Duarte

Viver para comer — não.

Harpagão

Enganei-me; tens razão:
é *comer para viver.*
Bem; na casa do jantar,
para impedir barrigadas,
hei-de-o mandar entalhar
em maiusculas d'oir....adas.

(Harpagão ia dizendo por engano «maiusculas d'oiro» e emenda a palavra no meio, e ainda a tempo)

Duarte

Pelo que toca á merenda,
tomo eu tudo a meu cuidado.

Harpagão

Assim; fico descançado.

Sebastião (á parte)

E tambem eu; é fazenda.

Harpagão (para Sebastião)

A sege limpa.

Sebastião

Ahi vou já;
isso agora é co'o cocheiro.
(Torna a vestir a libré)
Prompto; que me ordena?

Harpagão

Está
bem limpa a sege?

Sebastião

E o palheiro
tambem.

Harpagão

Cale-se. Tem de ir
levar esta tarde á feira
tres damas.

Sebastião

Na capoeira?
co'a parelha?! está-se a rir
Os cavallos, coitadinhos,
não digo que estão de cam
porque a não teem; teem

'stão ali 'stão co'os anjinhos.
Podem lá sair!! só vel-os
corta os fios d'alma á gente;
são dois montinhos de pellos
que estão para ali. (Chora)

Harpagão

Doente
a minha parelha?

Duarte (á parte para Harpagão)

Qual!
Chimeras! não creia.

Harpagão

E não.

Sebastião

Mettam-n'a á sege, e verão.
Metta-a antes no hospital.
Fazer mal aos animaes...

Duarte

Bem se sabe.

Sebastião

Cá por mim,

tratar o proximo assim
repugna-me.

Duarte

Isto é de mais:
se não quer ir á boleia
não faltará quem o faça.

Sebastião

Bello. Entrego-lhe a almofaça,
e lá se avenha.

Duarte

Não creia,
senhor Harpagão, repito,
n'estas exagerações.
Tem dois soberbos frisões,
e de um vigor infinito;
podem ir d'aqui á Russia.

Sebastião (sorrindo)

Podem, se fôr n'um caixão.

Duarte

Sabe as manhas d'esta sucia;
de palha, de verde, e grão,
andam sempre esfomeados;
lá se entendem.

Sebastião

Meu amigo,
ha criados e criados.
Não jogue d'essas comigo,
se tem amisade ás costas.
Já o aviso.

Duarte

Agradecido.
Com que então, fazes-me em postas
se eu?...

Sebastião

Duvída? e eu não duvído.
Suppôr que eu furte aos cavallos,
eu que já tenho chegado
a arrancar para esteial-os
da propria boca o bocado!
Não lhe estou com mais aquellas.
Elles e eu...

Duarte

Que sommam tres.

Sebastião (sem fazer caso da interrupção)

parecemos (quanta vez!)
a chorar tres Madanellas;
tudo co'a fome! O rabão
hontem, já quasi nas vascas,

fez um olhar de afflicção,
só de ouvir *folhas e cascas.*
Não digo mais nada. Agora
se querem d'elles dar cabo,
que o dêem; espicham o rabo;
acabou-se; e eu vou-me embora.

Duarte

Ih! que desgraça tamanha!
perde-se o rei dos cocheiros;

Sebastião

Mas fica o mestre da manhã;
fica a flor dos lisonjeiros;
o mordomo espertalhão.

Harpagão

Basta; basta; nem mais pio.

Sebastião

Tantos zelos! desconfio
de tanto zelar, patrão;
Deus me perdôe! tudo aquillo,
que o não faz pobre nem rico,
leva alguma agua no bico.
Quer-lhe agradar e illudil-o;
o para quê não sei eu;
mas que elle o tenta é de fé.

Chego-me a danar até
de ver a baixa que deu
o respeito de meu amo,
desde a entrada d'este amigo;
porque eu (sem lisonja o digo)
ao senhor venero e amo;
amo e venero ao senhor,
(para si mesmo)
(apesar de andar faminto)
quasi tanto como sinto
ás nossas bestas amor.
Que lhe quer? são sympathias;
birrei para aqui.

Duarte

Bem sei.

Sebastião

Não uso lisonjarias:
mas lá que birrei, birrei.
Tanto, que ouvindo a insolencia
com que fallam d'esta casa,
até perco a paciencia.

Harpagão

Pois que dizem?

Sebastião

Pôem-n'o á rasa.

Harpagão

Faze favor de explicar-te;
que têem que dizer de mim?
Não ouves isto, Duarte?

Duarte

Deixe fallar.

Harpagão

Mas emfim...
que é que dizem? quero, mando,
que te expliques.

Sebastião

Para quê?
para se agastar?

Duarte

Não vê
que ainda o está inventando?
dê-lhe tempo.

Sebastião (á parte)

Este maldito!
se agarro o pau da boleia
sempre leva uma tareia...
(alto) Senhor Harpagão, repito

que se lhe eu contasse tudo
quanto se diz do senhor,
danava-se.

Harpagão

O fallador
timbra-me agora de mudo;
por obsequio, desembucha,
desejo tudo saber.

Sebastião

Quer? (á parte) Eu vou ver uma bruxa.

Harpagão

Quero, e até me dás prazer.

Sebastião

Já que o deseja, e me obriga,
e promette não zangar-se,
ahi vae tudo sem disfarce.

Harpagão

Era já tempo.

Duarte

Vá, diga.

Sebastião

Pois bem: para toda a gente,
mesmo em casas mui capazes,
meu amo é continuamente
a toirinha dos rapazes.
Todos nós, os seus criados,
andamos até corridos
co'os ditos desaforados
que vem aos nossos ouvidos.
—É tal pinga—dizem uns
que em attenção á cosinha,
acrescentou na folhinha
as temporas e os jejuns.
Outros, que em chegando o praso
de amendoas ou pão por Deus,
arma taes pégas co'os seus,
que tudo em casa vae raso;
por modo, que a boa usança,
tão digna de se observar,
o pão por Deus e o folar,
nem passam pela lembrança.
Este affirma que uma vez,
por um carapau furtado,
foi por meu amo citado
um pobre gato maltez.
Que á missa é todo fervores,
com os olhos sempre pregados,
não nos bemaventurados,
mas só nos seus resplendores.
Que em noites que não faz lua

o tem visto á faca sola
sósinho de rua em rua
chorando a pedir esmola.
Aquell'outros, que o senhor
de outra vez chegou até
a descer, pé ante pé,
alta noite...
(Pára, não se atrevendo a progredir)

Harpagão (incitando-o a ir por diante)

Onde?

Sebastião

Que horror!
n'uma noite endiabrada
de trovões...
(reparando na cara de riso de Duarte)
Aquelle ri-se?
desceu á cavalharice,
descalço, a empalmar cevada
da ração posta aos brutinhos,
que estavam enthusiasmados
a regalar os focinhos
com quatro grãos avariados.
Por signal, que foi sentido
pelo moço da boleia,
que levou d'uma correia,
e o zurziu mui bem zurzido;
tudo calado e sem luz;
sem se ouvir entre os estalos,

senão rinchar os cavallos,
e o senhor nem chus nem bus.
Para um bom servo é custoso
ouvir uns contos assim;
e os nomesinhos emfim
que lhe tem posto! eu nem ouso!...

Harpagão

Dize.

Sebastião

Chamam-lhe o sovina,
o esfomeado, o lazarento,
o socancra, o alma mofina,
o unhas de fome, o avarento,
o sem barriga, o mesquinho,
o misero, o lambe-pratos,
o perro que cita os gatos,
o porco, o fona, o caínho.

Harpagão

Sim? pois a esses senhores
levarás da minha parte,
em paga d'esses favores,
o que eu agora vou dar-te. (Soqueia-o)
Biltre, patife, maroto,
malcreadão, atrevido,
descambado, intromettido,
comilão, bebado, roto.

Sebastião

Eu bem dizia, o patrão,
se lhe eu dissesse a verdade,
havia arder.

Duarte

Pois não ha de
arder!

Harpagão

Elle é que arde; eu não.
(Sae Harpagão pela porta do fundo)

SCENA VI

DUARTE e SEBASTIÃO

Duarte (rindo)

Que tal, Sebastião, se o corpo te comia,
agora hade estar bom; mesmo optimo!

Sebastião

Não ria,
passaro arribadiço, espertalhão, tratante,
enredador; não ria, ou n'este mesmo instante
vamos ver se uma tunda em paga das tratadas
tambem lhe desafia as mesmas gargalhadas.

Duarte (sempre em tom de gracejo e ironia)

Não vae a arrenegar, mestre Sebastião;
socegue, por quem é.

Sebastião (á parte)

Já tem medo o pimpão!
Então posso galrar-lhe, e até (sei lá) soval-o.
(alto)
Você ri, e eu não rio; o seu grimpar de gallo
para cá vem barrado; e acabe-me co'os brincos,
se não quer que lhe troque os brincos em chorincos.

(Sebastião arregaçando as mangas vae crescendo para **Duarte**, e faz com que este, sem desmentir o tom e cara de brincadeira vá recuando diante d'elle até ao fundo da sala)

Duarte

Devagar; devagar.

Sebastião

Qual devagar! não quero.

Duarte

Tem mão.

Sebastião

Tenho até mãos.

Duarte

Espera.

Sebastião

Não espero.

Torne a rir se é capaz.

Duarte

Senhor Sebastião!

Sebastião

Não ha cá nem senhor, nem Sebastião; e então
para o velhaco mór!... Ai quem me dera aqui
um bom cacete!!

Duarte (mudando para tom serio, ameaçador, e decidido, e fazendo recuar deveras Sebastião até ao proscenio)

O que, maroto? espera ahi
que eu te ensino.

Sebastião

Dispenso.

Duarte

Olha que se até 'gora
me divirtiu o ouvir-te e o ver-te de ti fóra,
já puz ponto na farça; e racho-te a caveira.
Lembra-te de quem és, vasculho de cocheira,
rodilhão de cosinha. Eu se te ponho os pés,
esmago-te.

Sebastião

Bem sei.

Duarte

Um bruto é que tu és.

Sebastião

Sou, sou!

Duarte

Um mal creado, um tolo.

Sebastião

Isso é verdade.

Duarte

Por isso te não mato.

Sebastião

É generosidade!
e muito agradecido.

Duarte

O que eu te recommendo,
é que não tornes mais comigo...

Sebastião

Entendo, entendo.

Duarte

Faltares-me ao respeito! ameaçar-me! canalha!
vá lá ser ferrabraz entre os da sua egualha.

(Sae pela segunda porta da direita)

SCENA VII

SEBASTIÃO, D. MARIANNA e GUIOMAR (as quaes veem da primeira porta da direita)

Guiomar

Saber-nos-ha dizer, mestre Sebastião,
se está cá o seu amo, o senhor Harpagão?

Sebastião

Ha pouco inda cá 'stava; e por signal bem forte.
Ha de andar no quintal a vigiar o corte
da ramaria secca, a fim que o podador
não size alguma lenha.

Guiomar

Então faça favor
de lhe ir dizer, que tem aqui á sua espera
Guiomar, e a tal senhora.

Sebastião

Elle já vem.

Guiomar (á parte)

Podera.

(Sebastião sae pela porta do fundo)

SCENA VIII

D. MARIANNA e GUIOMAR

D. Marianna

Não sei que tenho, Guiomar;
sinto-me tão agitada!...
temo...

Guiomar

O que? não tema nada.

D. Marianna

Tremo de vel-o chegar.
Imagina uma pessoa
que está sentenciada á morte,
quando a hora fatal sôa,
e entra o algoz: por mais forte
que busque ostentar-se, o lance
não é para succumbir,
Guiomar?

Guiomar

De certo que o trance
não é muito para rir;
não é; mas que paridade
tem um casamento e a morte?
Sei que era outro o consorte
da sua escolha e vontade;

preferia o mocetão
de quem sempre anda a fallar-me.

D. Marianna

Tu mesma havias de dar-me,
se o visses, toda a razão.
Dois mezes ha, pouco mais,
nos visita dia a dia.
Ante os olhos maternáes
nasceu esta sympathia.
N'elle e em mim foi gradualmente
florindo em perfeito amor;
amor puro e amor fervente,
luz celeste e ameno ardor.
Minha mãe ao contemplal-o
nos bemdizia em segredo;
eramos duas a amal-o;
mas foi sonho, acabou cedo.

Guiomar

E soube quem elle fosse?

D. Marianna

Não sei; sei que tem um ar
tão grave, tão bom, tão doce,
que obriga por força a amar;
e que obtel-o por marido
me fôra a maior mercê.

Guiomar

Se elle tivesse com quê,
póde ser; assim... duvido.
Conheço mil puxadinhos,
dos que mais floreiam; tem
por fóra brilho e carinhos;
por dentro, nem um vintem.
Então digo eu que a menina,
que não é nenhuma louca,
deve antepor esta mina
a fazer cruzes na boca.
Eu bem sei que a mocidade
não se dá bem co'a velhice;
e que ha de ter, ora se ha de!
muita maré de perrice.
Mas adeus! consorte edoso
não é marido de dura;
morto elle, nasce a ventura;
vem-lhe riqueza, repouso,
liberdade; póde então,
solta do que está na cova,
co'o valor do caldeirão
comprar a caldeira nova.

D. Marianna

É triste coisa a ventura
que ha de custar uma vida.

Guiomar

Todos morrem; desventura
é caduquez mui comprida.
Digo até que o seu dever,
para ser bom e cortez,
era obrigar-se a morrer
dentro em dois mezes ou tres;
e isso expresso no contracto.
Ri? tem razão, que era arranjo;
mas diga-me cá, meu anjo
se o seu rapaz lhe é tão grato,
o velho tão repugnante
e a mãesinha tão amiga,
não percebo quem-n-a obriga
a ser d'este sacripante;
não é o amor, nem sou eu;
o que é pois?

D. Marianna

O meu dever.
Minha mãe quasi a morrer,
sem mais abrigo que o meu!
tudo quanto em casa havia,
vendido já; que me resta
em situação tão funesta?
immolar-me. Pois devia
ver morrer ao desamparo
quem me dera tudo e a vida?
jámais; estou decidida;
vou salval-a; aceito o avaro.

SCENA IX

As mesmas e HARPAGÃO (que vem da porta do fundo)

Guiomar (em voz baixa para D. Marianna)

Chiton, que lá vem elle.

D. Marianna (em voz baixa para Guiomar)

Oh! que figura!

Harpagão (para D. Marianna)

A's plantas
de vossa senhoria, altar de graças tantas.
Não ha de reparar nos oculos; é certo
que a sua formosura é clara ao longe e ao perto,
nem adquire mais graus com oculo de augmento;
mas os astros tambem são soes do firmamento,
e a sabia astronomia os oculos lhe assesta.
Digo e sustento pois, que estrella egual a esta
não ha no ceo; nem mesmo a estrella luzidia,
chamada Venus, chega a vossa senhoria.

(Depois de estar por alguns minutos á espera de resposta, em voz baixa para Guiomar)

Então ella não falla?

Guiomar (em voz baixa)

Ai! falla o que é preciso,
mas como tem de seu muitissimo juizo,
entende que o fallar, não sendo necessario,
é despender sustancia em acto perdulario.
De mais (e penso que este é o principal motivo)
bem vê que uma donzella é um ente muito esquivo,
e a qualquer expressão que cheire a requestal-a,
assusta-se, estremece, e perde logo a falla;
depois aquillo passa.

Harpagão (em voz baixa)

É verdade.
(em voz alta para D. Marianna)
Ahi vem
minha filha Luiza abraçar sua mãe.

SCENA X

Os precedentes e D. LUIZA (que sae da segunda porta da esquerda)

D. Marianna (caminhando com ar prasenteiro para D. Luiza)

Senhora D. Luiza!

D. Luiza (idem)

Minha senhora!

D. Marianna

Este dia...

D. Luiza

Os meus votos realisa.

D. Marianna

Inunda-me de alegria!
Eu devia, e desejava
ter vindo ha muito.

D. Luiza

O dever
da minha parte é que estava.

Harpagão (á parte)

Chegaram-se emfim a ver;
e ambas se mostram gososas;
ainda bem!
(para D. Marianna)
Acha a morgada
talvez bastante espigada?

D. Marianna

Acho-a um palmito de rosas;
galantissima.

Harpagão

Favores;
é dos olhos com que a vê.

D. Marianna (baixo para Guiomar)

Que tosco é sua mercê!

Harpagão (para Guiomar baixo)

Que te disse os meus amores?

Guiomar (baixo para Harpagão)

Que o acha admiravel.

Harpagão (baixo para Guiomar)

Acha?
(alto para D. Marianna)
Muito obrigado, lindinha.
(á parte) E é magnifica de facha.
Quem viu sorte egual á minha?
(alto) Juro-lh'o, anjinho innocente;
se me caissem do ceo
vinte peças no chapeo,
não ficava mais contente.

D. Marianna (em voz baixa para Guiomar)

Nem o posso ouvir.

Guiomar (em voz baixa para D. Marianna)

Socego.

D. Marianna (como acima)

E dizer que este panal
tem entrada e exerce emprego,
Deus meu! na casa real!

SCENA XI

Os mesmos, JULIO e DUARTE (que vem da segunda porta da direita)

Harpagão

Ora ahi vem o meu Julio, o meu filho, tambem
beijar humilde a mão da sua nova mãe.

D. Marianna (á parte para Guiomar)

Guiomar, que raro encontro! o homem que a todo o instante
tu me ouvias louvar, é este, é o meu amante.

Guiomar (á parte para D. Marianna)

Coisas que arma a fortuna!

Harpagão

Acho-as a modo estranhas
de lhes eu presentar creanças já tamanhas!
Isto da filharada alembra-me o escalracho;
crescem que tem demonio! embora! pouco empacho
nos hão de já fazer; saberá que tenciono
pôr já este com dona, e Luiza com dono.

Julio

Minha senhora, é este um acontecimento,

que inda me custa a crer! ser tal do pae o intento
sabiamos nós já por lh'o termos ouvido;
mas duvidava então, e agora inda duvido.
Não comprehendo bem...

D. Marianna

Nem eu por ora; a sor
é quem dispõe da gente.

Julio

Oh! que feliz consorte
que não vae ser meu pae! confesso que a alegria
que lhe enche o coração me encanta, me innebria
Comtudo (serei franco) um não sei quê me afasta
de lhe dar parabens por ser minha madrasta;
é esse um parentesco... um titulo... (não sei..
desagradavel, feio, e nunca lh'o darei.
Ser madrasta é ser velha; é ter de mais dez annos
é passar de rainha á lista dos tyrannos;
é ter na alma rabuge, e ali...
(apontando-lhe para o coração)
coisa nenhuma;
é... é... o ser madrasta é ser madrasta em sum
Alguem dirá talvez, que este fallar, que exprime
o que eu sinto aqui dentro, é duro, é torpe, é cri
mas se o seu coração me absolve, isso me basta;
e absolve-me: por ora, inda não é madrasta.
Finalmente, senhora, este consorcio fere
int'resses meus, bem sabe; e meu pae que tolere
o que lhe vou dizer. Um casamento assim
nunca se realisára, a depender de mim.

Harpagão

Que bellos parabens! que alarve! e á cara d'ella
atirar tudo aquillo assim sem mais aquella!
(para D. Marianna)
Vá, responda-lhe, vá; confunda-me esta fera.

D. Marianna

Se o senhor Julio é franco, eu sou tambem sincera;
bem dizem que não ha corações enganados.
O que sente, e o que eu sinto é o mesmo; os desagrados
que acha em lhe eu ser madrasta, encontro-os eu taes quaes
em chamar-lhe enteado; e talvez que inda mais.
Creia que não sou eu (posso jurar-lh'o) a autora
da nossa situação.

Julio

Não?

D. Marianna

Não.

Julio

Pois quem, senhora?

D. Marianna

Uma estrella, um destino, um fado, uma potencia
que a todos nos arrasta, e ri da resistencia.

Se eu, sabendo a aversão que tinha a este enlac
o podesse evitar, não crê que lh'o evitasse?
Suppõe que por meu gosto eu punha os pés n'u
que levava a um abysmo? odio entre um pae e u

Harpagão (a D. Marianna)

Muito bem! muito bem! (a Julio) Apanha, traste,
(a D. Marianna)
Não se esteja a agastar. Inda que foi tamanha
a audacia cá do meco, ha de perdoar-lhe o exces
por seu bom coração, por nosso amor, lh'o peço

D. Marianna

Eu perdoar-lhe o quê? reputa-me offendida
porque me fallou claro? estou-lhe agradecida.
Em vez de me enganar e vir com fingimentos,
quiz que eu soubesse bem quaes são seus sentin

Harpagão

Desculpa-o!! que bondade!! aquella rebeldia,
meu tudo, tenha fé que ha de passar-lhe um dia

Julio

Quem? eu? mudar! jámais.
(para D. Marianna)
No que hoje est'alı
juro que hei de morrer, senhora, impenitente.

Harpagão

diabo no corpo: em vez de entrar em si,
-se, e refina.

Julio

Eu sinto o que senti,
le sentil-o sempre.

Harpagão

Ateimas? não consinto
ais uma palavra.

Julio

Emfim, como o que eu sinto
é dado expor, vou-lhe fallar, senhora,
nodo em tudo avesso, e tal, como se eu fôra
: de meu pae. Tomo esta penitencia
castigar da pouca obediencia.

Harpagão

ças a Deus! (á parte) Estimo que o tratante
esse o que eu não sei, pois nunca fui amante.
nunca eu tive inclinação nem ocio;
namorações, ou bem fazer negocio.

Julio

nhora, é verdade: objecto mais perfeito

nunca o vi n'este mundo! o empenho d'este peito
seria o merecel-a; e o ser o seu esposo
me era mais que empunhar o sceptro mais fastoso

Harpagão (baixo para Julio)

Devagar, meu senhor; mais devagar.

Julio (baixo para Harpagão)

Estou
a fallar por meu pae; acha que exorbitou
acaso o meu dizer do que em sua alma sente?

Harpagão

Eu tambem tenho lingua, estou aqui presente,
e não o nomeei por meu procurador.
Venham cadeiras.

Julio

Bem; calo-me.

Harpagão

Sim senhor.
(gritando para dentro)
Cadeiras.

Guiomar

O melhor entendo que seria
irmos já para a feira; está tão bello o dia!
quem vae cedo vem cedo; e então conversaremos

Harpagão (chamando para a segunda porta da direita)

Sebastião! Sebastião!

Sebastião (entrando)

Cá estou, patrão; que temos?

Harpagão

Os cavallos á sege.

Sebastião (á parte)

Aluguei outros. (alto) Prompto.

Harpagão

Estas damas á feira; e tu, a pé.

Sebastião

Não monto?!

Harpagão

Não monta não senhor; leve á redea os cavallos.
Lembre-lhe o que me disse; escusa-me estafal-os.

(Sae Sebastião pela segunda porta da direita)

Harpagão (para D. Marianna)

Peço-lhe mil perdões, noivinha idolatrada,

de a deixar ir assim sem ter comido nada;
quem anda, como eu, ébrio...

D. Marianna

Ébrio!?

Harpagão

Sim; de ven
não pensa em merendar; mantem-se de ternura.

Julio

Pensei eu por meu pae; mandei buscar ao Matta,
co'um bilhete em seu nome, uns cem pasteis de na
outros tantos de fructa, um bom perú trufado,
doces finos, Madeira, *et caet'ra*.

Harpagão (baixo para Julio)

Oh! desalmado!

Julio

Acha pouco? a senhora ha de ser indulgente
de certo; um copo de agua armado de repente...

D. Marianna

Nem tanto era preciso.

Julio

Está, minha senhora,

reparando, cuido eu, na joia encantadora
que meu pae tem no dedo?

D. Marianna

É verdade; que brilho!

Julio

Pois visto mais ao pé?!
(Tira de repente o annel do dedo a Harpagão)
Perdão, meu pae.

Harpagão (muito assustado e á parte)

Meu filho!

D. Marianna (pegando no annel, e observando-o com mais individuação)

Nunca vi outro assim! Aquillo é que é diamante!
que fogo! bem lhe quadra o nome de brilhante.
É lindo; e de um valor!...

Julio

De pouco mais de um conto;
mas a meu pae ficou-lhe ahi, por um desconto,
n'uns trezentos mil réis; não foi, meu pae?

Harpagão (á parte)

Trezentos
que te levem a ti, judeu. (alto) Mais de quinhentos
me custou elle.

Julio (oppondo-se a que D. Marianı restitua o annel a Harpagão)

O quê, senhora? isso é briı
mas offende a meu pae; não tire o annel d(
São dignos um do outro, e eguaes em form
não rejeite essa prenda emblema de ternurː

Harpagão (baixo para Julio)

Tu que fazes, maroto?

Julio

Ande, meu pae; beı
que a senhora inda hesita; implore por me
se digne de aceitar-lhe aquella bagatella,
que, se algum valor tem, é só no dedo d'el

D. Marianna

Mas...

Julio

Não ha *mas*; meu pae, co'o seu acː
não ousa...

Harpagão (baixo para Julio)

Ah! cão!

Julio

Mas eu, que á propria
e que entendo os signaes que a furto me te
em seu nome lhe rogo acceite a prenda.

D. Marianna

Acceito,

radeço.

Guiomar

Era tempo. Os mimos de um marido
se recusam nunca, e é elle o agradecido.

Harpagão (á parte)

s não é! forte corja!

D. Marianna

Em outra occasião
tituirei o annel ao senhor Harpagão.
o depositaria.

Harpagão (para D. Marianna, alegrando-se-lhe o rosto, mas em voz baixa)

Oh! coração preclaro!

Julio

ro pae!

Harpagão (olhando-o de revez)

Sim senhor, de um filho muito *caro*.

SCENA XII

Os mesmos e SEBASTIÃO (que apparece á segunda porta da direita)

Sebastião

Um homem que procura ao senhor Harpagão.

Harpagão

Agora a ninguem fallo; escolha outra monção,
e volte, se quizer, d'aqui a meia hora.

Sebastião

Diz que lhe traz dinheiro, e quer fallar-lhe agor[a]

Harpagão (para D. Marianna)

Com licença; eu já venho.

(Vae correndo para a segunda porta da direita por on[de Sebas]tião saiu; mas ao chegar a ella, Sebastião, que torna [a entrar,] esbarra n'elle e vira-o de pernas ao ar)

Sebastião

Ai Jesus! que o matei
Matei-o sem querer!

Harpagão (no chão)

Soccorro! aqui d'elrei!

ulio e Duarte lançam-lhe as mãos para o levantar, em quanto
as senhoras aproximando-se representam susto e cuidado)

Julio

tem?

Duarte

O que lhe doe?

Harpagão

Ai!

Sebastião

Fiz-lhe prejuizo?

brou?

Harpagão

Isto hoje aqui é o dia de juizo!

brei, sim.

Duarte

O espinhaço?

Harpagão

O vidro do relogio,

que o senti estalar. Todo o martyrologio!
venha mais! (indicando Sebastião)

Este monstro... aposto... (ai! ai! qu
que se deixou peitar de alguns meus devedores
para me destruir.

Julio (offerecendo-lhe um copo d'agua)

Ficou muito pisado?

Harpagão

Vejam se o fato ali me não ficou rasgado.

Duarte (fingindo examinar)

Não lhe fez mal; não fez.

Harpagão

Estimo, agradecido.

Guiomar

Coitadinho, ha de estar com o lombo bem moid

Harpagão

Oh se estou! (para Sebastião)

Tu, ladrão, que estás a remirar-n
achas que inda foi pouco?

Sebastião

Eu? queira perdoar-me;
se lhe dei o boléo foi pòr casualidade;
vinha desenfreado, e á bruta; isso é verdade,
mas havia razão: desferrou-se um cavallo;
e a sege assim bem vê...

Harpagão

Vá mais! corre a ferral-o;
o ferrador é perto, e sume-te, tratante.

Julio

Em quanto vae e vem, ha o tempo bastante
para se merendar. Eu, se meu pae consente,
faço as honras da casa á dama aqui presente;
sou o seu delegado. Aqui faz calma horrenda!
O arvoredo é mais fresco. (chama) Olá!

(A Mealhada, que assoma á segunda porta da direita)

Venha a merenda;
para a mesa de pedra á sombra das nogueiras.
Eu conduzo a senhora, e levem-nos cadeiras.

(Desapparece Mealhada pela porta da direita. Julio offerece o braço a D. Marianna, e saem pela porta do fundo seguidos de D. Luiza e Guiomar)

SCENA XIII

HARPAGÃO e DUARTE

Harpagão

Meu precioso Duarte,
já que em ti vejo outro eu,
e meu filho é um phariseu,
vela-os tu da minha parte.
Um não sei quê me annuncia
que este amor corre perigo.

Duarte

Nenhum; sou eu que lh'o digo.

Harpagão

E eu só te digo: vigia.
Vamos tambem para a mesa;
e olho vivo meu Duartinho.
Sobrando pasteis ou vinho,
guarda tudo.

Duarte

Ah! com certeza.

Harpagão

Os restos não babujados
deve o Matta e o confeiteiro
tomal-os como dinheiro.

Duarte

Perca d'ahi os cuidados.

(Vão a caminhar para o fundo, quando se ouve do quintal cantar o mesmo rouxinol do fim do primeiro acto)

Duarte

O rouxinol no pomar!
que musica tão suave!

Harpagão

Não sei se é bem esta a ave
que hoje me deve cantar.

FIM DO ACTO III

ACTO IV



SCENA I

JULIO, D. MARIANNA, D. LUIZA, GUIOMAR

Julio

! N'esta sala agora ha toda a segurança;
uem nos ouve; viva a quadrupla alliança!
na do negocio é a diplomacia.

Guiomar

ı preside?

Julio

Sou eu. Luiza, principia!

D. Luiza (para D. Marianna)

im; minha senhora. O amor de meu irmão
ı elle tinha dito.

Julio (interrompendo em tom de presidente)

A' ordem!

D. Luiza

Minto?

Julio

Não,
nem és capaz de tal. O que eu digo é que fôra
melhor chamar-lhe *irmã* do que *minha senhora*;
e entre irmãs dá-se *tu*.

D. Luiza (para D. Marianna)

Consente?

D. Marianna

Se consinto?!
e em já chamar-te irmã, que jubilo que eu sinto!

D. Luiza

Como eu te ia dizendo, o mano já me havia
contado o vosso amor.

D. Marianna (para Julio)

Já?

Julio

Já.

D. Luiza

Tive alegria
em ver que elle empregava o seu amor tão bem.

D. Marianna

E eu o meu, não, Luiza?

D. Luiza

E tu o teu tambem.

Guiomar

São dignos um do outro: é um raminho feito
de um cravo, uma rosinha, e muito amor perfeito,

D. Luiza

O peor, Marianna, é que ao vosso desejo
ha tantas objecções, taes penas vos prevejo,
que chego a esmorecer.

Julio

Tem fé!

D. Marianna

N'esse cuidado
de me veres ditosa, e Julio afortunado,
n'esse mesmo temer, em summa, se divisa
o que eu mais ambiciono: o affecto de Luiza.
Ser chorada por ti, aliviar-me-hia as dores,
se o destino afinal calcasse estes amores.

(D. Marianna beija enternecidamente a D. Luiza, que lhe corresponde do mesmo modo)

Guiomar

Foi mau, foi, muito mau, o não me terem posto
em pratos limpos tudo a tempo. Este desgosto
podia-se evitar. As arcas encoiradas,
sem causa, muita vez dão d'estas trapalhadas.
Se me tivessem dito—elle que a amava a ella
—e ella quanto era d'elle—eu tinha mais cautela,
e não levava ao ponto em que hoje as cousas são,
este casorio insulso, esta abominação.
Emfim quem mal não usa... (finge que chora)

Julio

Escusas de chorar:
a culpa é do meu fado, e não de ti, Guiomar!
(para D. Marianna)
Marianna, que decide? o tudo é o seu querer.

D. Marianna

Eu que posso? eu que sei? como? que hei de eu fazer?
Digam-m'o, e prompta o cumpro. Em tudo dependente,
de meu só tenho a prece, a muda prece ardente.

Julio

A prece, e nada mais? mais nada em meu favor
posso achar em Marianna? oh fino, oh raro amor!
Nem fé, nem compaixão, nem força, ao que parece,
cabem já n'esse peito? unicamente a prece!

D. Marianna

›m meu logar! Ensine-me; conduza
mulher em selva tão confusa!
; tem honra; e sei que é nosso amigo:
ı conselheiro; o seu conselho sigo.

Julio

›e for conforme em tudo ao que essa gente
hamar honra, e sendo estrictamente
co'a decencia, ou co'o que assim se alcunha.
fia em mim! bem haja! não suppunha.

D. Marianna

ıe hei de eu fazer? Bem vê que ha mil respeitos
ndo nos impoz, e nos tornou preceitos:
lla jámais impune os quebraria?
ninha mãe, o meu exemplo e guia,
ompanheira... a minha mãe! não devo
ne por ella? Ah! Julio! Eu nem me atrevo,
vejo n'um leito, e em vespera talvez
›r para sempre, ajuntar-lhe á viuvez
ıma filha, a fome, o desamparo.
ıe; perco o ente que me é mais caro,
ao que detesto. É duplicado inferno,
ɜjo refugio. Ao seu coração terno
procurar-m'o; até, se for preciso
udo á mãe, a tanto o auctoriso.
he a saber que o doce e puro affecto

que a namorava em nós, era um vulcão secreto;
que eu morria por Julio. E se é conveniente
que eu vá tambem, eu mesma, expor-lhe que impiame
até hoje a enganei calando-lhe a verdade,
e encobrindo a paixão com o manto da amisade,
embora que me custe, embora que me exponha
á censura de ingrata, humilho-me á vergonha.
Fal-o-hei, fal-o-hei, fal-o-hei: não fujo ao sacrificio.
Crê possivel que, ao ver-me em tão cruel supplicio,
ella se não condôa? Um coração materno
perdôa sempre e tudo. Ella... Julio... eu... que terno
N'essa hora de perdão, hora ineffavel, santa,
hora em que Deus se alegra, e o anjo mau se espanta,
sentiremos em nós alguma inspiração,
alguma luz do ceo, que d'entre a cerração
nos descubra um caminho.

Julio

Algum milagre?!

D. Marianna

Embora:
o amor tem feito mil, faça mais este agora!

Julio

Guiomar, minha Guiomar, queres valer-nos?

Guiomar

Eu
se lhes quero valer? pois que outro empenho o meu?
sempre fui serviçal.

Julio

Discorre! idêa! inventa,

)põe tu!

D. Marianna

Guiomar!

D. Luiza

Minha Guiomar!

D. Marianna

Assenta

ıe se ha de fazer: eu só em ti confio,
tens experiencia, e estás a sangue frio.

Julio

a o nó que déste!

D. Luiza

E Deus ha de pagar-t'o!

D. Marianna

podendo, tambem.

Julio

Venha o ditoso parto;
ıs, se pões fim ao nosso horrendo apuro,
eu hei de florir, Guiomar, o teu futuro!

Guiomar

Realmente é custoso.
(Depois de estar pensando por algum tempo)
A mãe d'esta senhora
(indicando D. Marianna)
é pessoa de tino (entendo eu cá); não fôra
impossivel talvez resolvel-a a entregar
ao filho em vez do pae, a nossa flor. Que par!
que parzinho bemdito! (para Julio) O mau, meu cavalh
é seu pae ser seu pae.

Julio

Que faz isso?

Guiomar

Em primeiro,
era preciso impol-o e não lhe dar motivo
para se elle offender: é sêcco, é vingativo,
egoista, e inda por cima...

Julio

Explica-te!

Guiomar

Avarento.
Por tanto, se elle vê falhar-lhe o casamento
assim sem mais nem mais, assanha-se por força,
e então não haverá poder algum que o torça
a dar consentimento ao novo matrimonio:
fecha inda mais a burra, e nem que Santo Antonio

dos ceos á terra (e mais nem a Guiomar
ao bom do santo em coisas de casar),
em elle, que é elle, é capaz de amansal-o,
ue traga comsigo o proprio S. Gonçalo.

D. Luiza

...

D. Marianna

Visto isso...

Julio

Então...

Guiomar

Esperem mais um pouco.
e provocar o velho a algum descoco.
or, quanto a mim, é vermos se se alcança
dê, elle proprio, o nó d'esta alliança.

D. Marianna

ha do ceo; mas como?

Julio

Impraticavel.

D. Luiza

ais espinhosa!

Guiomar

Espinhas tem o savel,
mas deixa-se comer.

Julio

—«Ate-se o guiso ao gato»—
diz-se depressa e bem.

Guiomar

Que gente! um vil regato
afoga a todos tres. (Para D. Marianna) Menina! tome te
Para livrar-se d'elle ha um remedio bento.

D. Luiza

Hervas?

D. Marianna

Alguma reza?

Julio

Algum feitiço?

Guiomar

Então
se fallam, calo-me eu, e lá se avenham.

D. Marianna

Não.
Falla tu, falla tu, que és muito experiente,
e n'isto has de saber mais que esta pobre gente.

Guiomar (a D. Marianna)

desmama um menino, o que é que põe no peito?

D. Marianna

e azebre, não é?

Guiomar

É. Logo o que eu receito
nor n'aquella edade é já segunda infancia)
que elle tome á noiva repugnancia.

Julio

na repugnar-lhe!!

D. Luiza

Ella, inspirar-lhe tedio!

Julio

vel.

Guiomar (a D. Marianna)

Menina! Use do meu remedio,
de tirar proveito.

D. Marianna

E como se prepara?
de que é? e quem o faz?

Guiomar

Ahi 'stá, prendinha ca
o difficil da coisa. Ha de ser preparado
pela menina mesma, e co'o maior cuidado.
Sei que deve custar-lhe.

D. Marianna

Eu não percebo; explica
depressa o teu enigma!

Guiomar

Estamos na botica.
«Recipe: Manipule! —A sua formosura,
«o seu modo elegante, esse ar, essa frescura...
«reduza tudo a pó.

D. Luiza

A pó!

Guiomar

Ao pó mais fino!

Julio

póde.

Guiomar

Póde, póde. E cale-se, mofino;
-nos trabalhar em santa paz.

Julio

Vá lá!

Guiomar (a D. Marianna)

ı metal de voz fascinador, fará
enferrujar bem, por modo que um *eu te amo*
nais a ralhar que ao mimo de um reclamo;
e era discrição, troque-se em frioleiras,
ɔtico mortal, feito de dormideiras.»
im, jarreta, parvoa, e semsabor, consegue
homem peça a Deus que o ensurdeça e cegue,
a bom fugir.

Julio

Pois tens razão.

Guiomar

Podéra!

D. Luiza (a D. Marianna)

ızão, tem.

D. Marianna

Muito, muito; approvo intimamente.

Julio

Mas que te ia eu dizendo?

D. Marianna

És tu que o sabes.

Julio

Et

O alvoroço do *tu* da idéa m'o varreu...
Ah! sim... já me recordo. É isto... se a Guiom
a quem baixo a cabeça, a idéa me approvar.

Guiomar

Ouvirei.

Julio

Marianna, em vez de mim, será
quem disponha ao milagre a santa mãe já já.

Guiomar

Concordo.

D. Luiza

Tambem eu.

Julio

Induze-a a todo o custo
a romper esse enlace hediondo além de injusto.
Custo, disse... enganei-me: em filha tão querida
rogar é logo obter. Emprega decidida
com ella todo o amor que o ceo te poz no olhar,
todo o meigo do riso, as graças do fallar,
o tudo, o não sei quê, de que és só tu senhora,
condão que Deus te deu para triumphadora.

(Marianna indica pelo gesto que annue; Julio beija-lhe a mão de agradecido, no momento em que, da primeira porta da esquerda, vem saindo Harpagão)

SCENA II

Os mesmos e HARPAGÃO

Harpagão (á parte)

Já lá vamos! O enteado
beijando a mão da madrasta,
e ella soffre-o, e não se afasta!...
creio que estou arranjado.

D. Luiza (que é a primeira que repara em Harpagão, em voz alta, para advertir os outros)

É meu pae.

(Julio larga sobresaltado a mão de D. Marianna)

Harpagão

Já está ferrado;
e prompta á porta a capoeira.
Vamos; se tem de ir á feira,
é descer.
(Tirando da algibeira um tostão, e examinando-o;
Elle é safado,
mas passa. (levantando a voz) Toma, I
Pódes gastar.

D. Luiza (sorrindo e á parte)

Um tostão?!

Harpagão

Emprega-o com discrição
n'alguma coisa precisa.
Vão, vão!

Julio

Eu as acompanho
por meu pae.

Harpagão

Qual por meu pae!

Julio

Depois de um boléo tamanho
como hoje aqui deu...

Harpagão

Não sae.
É cá preciso, e está dito.

Julio

Mas tres damas irem sós
quando podia um de nós...
Não acho bom, nem bonito.

Harpagão (ironicamente)

Nem eu! Por essas florestas
que d'aqui á feira vão
póde encontrar-se um leão,
e outras mil cousas funestas.
Hontem mesmo uma serpente
devorou lá tres policias,
se por acaso não mente
o meu Jornal das noticias.
Mas as nossas amazonas
não são medrosas. (para as senhoras) Vão, vão!
'ara Julio) Tu fica!

Julio

Mas...

Harpagão

Se me intonas
a grimpa, azedo-me.

Julio

Ai, não!
(Saem as damas pela primeira porta da direita)

SCENA III

HARPAGÃO e JULIO

Harpagão

Isto assim não vae bem, meu filho; é necessario
seguirmos d'hoje ávante um methodo contrario:
franqueza e mais franqueza. Assim é que a amizade
póde ter duração e dar felicidade.
Responde-me leal.

Julio

Prometto.

Harpagão

Isso me basta.
—Como achas tu Marianna? O ser ou não madrasta
é um mero accidente, e nada tem co'a essencia;
... e mesmo o sêl-o ou não 'stá inda em contingencia.
Como a achas, emfim?

Julio

Eu! Como? em que sentido?

Harpagão

belleza, a corpo, a graça, este brunido
nha de fóra.

Julio

A formosura; entendo.
o que se offenda.

Harpagão

Ai, falla! Não me offendo.
tem seu gosto.

Julio

Acho que em formosura
ha melhor; agora de figura
não ha: veste sem tom, sem graça;
ainda vae; fallando é uma desgraça.
me parece. Agora lá se é boa,
is; muita feia é optima pessoa.
ão nas mãos, é isto; e não lh'o digo
o dissuadir. De si para comsigo
la, não acha? espose-a, se quizer:
or madrasta, ella, ou outra qualquer.
17

Harpagão

Pois, homem, faz-me zanga o não gostares d'ella.
...Mas... (se me não engano) achavas-lhe a mão b
mesmo aqui, ha bem pouco; e n'esta mesma sala
uma hora haverá que te eu vi requebral-a,
e com bastante fogo.

Julio

Ah, sim, bem sei. Tudo isso
foi querer a meu pae fazer um bom serviço.
Via-o mudo, vexado, inerte por virtude;
parecia um galucho, um novicinho rude,
um atadinho emfim, d'estes por quem mulheres
não queimam a alcaxofra, ou deitam malmequeres.
Que devia eu fazer? Em vez de me estar quedo
junto a meu pae, penedo ao pé de outro penedo,
forcei o genio, e disse a Dona Marianna
o que a boa razão ensina a gente urbana.
Tudo só por meu pae; que duvida! por ella,
bem empregava eu tempo em tanta incensadella!

Harpagão

Por tanto, inclinação...

Julio

Inclinação, nenhuma,
nem por onde ella passe.

Harpagão

O teu juizo, em summa?

..?

Julio

Que póde servir mui bem para madrasta;
s para me eu casar, desejo-as de outra casta.

Harpagão

ena.

Julio

O que é que é pena?

Harpagão

É pena ser tão forte
rsão que lhe tens.

Julio

Uma aversão de morte!

Harpagão

hi 'stá. D'esse modo é renunciar o intento
u tinha de ceder-te a moça em casamento.

Julio

assim?

Harpagão

É verdade. Ha pouco, entrando aqui
e vendo-te beijar-lhe a mão...

Julio

Não viu.

Harpagão

Vi, vi.

Julio

Mera civilidade...

Harpagão

Estou por isso. Emfim,
civilidade ou não, vi-o e caí em mim.
—Tate, tate, Harpagão!—disse eu co'os meus bot
se não queres expor-te a trinta mil baldões,
não teimes em juntar as cans e os desenganos
co'as illusões, o viço, a flor dos verdes annos.
Que não diria o mundo? e além do que diria
quantos motivos mais para fallar teria!
Valor pois! e fugir, em quanto se não lavra
e assigna uma escriptura. É certo que a palavra
que eu mandei por Guiomar á mãe de Marianna
me obriga em certo modo... Historias! a cigana
ha de, e a filha inda mais, achar melhor partido
do que o unirem-se a mim, ter Julio por marido.

Julio

Eu seu marido?

Harpagão

Tu, tu mesmo.

Julio

O seu desejo
era esse realmente?

Harpagão

Era; mas como vejo
o teiró que lhe tens, o antojo, a antipathia
que Marianna te infunde...

Julio

Eu, grande sympathia
não lh'a tenho; concordo; entretanto, se quer
livrar-se d'ella e impor-m'a, acceito-a por mulher.
Sou filho obediente...

Harpagão

E eu bom pae. Nada, nada.
Deus me livre! exigir-te inclinação forçada!
Só se eu fosse algum doido.

Julio

Aqui não ha doidice.
Para o servir... pois não! Resigno-me, já disse.

Harpagão

Obrigado, obrigado. Eu é que não acceito.
Casar, não sendo a gosto! é pessimo, e sujeito
a mil tribulações.

Julio

Meu pae, reuna os dois,
que é o ponto essencial; o amor virá depois.

Harpagão

Bem se vê que és novato. Um homem quando casa
mal sabe a que se expõe; mette um inferno em casa.
E havia de amarrar, eu mesmo, n'essa nora
o meu Julio, o meu sangue, um filho que me adora!
Lá, se eu te descobrisse um grande fatacaz...
(bastava alguma queda) era muito capaz
de preferir-te a mim, e dar-te a rapariga;
mas assim, não senhor. Descança! E pois me obriga
a palavra que dei, torno ao primeiro trilho.
Dê lá por onde der, esposo-a, e poupo o filho.

Julio

Não ha, não ha remedio: é vinda a extremidade
de lhe eu dever expor, meu pae, toda a verdade.
Saiba pois, meu bom pae...

Harpagão

O que?

Julio

Que eu a idolatro.

Harpagão

lla?

Julio

Ella a mim tambem. Desde que no theatro
primeira vez a vi, linda e singella,
nveja das mais, e os olhos todos n'ella,
oculos ao longe e ao perto a devoral-a,
ı murmurio de amor e assombro enchendo a sala,
-me escravisado. O seu olhar emfim,
ı ninguem procurava, acertou sobre mim.
que era feliz, e que n'esse momento
ȝ accendia um sol de amor no firmamento.
noite! nas ficções da scena apaixonada
nusica e poesia andou benigna fada
ır-lhe e a trazer-me em continuados giros,
lencias, ventura, esp'ranças e suspiros;
no sorrir d'ella; em mim senti seu pranto.
ıem mais do que nós amou jámais, nem tanto.
a a minha intenção, conforme aos votos della,
rar tudo ao pae, rogando-lhe... A procella,
ıa pouco sobre nós caíu inesperada,
ou-me a conter-me, e não lhe disse nada.
desagradar-lhe, oppondo intempestivo
le seu consorcio o nosso amor tão vivo.

Harpagão

!he ido a casa?

Julio

Tenho.

Harpagão

E muita vez?

Julio

Bastante
para o tempo que isto ha.

Harpagão

É natural: amantes...
E recebem-te bem, pois não?

Julio

Optimamente,
sem saberem quem sou; por isso é que a innocent
ind'agora pasmou de ver-me n'esta casa.

Harpagão

Has de-lhe ter pintado o fogo que te abrasa?

Julio

Claro está.

Harpagão

E a tenção que tinhas de esposal-a?

Julio

da, e cheguei até...

Harpagão

Até que? falla...

:)
ɡrelha a assar! (alto) Chegou (franqueza) até

Julio

or mostrar-lhe a minha boa fé,
homem de bem nunca a innocencia engana,
ɔor longe á mãe de Marianna
ſusamente esta resolução.

Harpagão

:; não ouviu?

Julio

Não lhe direi que não.

Harpagão

ıós; a moça, achas que está deveras
ı por ti? elle ha tantas chimeras
ıo mulher!

Julio

Bem sei; mas a Marianna
(salvo se ella é um monstro, e barbara me engana)
em quanto mostra e diz, julgo, meu pae, que posso
crer que é, de parte a parte, egual o affecto nosso

Harpagão (mudando de tom)

Ora pois, senhor meu, meu filho, e caro amigo!
Foi franco; serei franco. Escute o que lhe digo!
Ponto — e já — n'esse amor! Ha de ter a bondade
de não me pôr mais pé em casa da beldade;
nem vêl-a, nem fallar-lhe, ou de qualquer maneira
fazer-se-lhe lembrado. A fada trapaceira
que lá viu na comedia, era uma mentirosa
e você um basbaque, e a moça uma dengosa.
Marianna é a minha esposa; a sua, não o ignora,
é a que eu lhe destino... E põe-te-me já fóra!

Julio

Ah! Pois elle é assim? Assim se ludibria
e se espesinha um filho, um homem que podia
ter já filhos tambem?! Pois juro-lhe e rejuro
que não deixo a Marianna, e estou de a obter seguro,
em que pese a meu pae. Não ha, não sei, não vejo
força alguma que possa oppor-se ao meu desejo.
Julga contar co'a mãe, por vêl-a desgraçada?
póde ser que se engane. E a minha amante amada,
dos calculos a exclue?

Harpagão

Pois tens o atrevimento,
de encarar aquella...

Julio

Antes assento
houve usurpação, foi de meu pae, não minha.
rioridade.

Harpagão

Esqueces-te, bestinha,
teu pae, tenho jus a todo o teu respeito!

Julio

cursos de amor faz rir um tal preceito.

Harpagão

ir um pau no lombo de um tratante?

Julio

ameaçar-me.

Harpagão

Hade largar a amante.

Julio

Harpagão

Nunca, maroto! Um pau, uma bengala, um fueiro.

Julio

Jámais, jámais hei de deixal-a.

SCENA IV

Os mesmos e THOMAZ (acudindo a correr da segunda porta da direita)

Thomaz

Que tem, patrão? são ladrões?

Harpagão

Peor. Tenho um peralvilho,
que eu dava oitenta dobrões
por não ser pae de tal filho.
Faltar-me ao respeito!

Thomaz

É mau.

Harpagão

Dizer-me que não!

Thomaz

Peor.

Harpagão

A um pae, que o não ha melhor!
Não é de o matar a pau?

Thomaz

Mas não se altere! A palavra
faz mais que a pancadaria.
Sempre é filho: se o escalavra
dá em si.

Harpagão

Patifaria!
Eu vou-me a elle.

Julio

Meu pae,
eu já não 'stou bom, confesso.
Não me obrigue a algum excesso
co'os seus excessos!

Thomaz (á parte)

Ai, ai,
que, se isto se não atalha,

temos bulha e mais que bulha.
Quero evitar á patrulha
o vir pôr termo á batalha.

Harpagão

Cão! cão! Eu dou-lhe...

Thomaz (chegando-se a Harpagão em voz baixa)

Senhor!

Harpagão

Derreti-o!

Thomaz

Oiça-me!

Harpagão

Nada;
dou-lhe tamanha maçada,
que o ponho em mãos do doutor.

Thomaz

Pagando-lhe... e ao boticario.

Harpagão

Lembras bem: não póde ser.
Se eu 'stou co'o juizo vario!

Thomaz

Sente-se, é o que ha de fazer.

(Conduz a Harpagão para uma cadeira, junto á parede do lado esquerdo, e perto do proscenio)

Tem já o rosto assanhado,
que parece um caranguejo.
Socegue! Isso é mau.

Harpagão

Se o vejo,
ou torno a ouvir o altanado...

(Thomaz faz signal a Julio para que se retire para o fundo da sala, do lado direito, onde está a mesa. Tira-lhe de diante o biombo, e vem collocal-o no meio do theatro, interceptando mutuamente a vista do pae e do filho)

Julio (entre si)

Para serenar um pouco,
vou escrever a Marianna.
Meu pae está louco; e um louco
tem privilegios. (Começa a escrever)

Thomaz (experimentando se o biombo está firme)

Abana,
mas não cae. O essencial,
para evitarmos quisilias,

é pôr este antemural
ao filho e ao pae de familias.

Harpagão

Vem cá, Thomaz! Tu entendes
de pulso? Toma este pulso.

Thomaz

Acho-o seu tanto convulso...
Se quer, chamo o doutor Mendes.

Harpagão

Não é preciso; isto passa,
se Deus quizer. É o effeito
das zangas que me tem feito
um filho, a minha desgraça.

Thomaz

Talvez que não seja tanto.
Eu sei? elle a gente, ás vezes...

Harpagão

Vá lá! Dize que é um santo
e eu um diabo.

Thomaz

Os seis mezes
que eu fui criado e escrevente

de um grande juiz de paz
deram-me luzes assaz,
e não tróvo de repente.
É preciso ouvir as partes,
pesar com toda a attenção,
e ás vezes por boas artes
se chega á conciliação.

Harpagão

Bem. Arvoro-te em juiz.
Eu e elle...

Thomaz

Somam dois.

Harpagão

Hein?

Thomaz

Continue! E depois?
que fizeram?

Harpagão

O que eu fiz,
fêl-o elle tambem.

Thomaz

Bom filho:
seguiu o exemplo paterno. .
Deixe-o ir sempre n'esse trilho,
e tem-n'o livre do inferno.

Harpagão

Não é isso, homem!

Thomaz

Não!

Harpagão

Ama
a mesma dama que eu amo.

Thomaz

Para dois... uma só dama
é pouco; não é, meu amo?

Harpagão

Pois ahi está; e o bruto quer
que á fina força eu desista,
que lh'a deixe; e á minha vista
recebel-a por mulher.

Thomaz

Lá n'isso não pensa bem.

Harpagão

Um filho ao progenitor...

Thomaz

Tem razão; olé se tem!

Harpagão

Fazer concurso no amor!

Thomaz

Fique-me aqui sentadinho,
em quanto o juiz de paz
vae fallar co'o seu rapaz,
e trazer-lho ao bom caminho.

Harpagão (comsigo mesmo, em quanto Thomaz vae fallar a Julio)

Se m'o traz a mandamento
cuido até que sou capaz
de mencionar o Thomaz
nas deixas do testamento.

Julio (para Thomaz sem ser ouvido de Harpagão)

Meu pae fez-te árbitro; acceito...
e acceito a quem quer que for.
Decide, e breve, este pleito!

Thomaz

Graças! que honra, meu senhor!

Julio

Sabes que ha uma donzella
por quem morro e por quem vivo.

Thomaz

Não ha de ser sem motivo.

Julio

Sou adorado por ella;
suspiramos pelo dia
que ha de sagrar estes laços;
vem meu pae...

Thomaz

Que tyrannia!

Julio

e quer-m'a arrancar dos braços.
Propõe por certa emissaria
á pobre mãe da menina
que rompa o que o ceo destina...

Thomaz

E ella?

Julio

Não sei.

Thomaz

Que alimaria!
Mas póde estar descançado.
Prometto-lhe que o patrão,
quando eu lhe tiver fallado,
ha de chegar-se á razão.
Deixe isso por minha conta.
(Volta para ao pé de Harpagão)

Julio (entretanto, fallando entre si)

Co'o meu genio de vinagre
não se tempera o negocio.
Co'um parvo manso por socio
talvez se arranje o milagre.

Thomaz (a Harpagão)

Sabe que mais? O seu filho
não é como se cuidava:
em vez de serpente brava,
achei cordeiro em tomilho.
Diz que está por quanto queira
o caro auctor dos seus dias;
que se teve demasias,
disse ou fez alguma asneira,

de tudo pede perdão,
e promette nunca mais
fallar ao melhor dos paes
senão de chapeo na mão;
que, se o quizer ver contente
lhe mostre carinha boa,
e o case emfim com pessoa
não medonha inteiramente.
Acceita?

Harpagão

Acceito gostoso.
Vae-lhe dizer, em meu nome,
que, se quer mulher a tome
que o possa tornar ditoso.
Corra toda a especie humana:
tem raparigas a rôdo.
Só exceptuo a Marianna;
no mais dou-lhe o mundo todo.

Thomaz

Bom. Deixe o caso comigo! (Vae para Julio)

Harpagão (entretanto, comsigo mesmo)

Lá me fazia estranheza
ver n'um filho um inimigo.
Viva o sangue e a natureza!

Julio (a Thomaz)

Então?

Thomaz

A's mil maravilhas.
Vae tudo em maré de rosas.

Julio

Que disse?

Thomaz (imitando a voz e o tom de Harpagão)

«Se m'o acepilhas,
«tens alviçaras famosas!»

Julio

Acepilhares-me! Como
se entende isso?

Thomaz

Diz que o acha
sempre com ar de mordomo;
que nunca a seu pae se abaixa;
que nunca nunca lhe falla
sem sete pedras na mão;
e a um paternal coração
é isso o que mais o rala;
que seja com elle affavel
e verá o pae que tem,
manso, risonho, amoravel...

Julio (á parte)

Se lhe não pedir vintem.

Thomaz

Que ha de fazer-lhe as vontade
em tudo quanto poder.

Julio

Logo, da-m'a por mulher...

Thomaz

Dá, dá; forte novidade!

Julio

Então podes-lhe affirmar
que ha de encontrar sempre em mim
um José, um Benjamim,
um filhinho de invejar.

Thomaz (caminhando de Julio para Harpagão. Considerando entre si)

Taes conciliações são justas;
mas, meu bom juiz de paz!
não sei se não pagarás
tu mesmo afinal as custas.

Adeus! Eu já tenho casa
de menos lida e mais pão.
Mal sôe aqui o trovão
nem pio dou, bato a aza.
(chegando ao pé de Harpagão)
Tudo inteiramente assigna.

Harpagão

Santo filho!

Thomaz

Sae ao pae.

Harpagão

Venha aos meus braços! Que mina...

Thomaz (á parte)

que estoirar-te agora vae!
(corre para Julio)
Parece fóra de si
co'o prazer de o recobrar.
Vôe a abraçal-o!

Julio

Abraçar
te devo eu primeiro a ti (abraça-o).

Thomaz

Não me confunda! O que eu fiz
qualquer bom moço o faria

Julio (dando-lhe dinheiro)

Toma! por ti sou feliz;
quero-te ver alegria.

Thomaz (conduzindo-o pelo braço
para o proscenio)

Aqui vem o filho prodigo.
Julgo que fui bom causidico,
e fiz a vontade ao codigo
sem apparato juridico.

Harpagão

Mereces recompensado
Que dúvida!

(Mette a mão na algibeira, e depois de remexer por algu
tempo, estando Thomaz com a mão estendida á espera, ti
o lenço para se assoar)

Thomaz

São mercês.

Harpagão

Será para outra vez.
'Stou tão encatarroado!

Thomaz

Então que fazem, senhores?

Não entendo o acanhamento.
Em tanto contentamento
serios como dois doutores!
Saltem-me já aos abraços,
que o manda o juiz de paz.

Harpagão

Vem, meu bom filho aos meus braços!

Julio

Meu bom pae!

Thomaz

Não sou capaz
de ver estas scenas ternas
sem chorar. Oh parentesco!
te) ... E por tanto, oh minhas pernas,
para que vos quero? ao fresco!
(Vae-se pela primeira porta da direita)

SCENA V

HARPAGÃO e JULIO

Julio

Peço-lhe mil perdões dos arrebatamentos
que tive com meu pae. É que eu, n'esses momentos,
não me sentia em mim; devéras.

Harpagão

Já lá vae.

Julio

Se meu pae m'o perdôa, eu é que não, meu pae.
Sinto aqui um remorso...

Harpagão

E eu dentro uma alegria...

Julio

Que bondade!: esquecer, assim, no proprio dia...

Harpagão

Paes esquecem depressa.

Julio

E nem um leve espinho
da minha extravagancia...

Harpagão

Erráras no caminho;
estás n'elle outra vez. A tua obediencia
e sujeição filial são mais do que innocencia.

Julio

Prometto-lhe que até o derradeiro instante,
me ha de achar sempre o mesmo, obediente e amante.

Harpagão

E eu tambem te prometto, e se faltar, má peste
dos devedores meus dê cabo...

Julio

Não proteste;
não é preciso tal.

Harpagão

Pois sim, mas asseguro
amenisar, meu filho, em tudo o teu futuro.

Julio

Que posso eu mais querer, meu pae, de hoje em diante,
se em me dar Marianna...

Harpagão

Em dar-te...?

Julio

A minha amante

Harpagão

Quem te diz que eu t'a dou?

Julio

Disse-o meu pae.

Harpagão

Quem? eu!

Julio

Pois quem?

Harpagão

Pelo contrario, elle é que prometteu
ceder-m'a.

Julio

Eu! eu! ceder-lh'a!

Harpagão

É verdade.

Julio

É mentira

Harpagão

isso, teima?!

Julio

Teimo.

Harpagão

E aspira...

Julio

Aspiro.

Harpagão

Aspira

a por mulher?

Julio

Sem falta.

Harpagão

Recomeças

ıtar-me, ladrão?

Julio

Não oiço injurias d'essas.

Quer delirar, delire. Ignora o seu delirio
que um puro e santo amor sae vivo do martyrio?

Harpagão

Deixa! Eu te farei ver...

Julio

Quanto quizer.

Harpagão

Tratante,
roubador de seu pae, ingrato, petulante!...

Julio (com toda a brandura)

Que mais?

Harpagão

Que nunca mais me tenha a confiança
de me chamar seu pae.

Julio (á parte)

'Stá orfã a creança.

Harpagão

Desamparo-te.

Julio

Bom.

Harpagão

Renego-te de filho.

Julio

m.

Harpagão

Desherdo-te.

Julio

Vá.

Harpagão

Desherdo-te, e perfilho
primeiro tunante.

Julio

É optima eleição.

Harpagão

Vae-te, e dou-te...

Julio

Oh prodigio!

Harpagão

A minha maldição.

(Harpagão sae pela primeira porta da esquerda. Julio fica pensativo. Da porta do fundo vem Thomaz com um cofre debaixo do braço)

SCENA VI

JULIO e THOMAZ

Thomaz

Alviçaras!

Julio

Que é, Thomaz?

Thomaz

Venha depressa! Está salvo.

Julio

Salvo! Explica-te, rapaz!

Thomaz

Lá fóra. Acertou-se o alvo.

Julio

Qual alvo? Não comprehendo.

Thomaz

Era um thesouro enterrado,
que seu pae desconfiado

guardava, olhando e tremendo.
Pela cara eu bem lhe via
que era acolá no quintal.
Sigo-o; cóco; espreito-o (Ria!),
acho e empalmo o cabedal.

Julio

Como é possivel?

Thomaz

Fujamos!
Toda a melgueira aqui vae.
Fuja ou perdidos estamos.
Oiço gritar... É seu pae!
(Fogem ambos correndo pela primeira porta da direita)

SCENA VII

HARPAGÃO (vindo a gritar desde o quintal até entrar em scena, com as feições desconcertadas, e no auge do terror)

d'el-rei, ladrões! Ladrões, aqui d'el-rei!
m-me assassinar. Mataram-me. Acabei.
a, Deus do ceo! Óh da ronda! óh da guarda!
perdido e morto. Um chuço! uma espingarda!
aram-me o meu sangue, os meus dez mil cruzados.
seria? quem foi? persigam-me os malvados!

Quem m'os trouxer co'o roubo, off'reço-lhe um quartinho...
meia moeda... mais, que eu nunca fui mesquinho.
Para onde fugiu? Onde está elle? aonde?
Corram, vasculhem tudo, a ver onde se esconde.
Ali não!... Aqui não!... Agarra o bandoleiro!
Vêl-o cá vae... Agarra, agarra o meu dinheiro!

(Agita-se bracejando á doida, e agarra com a mão direita o braço esquerdo)

Filei-te, mariolão! Larga o que não é teu!...
Estou perdido e doido; o que apanhei, fui eu.
E eu quem sou? onde estou? que hei de fazer? que posso?
Ah, meus ricos dobrões, se eu era todo vosso,
como podestes vós deixar-me só no mundo!!
Que situação! que horror! que inferno tão profundo!
Ninguem tem dó de mim; sou Lazaro; sou Job.

(Chora e soluça despropositadamente)

Perdi tudo, e ninguem, ninguem de mim tem dó.

(Na maior explosão do delirio)

Enforcar tudo a esmo, até que surda alguem
co'o meu cofre; aliás enforco-me eu tambem.

. . . .

De quem me hei de eu valer! Demonio! Eu te requeiro:
Leva-me um olho... e os dois, mas dá-me o meu dinheiro.

FIM DO ACTO IV

ACTO V



SCENA I

HARPAGÃO e FELISBERTO

Felisberto

Não me ensine o meu officio!
Sou ha muito anno escrivão.
Sei descobrir um ladrão,
até sem sombra de indicio.
Tenho a experiencia e o faro.
Tomára tantos milhões
como já puz de ladrões
á dependura, meu caro!

Harpagão

Isso mesmo: á dependura;
e assim é que deve ser.
É o primeiro dever
de toda a magistratura.
Ora o regedor, que o manda,
recommendou-lhe de certo,
senhor... senhor...

Felisberto

Felisberto,
para o servir.

Harpagão

Que a demanda
se apressasse o mais possivel,
até se dar co'o dinheiro
e enforcar-se o reu. Requeiro
não façam como no civel,
onde as causas levam annos.
Aferventa! atiça! atiça!
aliás ha de a justiça
pagar-me perdas e damnos.

Felisberto

Socegue, senhor...

Harpagão

Roubado,
servo seu.

Felisberto

Pois, meu amigo,
lá n'isso conte comigo,
que não no ha mais apressado.
Entremos no labyrintho;
mas dê-me primeiro o fio.

Harpagão

Que fio? (á parte) Mau! Desconfio
que é já pedir-me algum pinto.

Felisberto

O fio é o conhecimento
do caso, das circumstancias,
suspeitas, concomitancias,
do roubo astuto ou violento.

Harpagão

Diga os pontos separados!
Tantas perguntas de chofre...

Felisberto

Bem. Disse-nos que o tal cofre
continha oito mil cruzados.

Harpagão

Dez, dez.

Felisberto

Dez.

Harpagão

Dez. Quatro contos.

Felisberto

Roubo grande em realidade.
(Felisberto puxa para fóra da parede a mesa que está do lado esquerdo; põe entre ella e a parede uma cadeira, e assenta-se;

Harpagão vae buscar á mesa do fundo o tinteiro e o pap
e põe-lh'os diante. Claudina vem accender as duas velas
retira-se)

Harpagão

Ponha bem nos is os pontos.
(Depois de olhar para o que o escrivão assentou)
Dez mil: a pura verdade.
Não ha para um crime assim
castigo que egual lhe seja.
Roubar ao pobre de mim
é mais que roubar egreja.

Felisberto

Em que moeda era a somma?

Harpagão

Metade, em bellas loirinhas
de varios reis e rainhas
que eu posso nomear-lhe.

Felisberto

Toma!
que memorião! E o resto?

Harpagão

Um conto em bons soberanos;
trinta dobrões mexicanos.

Felisberto (repetindo-lhe as ultimas syllabas que escreveu)

Canos...

Harpagão

Prompto?

Felisberto (sorrindo-se)

Prompto e lesto

Harpagão (á parte)

E inda ha no mundo quem ria!

Felisberto

Que mais?

Harpagão

O mais era tudo
em muito ourinho miudo,
tão limpo que reluzia.

Felisberto

O senhor de quem suspeita?

Harpagão

Não sei; suspeito de todos:
dinheiro tem taes engôdos,
que todos lhe andam á espreita.

Felisberto

Sim, mas no caso presente,
dizer todos ou ninguem
vem a dar na mesma; alguem
o roubou, não toda a gente.
Não lhe occorrerá pessoa,
quer de calças quer de saia,
(pense bem!) na qual recaia
alguma suspeita boa?
Se lhe occorre, é nomeal-a:
catrafila-se, e veremos
se uns anjinhos que nós temos
a fazem ou não ter falla.
Não é preciso mais potro,
nem mais nada. Se é culpado,
declara-o; se o reu foi outro,
que o nomeie.

Harpagão

É bem lembrado.

Felisberto

Um ou outro hão de lhe pôr
para ali o cofresinho.

Harpagão

Bella idéa, sim senhor.
Vou ver, vou ver se adivinho.

SCENA II

;mos e SEBASTIÃO (que, entrando da segunda porta da direita, se revira para traz gritando)

Sebastião

10. Olhem lá: matem-m'o sem tardança;
lhe o facão no peito; abram-lhe a pansa;
dos pés fóra; o corpo chamuscado;
; e na corda até o tecto içado!

Harpagão

que me roubou?

Sebastião

É um leitão; mandou-m'o
reparar o senhor seu mordomo.
) eu lh'o arranjo.

Harpagão

O que me importa agora
! O senhor... (indicando o escrivão)

Sebastião

Se é coisa de demora,
; logo venho.

Harpagão

Espera! Este senhor,
que é o digno escrivão do nosso regedor,
precisa interrogar-te.

Sebastião

O que eu souber, direi.

Felisberto

Escusas de tremer. Nós cumprimos a lei,
mas não comemos gente; ergo por consequencia...
falla desassombrado!

Sebastião (para Harpagão em voz baixa)

Este sua excellencia
tambem cá ceia?

Felisberto

Aqui, meu rico amigo, deve
dizer tudo a seu amo: exacto, claro e breve.

Sebastião

A respeito da ceia? elle bem sabe o homem
que em mim tem: o que eu faço, os seraphins o come

Harpagão

se trata d'isso.

Sebastião

O brodio bem podia
ito melhor; mas a pirangaria
ɔr seu mordomo...

Harpagão

Acaba já com isso!
ıovas...

Sebastião

De quê?

Harpagão

Do que levou sumiço,
cofre.

Sebastião

O seu cofre! e tinha lá dinheiro?

Harpagão

não repões logo, enforcam-te, bregeiro!

Felisberto (baixo a Harpagão)

Olhe que espanta a caça. O homem não tem má cara.
Com bons modos, verá que tudo nos declara.
Como é a tua graça?

Sebastião

A alcunha que me dão
é Sebastião Pacato.

Felisberto

Ora, Sebastião,
um conselho de amigo, e amigo exp'rimentado,
não se ha de despresar.

Sebastião

E não.

Felisberto

Caso negado,
provando-se, é peor. Vá lá. Confessa tudo,
que ninguem te faz mal. Eu sou homem sisudo:
o que prometto, cumpro; e, além da impunidade,
o patrão ha de dar-te o premio da verdade.
Roubaram-lhe hoje um cofre, e tu, que não és curto,
antes bastante esperto, has de saber do furto.

Sebastião (baixo, comsigo mesmo)

; a sopa no mel. Agora é que o mordomo
ıdo por junto; eu já lhe mostro o como.

Harpagão

tá elle a rosnar?

Felisberto (baixo a Harpagão)

Tape a boquinha; deixe!
o amedrontar, temos no anzol o peixe.
não mentia; eu bem lh'o tinha dito:
a capaz.

Sebastião

Ver já meu amo afflicto
afligir mais, confesso que é custoso.
ıfim, quem deve, paga. Esse furto horroroso
e a mim parecer, que ninguem mais o fez
seu mordomo. Eu fallo portuguez,
ıu ó tio, ó tio.

Harpagão

O Duarte!

Sebastião

Sim senhor.

Harpagão

Co'um fallar tão honrado!

Sebastião

Oui.

Harpagão

Co'um tamanho amor
a tudo que era meu!

Sebastião

Ahi tem. Forte macaco!

Harpagão

Dize: forte ladrão! ladrão peor que um Caco.
Mas porque julgas tu, já agora has de explicar-te,
sim, porque é que suppões que o monstro foi Duarte?

Sebastião

Se põe por elle a mão no fogo, eu cá não ponho.
Supponho que foi elle... emfim... porque supponho.

Felisberto

Mas porque é que o suppões? se ha fundamento, emitte-o.

Harpagão

acaso o Duarte andar rondando o sitio
eu tinha o dinheiro?

Sebastião

Ai, vi; por tal signal...
ieiro onde estava?

Harpagão

Ali, no meu quintal.

Sebastião

iintal, justo, ali; n'esse proprio logar
eu vi muita vez o malandrim rondar.
inheiro em que estava?

Harpagão

Estava n'uma arquinha.

Sebastião

na arquinha o vi eu.

Harpagão

E essa como era?

Sebastião

Tinha
o feitio... sei lá? a modo assim... de arqueta
(se me apertam de mais, atolo-me na peta).

Felisberto

Claro está, mas descreve-a.

Sebastião

Era grande bastante

Harpagão

A minha era pequena.

Sebastião

Isto é, exorbitante
tambem eu não na achei; o *grande* é no sentido
do grande dinheirão que estava lá mettido.

Felisberto

E a côr? a côr?

Sebastião

A côr?... Era uma certa côr...
fóra do uso... exquisita... (para Harpagão) O nome por favor;
veja se m'o recorda... eu sei, mas não atino...
vermelha, não?

Harpagão

Cinzenta. Acabarás, mofino?

Sebastião

é o que eu dizia: um certo acinzentado,
flexo tirante a modo a avermelhado.

Harpagão

[ue era a mesma. Agora estou já certo.
'elisberto)
ɜ depoimento! Ah senhor?...

Felisberto

Felisberto,
rvir.

Harpagão

Achou-se a ponta da meada.
de nunca mais fiar-se em gente honrada?
: por ahi ha tanto quem supponha
de viver sem forca!

Felisberto

É uma vergonha.

Harpagão

e era melhor que os taes facinorosos
n'uma cella!

Felisberto

Olha os religiosos!

Sebastião

Lá vem elle! O que eu peço é se lhe não delate
quem lhe armou esta cama: é doido, e ás vezes bate.

SCENA III

Os mesmos e DUARTE

Harpagão

Venha, venha, meu senhor,
que temos de ajustar contas.

Duarte

Seja em que materia for,
as minhas sempre estão promptas.

Harpagão

Vem confessar, desgraçado,
o teu crime, a desleal
acção mais descommunal,
o mais nefando attentado
que jámais foi commettido.

Duarte

Não percebo.

Harpagão

Ih! que innocencia!
Não percebe!!

Duarte

A consciencia
não me argúe.

Harpagão

Mui bem fingido.
Ladravaz e comediante.

Duarte

Por Deus, por si lh'o requeiro.
Que fiz eu? diga-o primeiro!
Convença-me, e então...

Harpagão

Bargante!
Faze papel d'innocente,
se te parece; mas sabe,
para que essa farça acabe,
que eu de tudo estou sciente.

Não tem vergonha! abusar
da boa fé, do bom tracto,
de tanto carinho, e ingrato
ousar lograr-me...

Duarte

O negar,
uma vez que deu na coisa,
de nada me serviria,
senhor Harpagão de Souza.

Sebastião (á parte)

Pois eu adivinharia?

Duarte

Tencionava-lh'o dizer,
e aguardava a occasião.
Assim cumpria um dever,
contando já co'o perdão.
Visto que fui descoberto,
e sabe tudo, o que peço,
imploro, e tenho por certo,
é me indulte o enorme excesso.

Harpagão

Indultar-te! E em que razões
te fundas, ladrão cadimo,
para contar com perdões?

Duarte

No muitissimo que o estimo,
e em saber que não mereço
o titulo de ladrão.

Harpagão (ironicamente)

Brincos de rapaz travesso;
coisas de nonada.

Duarte

Não.
Offendi-o gravemente,
confesso; porém foi culpa,
das que merecem desculpa.

Harpagão

Desculpa, biltre, insolente,
a um assassino, a um traidor!

Duarte

Torne em si! pense que o mal
não foi tamanho, nem tal
como o finge o seu rancor.

Harpagão

Diz-me o infame que exagero!

Roubando-me elle o meu sangue,
acha injusto que me eu zangue
e não perdôe.

Duarte

O que espero
é que abra os olhos, e veja,
que o seu sangue não caía
em mãos indignas; um dia
conhecerá quem eu seja.
De mais, eu não lhe fiz damno
que eu não possa reparar.

Harpagão

E olé, se o ha de.

Duarte

E de plano;
já já, se quer. Vou-lhe dar
á sua honra aggravada
completa satisfação.

Harpagão

A que vem aqui chamada
a honra? Mas que razão
(tomára que m'o dissesses)
te fez perpetrar tal crime?

Duarte

Um sentimento sublime.

Harpagão

Se não és doido, pareces.
Que sublime sentimento?

Duarte

Quel-o saber?

Harpagão

Quero.

Duarte

O amor.

Harpagão

O amor!

Duarte

O amor mais violento.

Harpagão

A' minha burra?

Duarte

Senhor!
Que me faz indigna affronta!
Do seu, nada mais cubiço
que o que já tenho.

Harpagão

Só isso!
A pouco a ambição lhe monta.
Ha de com lingua de palmo
largar o que chamou seu,
ou lá verá se o não calmo
nos quintos infernos.

Duarte

Eu!
eu defraudar-me do goso
de um bem que tenho seguro!

Harpagão

Mas que é meu.

Duarte

Meu.

Harpagão

Teu!

Duarte

Se juro
que é meu, e me faz ditoso!

Harpagão

No roubo insistes?!

Duarte

E insiste
em chamar a isto um roubo!

Harpagão

E que roubo! em todo o globo,
thesouro egual onde o viste?

Duarte

Em parte nenhuma. Achei-o
tão lindo, tão seductor,
de ricas prendas tão cheio,
tão digno do meu amor...

Harpagão

Que m'o empalmaste.

Duarte

Socegue!

Não lh'o empalmei. Só lhe imploro
que á boa mente me entregue
objecto que tanto adoro.
Ajoelhado lh'o supplico.
Nada perde em m'o ceder.
Sem a si se empobrecer,
torna-me o homem mais rico.

Harpagão

Endoideceu.

Duarte

E é verdade:
da paixão mais invencivel.
Só pòr morte é que é possivel
separarmo-nos.

Harpagão

Se se ha de
humilhar arrependido,
requinta na impenitencia.

Duarte

Já não posso, em consciencia,
votos que fiz pôr no olvido.
Toda a insistencia é já van.

Harpagão

E não querem ver ao cabo
que me rouba este diabo

por caridade christan?
Vae, vae lá para a justiça,
meu salteador, galrar d'essas,
que eu quero perder tres peças
se escapares vivo. Atiça
cada vez mais a fogueira.
Torce melhor o baraço!

Duarte

Puna-me embora!

Harpagão

Ralaço!

Duarte

Diga e faça quanto queira.
Recordo-lhe unicamente
que, se ha reu, só eu sou reu.
Luiza está innocente;
juro-lh'o á face do ceo.

Harpagão

Podéra! Na parentella
nunca as houve d'essa casta.
Mas de empalhações já basta.
Revela-me já, revela
para onde é que foi levada
a minha preciosidade?

Duarte

Tem-na em casa.

Harpagão (á parte)

Oh burra amada!
(alto) Isso é verdade?

Duarte

É verdade.
Póde-a ver quando quizer.
Nunca em roubar-lh'a pensei.

Harpagão

Nem lhe tocaste?

Duarte

Honra é lei
ao homem como á mulher.
A Claudina que lhe diga
se houve jámais amor puro
como este amor que nos liga.
O testemunho é seguro.
Bem sabe: é mulher honrada,
vigilante, rigorista;
andou sempre desvelada;
jámais nos perdeu de vista.

Harpagão

Quê! Pois até a Claudina
na tratada teve parte!
O demonio és tu, Duarte.

Duarte

Sim; foi a propria menina
quem lhe impoz a obrigação
de vigiar-me e guardal-a.

Harpagão

Agora, inda a escuridão
é mais profunda. Vá! fala!
Explica-te abertamente!

Duarte

Claudina sabe-o mui bem.
Eu jurei-lhe (ella egualmente)
não pertencer a ninguem
senão eu a ella, e ella
a mim só.

Harpagão

Já comprehendo:
foram tres os da esparrella...
Esparrela e crime horrendo!

Duarte

Co'o ente mais adoravel
aspirar a unir-se, é logro?
Desejar têl-o por sogro
será crime imperdoavel?

Harpagão

Que é lá? pois de mais a mais
este infame farroupilha,
além dos meus cabedaes
queria levar-me a filha?

Sebastião (a Felisberto)

Escreva, escreva, senhor,
tudo mui bem declarado!

Harpagão

Escreva por atacado:
ladrão, seductor, raptor.

Sebastião (baixo para Felisberto, com medo de ser ouvido por Duarte)

Raptor, seductor, ladrão.

Felisberto (escrevendo)

Assento e pórto por fé...

Duarte

Quem sou depois saberão.

Felisberto

Depois se porá quem é.

SCENA IV

Os mesmos, D. MARIANNA, D. LUIZA, GUIOMAR (as quaes vem da segunda porta da esquerda)

Harpagão

ndigna! foi essa a creação que houveste?
erecias ter o pae que em mim tiveste.
um salteador, tramar um casamento,
ra de ambos nós, sem meu consentimento!
n lá! (para Luiza) Tu d'aqui já já para um mosteiro!
te) Elle para uma forca, infame aventureiro!

Duarte

de condemnado, espero ser ouvido.

D. Luiza

ı pae bem soubera o sangue esclarecido,

e as virtudes d'aquelle a quem jurei lealdade,
não abusava assim da sua auctoridade.

Harpagão

É um Preste João, e inda por cima um santo.
Vae-te ao diabo tu, mais elle!

D. Luiza

Ignora quanto
meu pae lhe é devedor.

Harpagão

Agora até lhe devo!

D. Luiza

Deve-lhe o estar eu viva.

Harpagão

Oh, que grande relêvo
nos meritos do heroe! Vens a dizer na tua
que morrias sem elle, e vives porque és sua.

D. Luiza

Não lhe lembra que um dia em que eu co'as mais anda
junto á beira do mar na penedia brava
a brincar e a correr, falta-me um pé, resvalo,

ıo-me no abysmo... ¿e quem ousa affrontal-o,
me aos escarcéos, reconduzir-me á vida?
; foi Duarte.

Harpagão

Estavas submergida,
culpa tua, e porque Deus queria.
'a-se agora esta patifaria.

D. Luiza

ıor paternal lhe rogo...

Harpagão

Não me enguiça.
ıeve, paga. O caso agora é co'a justiça.

Sebastião (á parte)

deve elle um par de murros bem puxados.

Guiomar (á parte)

em tormenta; os ceos estão nublados.

SCENA V

Os mesmos e ANSELMO (vindo da primeira porta da direita)

Anselmo

Vivam! Senhor Harpagão,
que tem? Acho-o... transtornado...
não sei como...

Harpagão

A arder; damnado;
com peste no coração.

Anselmo

Mas desabafe!

Harpagão

O que eu passo,
nunca ninguem o passou.
Tudo que ha mau, desabou
em cima d'este espinhaço.
Vinha assignar a escriptura
do casamento; não vinha?
Pois diga adeus á futura!
Já não é sua nem minha.

A titulo de criado
metto em casa um salteador;
namora-m'a, é d'ella amado;
rouba-me...

Anselmo

É crivel! que horror!

Harpagão

Não sei se é crivel, se não;
sei que é isto: assassinou-me
no meu haver, no meu nome:
—Deshonrador e ladrão!—
(indicando Duarte)
Ahi o tem!

Duarte

Se não fôra
ver-lhe, senhor, essas brancas,
e o ser pae d'esta senhora...
(indicando D. Luiza)

Sebastião (á parte)

'Stou pensando em dar ás trancas.

Duarte (para Harpagão)

Com indignação rejeito
a imputação vergonhosa;

mas a da culpa amorosa,
com que orgulho a não acceito!

Harpagão (a Anselmo)

Vê? Não só confessa; até
faz do Sanbenito gala.
E a chança com que nos fala!
Tem, Dom Anselmo, um bom pé...

Anselmo

Para me ir andando?

Harpagão

Nada:
para tomar um desfôrço
de quem lhe roubou a amada.

Anselmo

Moços tem carta de côrso;
deixemo-nos d'isso.

Harpagão

Amigo!
A affronta que elle lhe fez
não requererá talvez
a um fidalgo um bom castigo?

Anselmo

Já não brigo.

Harpagão

O que eu lhe peço
é que o persiga em juizo.
Gaste, do seu, no processo,
sem dó, quanto for preciso.

Anselmo

Casamentos obrigados
nunca foram do meu gosto,
e não me sinto disposto
a affrontar-lhe os resultados.
Quando o senhor me dizia
(indicando D. Luiza)
que a menina, a quem Deus guarde,
era livre, e não fazia
má cara á fructa do tarde;
que era emfim tão innocente
que estava co'o pae de accôrdo,
que onde havia dote gordo
todo o esposo era excellente,
annuí ao seu desejo;
fui leviano; caí;
hoje é diverso...

Harpagão

Perdi
um velho amigo, já vejo.

Anselmo

Não perdeu: seja em que for
tem em mim auxilio certo.

Harpagão (indicando o escrivão)

Bem! O... senhor... (hesitando)

Felisberto

Felisberto!

Harpagão

Escrivão do Regedor...
pessoa de todo o porte...

Felisberto

Cuido que sim.

Harpagão (para Felisberto)

Com certeza.
(continuando, para Anselmo)
E da maior esperteza
contra ladrões...

Felisberto

O meu forte
foi sempre esse.

Harpagão

Está colhendo
informações por escripto
sobre este attentado horrendo,
unico, atroz, inaudito.
(para Felisberto)
Carregue-m'o bem... senhor...

Felisberto

Felisberto!

Harpagão

Nunca acerto
o nome de Felisberto.
Vá lá! Com todo o rigor!
Faça-lhe a cama bem feita!
Pinte a coisa bem medonha,
por modo que o sem vergonha
trepe aos ares d'esta feita

Duarte

Por amar a sua filha?!
Em sabendo quem eu sou...

Harpagão

Com essas não me codilha!
Sem terem nem meio avô
sei de dez em cada rua
que não passando de uns pilhos
até se apregoam filhos
do sol, e netos da lua.

Duarte

Muitos fazem d'isso; eu não:
somos ouro d'outro cunho.
Invoco por testemunho
quanto ha nobre em Aragão.

Anselmo

Cautela, moço, cautela,
que vae de mal a peor!
Advirta que eu sei de cór
todo o Aragão e Castella.

Duarte

Dou parabens ao meu fado.
Conhecia um general
D. Thomaz Reus Carvajal
Osuna Valdez del Prado?

Anselmo

Se o conheci! Conheci-o
como ninguem.

Harpagão

Que descoco!
Que tem todo esse gentio
co'o meu roubo?

Anselmo

Espere um pouco
e veremos.

(Harpagão, vendo duas velas de cebo accesas em cima da meza do escrivão Felisberto, assopra uma)

Felisberto (ironicamente)

Obrigado!

Anselmo

Não o interrompa! (Para Duarte) Dizia...

Duarte

que D. Thomaz el Del Prado
foi meu pae.

Anselmo (rindo)

Seu pae?!

Duarte

Não ria!
Foi meu pae; tenha a certeza!

Anselmo

E eu dou-lh'a, por minha vida,
de que metteu a defeza
por um bêco sem saida.

Duarte

Posso provar o que digo.

Anselmo

Que é filho de Dom Thomaz?
Desafio-o, se é capaz,
e tome conta comsigo.
Haverá dezasseis annos
(para ver como eu sei d'isto)
que o Marquez de Guvilhanos
passou a cear com Christo.
Foi Dom Thomaz que em duelo
lhe fez com tres estocadas
pagar palavras soltadas
contra elle em seu castello.

Houve de esquivar-se ás iras
dos parentes do defuncto,
que em numeroso conjuncto,
e co'as mais torpes mentiras,
foram impetrar d'el-rei
a pena do matador.
Eil-o em campo, eil-o em furor
todo o exercito da lei.
(Nem Hercules contra dois,
quanto mais contra quarenta)
A occultas se embarca pois
sob outro nome que inventa,
levando a prole, a consorte,
e bom ouro.

Duarte

Exactamente.
Oiça o resto a quem não mente.
O resto foi d'esta sorte:
Davam-se já por seguros
em costas de Portugal,
quando dos ceos roxo-escuros
cae medonho temporal.
Baldada é toda a manobra.
Lucta o vaso, e vae-se a pique;
mas quando tudo sossobra
a Deus praz que illeso fique,
em braços de um servo seu,
um menino. Rompe a alva;
vê-se perto um lenho, e os salva.
Esse menino sou eu.

O capitão generoso
julgou ser a providencia
quem punha a minha innocencia
no seu regaço piedoso.
Educou-me como a filho.
Depois, mal cheguei á edade,
como das armas ao brilho
eu sonhava heroicidade,
permittiu-me esse exercicio,
em que assaz me avantajei.
Por um acaso emfim sei
quanto o fado me é propicio:
Meu pae vive: o que eu chorara
sepulto no mar profundo
ainda pertence ao mundo.
Outro navio o salvara.
Mas onde estava ao presente?
Ninguem no sabia. Voto
buscal-o incessantemente
té ao polo mais remoto.
Chego aqui; vejo a belleza
que desluz a quantas vi;
roubo-a do mar á braveza:
salvo-a, salvo-a! Então d'aqui
não pude mais arrancar-me:
fiquei-a sempre velando.
Por mim outro eu proprio mando
que busque a meu pae; que o arme
de valor contra a ventura
que lhe vae annunciar:
que seu filho, escapo ao mar,
vive, e aguarda-o com ternura.

Anselmo

Mas a prova? onde está ella?
a prova de que isso tudo
nos sae de um homem sisudo,
e não é simples novella?

Duarte

A primeira que lhe eu dou
é o proprio capitão
que das vagas me salvou.
A segunda, o servo ancião
que egualmente existe ainda.
Terceira, este bracelete
co'a materna imagem linda;
e n'este annel de sinete
as nossas armas, e á volta
de meu pae as iniciaes.

D. Marianna

Vive Deus! que espero eu mais?
O irmão, que aos meus braços volta!

Duarte

Minha irmã!

D. Marianna

Sim, sim. Apenas
te ouvi a voz, arraiou-se

co'o sentimento mais doce
esta alma ha já tanto em penas.
Vamos, vamos já levar
vida, alegria e confôrto
á mãe que te cria morto
e a quem vens resuscitar!
quanto é grande a Providencia!
salvo o pae e o filho; a mãe
salva co'a filha tambem.

Duarte

Mas como? quem á violencia
vos roubou do mar sanhudo?

D. Marianna

O pobre de um pescador
em terra nos veiu pôr.
No seu nada achámos tudo.

Duarte

Depois?

D. Marianna

Já que m'o perguntas,
vivemos de costurar,
sósinhas, sempre a chorar...
mas a chorar sempre juntas.

Anselmo

Filha, filho, filhos meus!

Vinde, correi, abraçae
o vosso ditoso pae.
Tornou a ajuntar-nos Deus.
Mas vossa mãe onde está?
Quero-a ver; levae-me a ella!
Filha, filha! como és bella!
Duarte, és um homem já!

Harpagão (para Anselmo)

E o senhor (em santa paz
lh'o pergunto), o que é por fim?
D. Anselmo ou D. Thomaz?
D. Pedro ou D. Seraphim?

Anselmo

Fui D. Thomaz. Quando o fado
me obrigou a expatriar-me,
para melhor occultar-me
fiz-me Anselmo; ando chrismado.
Com este nome fingido,
sem deslustrar jerarchias,
tenho empregado os meus dias
no commercio e enrequecido.
Perdi muito em Aragão,
mas o que salvei do mar
permittiu-me aqui dobrar
o meu haver; e hoje então
quizera-o quadruplicado,
pois achei os meus herdeiros,
o meu sangue tão chorado,

os meus gostos derradeiros.
Deus bem viu como eu vivia
no meio d'esta cidade
em profunda soledade
e absorto em melancolia.
Por isso, amigo Harpagão,
é que eu lhe ouvi sem horror
propostas de uma união,
que me punha em casa amor.

Harpagão

Visto isso, aquelle sujeito
é seu filho?

Anselmo

E minha gloria.

Harpagão

Então, quem me paga a historia
ha de ser o pae.

Felisberto (sempre á meza)

Direito!

Anselmo

Que historia?

Harpagão

O roubo.

Anselmo

Que roubo?

Harpagão

Quatro contos bem contados.
Foi fartadela de lobo.

Anselmo

Mas esses dez mil cruzados
quem lh'os roubou? não entendo.

Harpagão (indicando Duarte)

Duarte.

Duarte

Mentiu.

Anselmo

Duarte,
quem ousou tal assacar-te?

Sebastião (á parte)

Ao meu santo me encommendo.
São Sebastião, meu santinho,
pelas vossas bentas frechas
livrae-me de algumas brechas
nos lombos e no focinho.

(vae para se esgueirar pela segunda porta da direita)

Harpagão (chamando)

Vem cá, Sebastião; declara
segunda vez o que viste.

Sebastião

Eu 'stava bebado e triste
e não tinha a idéa clara.
Talvez cuidasse que via,
e fosse engano dos olhos.
(á parte) Pilho pauladas aos mólhos.
(alto) Nem eu sei o que dizia.

Harpagão

O depoimento ali 'stá
por mão do nosso escrivão.

Duarte

E capaz me julgará
de tão vergonhosa acção?

Harpagão

Ou capaz ou incapaz,
para ali o meu dinheiro!

Felisberto

em que ficamos?

Harpagão

Primeiro
responda-me D. Thomaz!

SCENA VI

Os mesmos, JULIO, THOMAZ (que vem da segunda porta da direita com o cofre embrulhado n'um capote)

Thomaz vae para o fundo da scena, onde fica meio encoberto pelo biombo)

Julio

:egue, e parabens! o cofre, o seu thesouro
ste, achou-se.

Harpagão

Dá-m'o. Onde o tens?

Julio

O seu ouro
nca lhe foi roubado; é seu, mal que disser
э Marianna é minha.

Harpagão (á parte)

O cofre sem mulher,
ou a mulher sem cofre. Eu, que não sou banana,
resolvi: (alto para Julio) — Dá-me a burra, e leva a Marianna.
Mas tocar-lhe-hia alguem?

Julio

No cofre? esteja certo
de que nunca jámais foi nem sequer aberto.
(Para D. Marianna) Nada falta, Marianna! A tua mãe consente.
De lá venho: implorei-a; amor torna eloquente;
convenci-a, e sem custo, a permittir-te a escolha
entre mim e meu pae. Nada ha que emfim nos tolha.

D. Marianna

Não sei. De um pae tambem depende o meu destino.

Julio

Como! Pois tens...

Anselmo

Sou eu.

D. Marianna

Presente repentino,

que recebi de Deus, assim como em Duarte
recobrei um irmão.

Julio (comprimentando Anselmo)

Senhor! (Para D. Marianna) Porém de que arte
se operou tal prodigio?

D. Marianna

Eu t'o direi.

Anselmo

Consente,
meu amigo Harpagão, na dita d'esta gente?
O meu sangue co'o seu já vê que se harmoniza.
Dê-se Marianna a Julio, e Duarte a Luiza.

Harpagão

Primeiro, venha o cofre; antes não dou resposta.

Julio

O cofre, intacto e são, vem já correndo a posta.

Harpagão

Eu dinheiro não dou; não tenho. Se faz conta
casar sem dote, bem.

Anselmo

Sem lhe fazer affronta,
doto eu os dois casaes.

Harpagão

E obriga-se por todas
quantas despezas traz o casamento e as bôdas?

Anselmo

Com mil vontades.

Harpagão

Certo?

Anselmo

E mais que certo.

Harpagão

Bom.
(á parte) Sempre este D. Thomaz merece bem o Dom.

Anselmo

Corro a ver minha esposa. Acompanhem-me! É dia
para se me espelhar em todos a alegria.

(Põe-se todos em acto de partir, pela primeira porta da dire

Felisberto (levantando-se da meza)

Alto lá! quem me paga?

Harpagão

O quê?

Felisberto

Toda esta escripta.

Harpagão

E ella de que nos serve?

Felisberto

Essa agora é bonita!
Porque a mandou fazer? e em lettra tão distincta?
com penna de perú, e graxa em vez de tinta?

Harpagão

Bem. Não quero lesal-o, e pago o seu trabalho.
Dou-lhe para enforcar este grande bandalho.
(indicando Sebastião)

Sebastião

Fallo verdade, e apanho! Encaixo a minha peta,
e enforcam-me! Que mundo! O diabo és tu, forreta!

Anselmo (para Harpagão)

Ha de perdoar-lhe, amigo. Aquillo é um parvo.

Sebastião

Um

Duarte

Até eu lhe perdôo.

Harpagão (para Anselmo)

O amiguinho está prompto
a pagar ao escrivão?

Anselmo

E a tudo quanto queira;

(Dá dinheiro a Felisberto, que sae pela porta primeira
ta, fazendo grandes cortezias)

Julio

Vem, Thomaz!

Thomaz

Eil-a aqui.

(Thomaz vem em passo grave e com ar solemne; de
caixa e a apresenta a Harpagão)

Harpagão (arremessando-se á caixa)

A minha feiticeira!

(Tira alvoroçado uma chavinha do bolso; abre de r
caixa, e encara o ouro com a maior complacencia)

(abanando) E traz o peso, traz! é isto mesmo. Agora
toca a ver se está certo, e adeus.

Anselmo

Vamos embora.

Harpagão

Olhe cá, Dom Thomaz, eu é que falto á festa.

Anselmo

Porque?

Harpagão

Tenho um chapéo que para nada presta,
e casaca não tenho.

Anselmo

Arranje-se de tudo,
e remetta-me o rol que eu pago.

Harpagão (á parte)

Ih, que lanzudo
tão bom de tosquiar!

(Sae Anselmo; atraz d'elle D. Marianna pelo braço de Julio; D. Luiza pelo de Duarte; Sebastião e Thomaz de braço dado, atraz de todos, e saltitando. Harpagão senta-se no chão a contar o dinheiro)

Guiomar

Senhor Dom Harpagão!

Harpagão (sem olhar para ella)

Nove, dez... Que lhe quer?

Guiomar

Sou a Guiomar.

Harpagão

E ent

Vinte e dois, vinte e tres... Que é que pretende?

Guiomar

As

que lá por ter falhado aquelle casamento,
eu não desmereci. Eu fiz-lhe quanto pude.

Harpagão

Cento e dois, cento e tres...

Guiomar

Que diz?

Harpagão

Que haja sa

Guiomar

Para se consolar, se quer a viscondessa,
pague e trago-lh'a já.

Harpagão

Forte quebra-cabeça!
Já me perdi na conta. A viscondessa, tu
e quanta mulher ha, vão-se com Belzebuth.
(batendo na caixa)
A minha esposa é esta. A esta é que eu me obrigo
a ser sempre leal.

Guiomar (fazendo-lhe figas e correndo para a primeira porta da direita)

Vae! sume-te, inimigo!
Fica-te como um cão, sósinho ao desamparo,
suicida vil! demente! infame! avaro! avaro!

FIM DO AVARENTO



PARECER

DO

Illmo Exmo Sr.

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL



O AVARENTO

PLAUTO — MOLIÈRE — CASTILHO

I

Tentei já em anteriores ensaios esboçar a grande figura do creador da moderna comedia[1]. Não será acaso inteiramente perdida para a arte alguma investigação mais particularisada das composições de tal mestre. E que melhor occasião do que o resurgir de uma das suas obras primas, nacionalisada— tão nacionalisada—pelo nosso poeta maximo?

Talvez dê hoje ares de ridicula velharia este professar culto e respeito ás primazias intellectuaes attestadas em taes manifestações. Que lhe hei de fazer? Ou seja espirito retrogrado ou acanhamento de faculdades, com isto me crearam, e n'isto provavelmente acabarei.

Bem sei que um homem faz logo outra figura decapitando as reputações e dando baixa aos gradua-

[1] Veja-se o parecer sobre o *Tartufo*, appenso á respectiva edição portugueza, assim como o que acompanha a do *Medico á Força*.

dos. Perante as turbas suppre muita coisa o desdem apparatoso. Quem tudo trata de resto naturalmente se inculca superior a tudo. Mas não tem quem quer o feitio necessario. Arduo e longo é subir passo a passo a aspera vereda que leva ás eminencias puras e luminosas: mais prompto e mais facil demolir qualquer o que topa diante, para se mostrar ao vulgo sobre um pedestal de ruinas!

Esta innovação, copiada de Atila e de Omar, estou que lhe porão tambem alcunha de progresso. Em todo o caso é expediente por extremo comprehensivel. Ha todavia naturezas refractarias a taes industrias, e creio que sou d'essas.

Não dissimulo a culpa, nem tenho esperanças de contricção. Humildemente me confesso pois atrazado, petrificado, crystalisado em taes admirações,—se o credo actual permitte ainda estas liberdades. Não se confrange nem se humilha a minha democracia com o explendor de alheias corôas. Não supprimi o enthusiasmo pelo que é realmente bello, realmente nobre, e realmente bom. Inclino-me reverente diante das legitimas glorias de todos os tempos; acompanho com a indulgencia as naturaes exuberancias juvenis, erupção necessaria, tributo inevitavel; saudo com franca sympathia os talentos sinceros, as justas aspirações, os generosos esforços, os secretos infortunios, as victimas numerosas de insondadas iniquidades.

A esta comesinha propensão, indicio de incuravel

inepcia, chamava-se em tempos remotos—ha dez annos—*fossilismo*. Actualmente chamam-lhe *chauvinismo*, *fetichismo*, e outras coisas em *ismo*, egualmente expressivas. Bogalhudo cacho de novidades brota d'estas nomenclaturas exoticas, não? E n'ellas que accelerado e assombroso movimento!...

Bem quizera eu, seduzido de tanto exemplo recommendavel, fundar tambem a minha escolasinha. E podia-o tentar de muitos modos: já redoirando algum fragmento de philosophias decrepitas; já propondo uma reforma social, que tornasse illimitados os direitos e abolisse a antigualha dos deveres; já finalmente atirando-me com heroico denodo a quaesquer moinhos de vento. Mas grave difficuldade occorre. Onde estabelecer a âmbula do novo chrisma, a arca do novo mysterio, se todos os logares estão tomados, e uns aos outros se atropellam os prophetas e os Messias?

Resigno-me por tanto a ficar onde estava, e continuo a enlevar-me no que sempre maravilhou o espirito e mereceu os applausos, mau grado a systemas exclusivos e parenéses intolerantes. Não será muito da moda, mas é ao menos sadio. Longe do apertão, livro-me de canceiras e forro-me ás contusões. Proseguirei pois impenitente n'esta ignobil vulgaridade de venerar Molière e Castilho, de estudar um e outro, e alguns mais, fazendo a diligencia por aprender em todos.

II

Somos, fóra de duvida, um seculo eminentemente, essencialmente inventivo. Arremessámos uma ponte atravez do Niagara; abrimos no isthmo que une dois maximos continentes o enorme rasgão chamado Canal de Suez; mettemos um caminho de ferro pelo ventre dos Alpes, como qualquer chibante metteria o navalhão sem preconceitos pela vastidão abdominal de um merceeiro sem remorsos.

Não satisfeitos ainda, ávidos sempre de novos tentames, suspendemos já das nuvens, entre a immensa rociada e o immenso fragor, outra ponte por cima da ponte da grande cachoeira; delineâmos dar um porto a Paris; projectâmos, para lançar nos braços uma da outra as duas bellas ciosas, França e Inglaterra, um *tunnel* sub-marino, que deixe a perder de vista o *tunnel* sub-fluvial de Londres, ostentosa inutilidade britannica. Inventâmos sem descanso; inventâmos sem clemencia; inventâmos por costume, por teima, por desenfado, por mania, por especulação, por vaidade—por tudo, em tudo, para tudo!

Apoz o util inventâmos o paradoxal. Apoz a locomotiva-mixta do italiano Cottrau e a locomotiva-estrada do inglez Thompson de Leith, a machina-sol e os collarinhos de ferro. Fabricâmos instrumentos complicados para servirem de pretexto a nomes

extravagantes — o *noëmatachometro*, que pretende medir as operações do pensamento, — o *noëmatachographo*, que pretende registar essa medição.

A invenção expulsa a invenção! De um anno para outro o pantelegrapho Meyer apeia o pantelegrapho Caselli.

A invenção multiplica a invenção! O telescopio Grubb inventa as photographias da lua; a analyse espectral nas mãos de Sorby inventa o novo metal *jargonium*, — epigrammatica designação que parece inspirada pela musa dominante.

Para não perder tempo n'esta faina, nas horas vagas da invenção tornâmos a inventar o que estava já inventado. Possuimos sobre tudo a tendencia do retrocesso. *Animum revertendi.* Assim, por exemplo, soam-nos de Alemanha estes biscates de phraseado abstracto: *objectividade, subjectividade, modalidade*, etc., que tanto valem como os termos communs e perfeitamente intelligiveis: *exterior, pessoal, caracter*, etc.; e eis-nos todos ufanos e desvanecidos a acclamar a maravilhosa invenção... que consiste em dizer por outros termos o mesmo que diziam ha muito os nossos antepassados.

Transferimos para as bellas lettras a technologia kantista, e trancámos o resto. Cuidâmos sinceramente esclarecer o nosso tempo com esta complicação de nevoeiros. Não advertimos porém que o systema de Kant, empenhado em combater o dogmatismo de Wolf e o sceptismo de Hume, não faz senão

cair em paralogismos e contradicções egualmente deploraveis.

Depois de em longos trechos cerzir com aquellas obscuras dissertações os mandamentos hegelianos, Collignon, modernissimo fazedor de estheticas, apenas consegue extrahir de uma obra volumosa, *L'Art et la Vie*, este muito concludente e muito dilucidante aphorismo: «todo o homem é artista; todo o artista é homem.»

Conclusões de tal calibre e alcance levaram provavelmente Charles de la Rounat, outro escriptor de hoje, mas vivo protesto em favor do bom senso, a chamar áquelle theorismo tenebroso e abstruso: *consolation de l'impuissance et de l'insufisance!*

Das improvisas jurisprudencias da arte, que de todos os lados nos começaram ahi a surgir e emmaranhar-se, dizia tambem com grande propriedade um gentilissimo talento nosso, o amavel moralista Gomes Coelho—que lhe pareciam, ellas «imaginarios codigos», e aquelles que as redigiam «absolutos legisladores da coisa menos legislavel do mundo.»

Imitando os dislates de Collignon, presumimos com taes enxertos renovar a arte degenerando-a. Modestamente protestâmos restaural-a, substituindo-lhe aos fructos primorosos este espessor agreste de folhagem. Tanto nos cega a furia de inventar, que damos assim por ultima novidade o que nos dominios da palavra conta perto de cem annos, o que nos dominios da idéa tem mais de vinte e um seculos.

Trinta annos effectivamente ha que Tissot e Barni, os vulgarisadores do sabio de Kœnigsberg, diffundiram pela Europa meridional o conhecimento do seu systema; havia mais de cincoenta que este systema corria impresso na Alemanhà, quando aquelles dois escriptores compilaram e verteram as obras que o continham: eis pelo que toca ás nomenclaturas. Kant e a sua sequella representam uma segunda edição de Aristoteles, correcta e augmentada: eis pelo que respeita ao pensamento. Não é tudo novo em folha?

Frequente e pertinaz se tem tornado, e vae tornando, a resurreição de antigos erros á sombra de certos epithetos, agora excogitados, ou de longe desencantados. O tempo devorador, *tempus edax rerum*, que tem realmente devorado muitas virtudes, parece respeitar as immunidades da malicia. A malicia, insensivel ao peso dos annos, faz dos seculos thesouro d'onde extrahe materia e modo para mais laços e perfidias. Desfigura-se o passado para complicar o futuro. Nem que houvera a premeditação e o fito de multiplicar sem fim as causas de turbação moral!

Sobram os exemplos em todas as espheras. Achamse facilmente á mão sem sair d'esta. Bastará um. Seja dos mais recentes. A ostentosa anthropodicéa de Sièrebois, devoto seguidor de Stuart-Mill, não é mais do que mal disfarçada reproducção do seco utilitarismo de Hobbes, ha muito condemnado por esteril e damnoso.

Ao mesmo tempo que isto se vê—notavel phenomeno!—sentenciâmos sem appellação aquelles de quem procedemos, como se nos envergonháramos da nossa natural ascendencia. Esta a ultima invenção, e, ao que parece, a principal. Contemplemol-a, de passagem sequer.

A successão das instituições, seguindo os desinvolvimentos sociaes, era apenas ordinaria condição da vida. Não se admittia ahi insulto á paternidade intellectual: ninguem ousava renegar a sua legitima filiação. Apresentavam-se com franqueza e definiam-se claramente as necessidades a que deviam corresponder aquellas modificações. D'esta maneira se entendia e realisava o progresso humano, a lei providencial,—expugnando ás vezes as resistencias cegas, não os sentimentos justos,—alterando as fórmas, nunca atacando os fundamentos da sociedade.

Mais expedita, uma sciencia novissima, cujos principios se ignoram, cujos fins se não percebem, cujos meios se fundam na violencia, procede hoje de outro modo. O dogmatismo sombrio d'essa denominada sciencia, mysterioso como a Sybilla antiga, devastador como o facho wandalico, expressamente confunde todas as noções, provoca todas as sensualidades, aproxima e encadeia todos os excessos. Assim vae fraccionando mais e mais as classes, assim vae levando ao delirio as paixões, á incandescencia os odios, e no cháos universal tenta recomeçar não se sabe que genése monstruosa e inexplicavel. A acção dissol-

vente d'esta propaganda de lava diz procurar a melhoria das classes operarias, e destroe as industrias que as alimentam; com os abusos da liberdade chega á suppressão da liberdade; com os proprios instrumentos da civilisação aniquila os mais uteis ou os mais brilhantes productos d'ella!

D'onde virá, e aonde levará, esta singular invenção que dá á fraternidade por cimento o rancor, á moralidade por principio a licença, á perfectibilidade por base a assolação?

Aonde leva por esse caminho de contradicções e de horrores? Assás o dizem pavorosos exemplos. D'onde vem? Vem de uma simples inversão de termos, futil na origem, insignificante na apparencia, tremenda nos effeitos.

Escolhei entre os venenos mais subtis e corrosivos, nenhum tão pernicioso e imperceptivel como o uso perfido e improbo da palavra. A falsa palavra causa ainda mais damnos que a moeda falsa. A falsidade da moeda prejudica apenas os valores materiaes; a falsidade da palavra corrompe e annulla toda a valia moral. Uma chega até á bolsa, a outra alcança até á alma; a primeira diminue os haveres, a segunda envenena os espiritos; aquella atraza a riqueza, esta destroe a vida.

Com a falsa palavra engana a astucia as faceis credulidades, disfarça a cubiça a ruinosa soffreguidão, doira a lisonja as ardilezas torpissimas. A palavra refalsada illude todos os poderes e mina todos os

estados. Tem cortezãos que lhes mentem os principes, quando os principes imperam; tem aduladores que lhes mentem os povos, quando os povos exercem faculdades soberanas. Onde ha que dar e receceber ahi está logo a solicitação dolosa a embair e enredar. Se dá o favor, lá a achaes aulica no paço; se dá o tumulto, lá a descobris furia na praça. Essa palavra fallaz, essa palavra Protheu; não ha veste que não adopte, não ha mascara que não cinja. Vel-a-heis aos pés da plebe, se da plebe espera proveito; vel-a-heis aos joelhos dos grandes, se dos grandes suppõe tirar lucro. E é sempre a mesma, sempre avidez, sempre egoismo, sempre embuste, sempre aleivosia, sempre traição, sempre e em todas as coisas falsidade, sempre e para todas as pessoas detrimento.

Dos que escreviam em serviço dos reis quando os reis eram tudo, dizia o grande orador Vieira: «se «as suas pennas forem sãs, e tão puras como os raios «do sol, d'ellas nascerá todo o bem e felicidade pu«blica; mas se em vez de serem sãs, forem corru«ptas, e não como raios do sol, senão como raios, «ellas serão a causa de todas as ruinas e de todas «as calamidades.»

Não está a dolorosa experiencia de tantas calamidades e tantas ruinas dizendo o mesmo, e peior, das pennas que escrevem para os povos, hoje que tudo aos povos attribuem e tudo lhes requerem?

Se a contumacia de taes pennas, quer por meio da fraude quotidiana, quer por meio do sophisma

consuetudinario, entorpece e estorva toda a direcção benefica, se confunde e cega a consciencia publica, se promove assim a inquietação que passa a enfermidade, a enfermidade que gera o tresvario,— a quem, senão a ellas, se hão de pedir contas do mal occorrido? quem, senão ellas, deve responder pelas consequencias da falsificação das doutrinas e da falsificação dos factos?

Que pennas pois darão mais penas do que essas? Que raios serão mais raios? Não se vê nas dores que motivam? Não se vê nos estragos que produzem? E todas estas dores e todos estes estragos, póde encobril-os uma ficção? póde apagal-os um traço? póde desculpal-os uma argucia? Póde admittir-se e consentir-se que o abuso absolva o abuso!

E bem pouco é preciso para tornar a palavra luz em palavra incendio. Mudou-se o nome ao crime, e esta sophisticação bastou para crear a funesta doutrina fecunda em catastrophes. Com assombro viu o mundo surgir dos infimos recessos a feridade que nem suspeitava; viu effectuada em pouco tempo uma tremenda metamorphose. As grandes virtudes, os nobres enthusiasmos, os puros affectos, obstinadamente fulminados pelo sarcasmo da depravação, convertem-se em coisas irrisorias, d'aqui a pouco despresiveis. A insidia generalisa as desconfianças; a calumnia impossibilita a gloria. Correndo soltas as saturnaes da ignorancia, da cubiça e do vicio, fazem-se imperdoaveis delictos o saber, a integridade e a

honra. É a superioridade intellectual distincção indelevel; constitue portanto uma aristocracia incommoda, offensiva, imperdoavel. Abaixo pois o talento. Guerra á intelligencia, por todas as fórmas, em todos os campos, sob todos os pretextos!

Com raro senso previa em França, já no anno de 1862, este funesto e infallivel resultado, um claro engenho, tambem pertencente á nova geração. Sagacissimamente penetrou aquelle atilado espirito uma das mais poderosas causas da dissolução moral que se observa. Merecem profunda e séria meditação estas propheticas palavras de Weiss:

«Se eu não houvera lido senão Rousseau e Mon«tesquieu, cuidara ingenuamente existirem apenas no «mundo os partidos classificados — livres pensado«res ou supersticiosos, democratas ou oligarchas, «realistas ou republicanos; sem desconfiança acre«ditara que tudo por fim necessariamente se redu«zia a ser por Cesar ou a ser por Bruto. Li muito «porém de La Rochefoucauld e um pouco de Molière. «Fiquei desde então suspeitando que o pobre do «nosso planeta é arena de outra contenda, antiga já, «e grave a par das mais graves da religião e da po«litica. Está-me parecendo que, por cima d'esses par«tidos que dão exclusivamente nos olhos, dois exis«tem, anteriores aos mais, a todos sobreviventes: «primeiro, o grande, o temeroso, o invasor partido «da mediocridade, que tudo vae usurpando, já nos «arraiaes de Bruto, já nos senados de Cesar; de-

«pois, o debil e minimo partido dos homens de ver«dadeiro merito, a quem os mediocres sem descanço «disputam e arrebatam a reputação adquirida, as «distincções legitimas, os parcos haveres.»

A realidade foi ainda além do prognostico. Os proprios mediocres estão já distanciados. Nove annos apenas se passaram apoz esse escripto. Veja-se como o nivel tem descido! Veja-se como vae descendo!

E desce, e desce... Pode descer a abysmos!...

Não vêem? Não ouvem? Chegou a hora de emancipar a rudeza ébria. O sceptro dos espiritos é uma rasoura brutal; a direcção da humanidade pertence ao exterminio. Cicero clamava: «legitimamente só se dá o nome de sabedoria á razão aperfeiçoada.» *Ratio perfecta nominatur ritè sapientia.* Corrigiu-se o texto, e em vez da razão, em vez da sabedoria, ficou... o petroleo!

A razão! A razão que se envergonhe de ser razão! A razão que ceda o passo á especulação; e se o não fizer, compareça, ré, perante o crime, juiz! A razão que emmudeça submissa e baixe os olhos confusa, como os baixava o heroe da Eneida. *Immota tenebat lumina!*

Á força de inventiva, tornámos assim em exploração regular os padecimentos e os estremecimentos do povo illudido, a primeira e maior victima de todos os estratagemas e todos os desvarios. Saudâmol-o soberano, e cingimos-lhe aos hombros a ironica purpura tinta em sangue, e apertâmos-lhe nos

olhos a venda côr de sangue. Arruinâmos-lhe outras industrias, mas creámos-lhe esta. Somos artifices de tumultos, parodistas de revoluções. Temos para isso um processo notorio, um mechanismo conhecido. Só os innocentes, cada dia mais raros, se illudem com o scenario e mutações que improvisâmos. Entretanto, como a empresa dá frequentemente lucros, multiplicam-se os empresarios.

O prefacio indispensavel d'estas atrozes preparações e sanguinolentas visualidades é apenas um tudo nada de substituição no vocabulario.

III

Anda presentemente em voga nas regiões litterarias um termo, não absolutamente moderno, mas refeito pelos moldes d'estas lexicographias phantasiomente innovadoras. É o termo *realismo*, ambiguo de si, mal definido ainda.

Cumpre sempre desconfiar das palavras de dois gumes!

Qual é o genuino sentido de *realismo?* É a observação escrupulosa da natureza, a fiel pintura d'ella? Se não passa d'ahi, equivale a *naturalidade*, e entra na ordem dos neologismos inuteis: tinhamos já a escola e tinhamos o vocabulo que a distinguia.

Se *realismo* porém quer dizer a photographia ignobil de ascorosas deformidades, ou a exageração de

cerebros enfermos, ou o desafogo de impaciencias que o despeito irrita; se este ambiguo e apparatoso rotulo cobre e dissimula os estimulos mais vehementes do scepticismo, administrado em largas dóses, quer por effeito de tristes allucinações, quer em virtude de uma propaganda systematica; se tudo isto significa, ou alguma d'estas coisas, invento será em verdade, notavel e recentissimo invento, mas deve classificar-se a par do picrato de potassa e da nitròglycerina. Não se havia até agora manifestado explosivo moral de tal potencia, e os tristes resultados que observâmos em grande parte lhe devem ser attribuidos.

O *realismo* actual de certo se não contenta com o modesto papel de simples antithese ao velho *nominalismo*. É mais do que uma seita philosophica; aspira a força militante. Mostram-nol-o por este aspecto os apostolos da escola, principalmente no romance, o genero mais accessivel a taes ensaios; mostram-nol-o nas suas variedades, pois que anda subdividida a exploração. São especialistas do *realismo* no ramo do horrivel,—especialistas até á affectação—os irmãos Goncourts. Na *Theresa Raquin*, de Zola, sobresae o *realismo* da carnalidade. É patrimonio e apanagio de Gaboriau, auctor do *Crime d'Orcival*, auctor do *Affaire Lerouge*, o realismo dos processos criminaes, que ensina juridicamente a perpetração do crime, põe os criminosos, interessados em tal estudo, na intimidade da organisação policial, e dá uma

especie de gloria aos *Tropmanns* e aos heroes dos presidios. Em quantas atrocidades terá influido *Rocambole* diffundido por milhões de exemplares?

Outro realismo, o da intitulada emancipação feminina por associação internacional, inspirou ha poucos annos as paginas reveladoras do *Calvaire des femmes*, vulgarisadas sob o pseudonymo de Le Gagneur.

Sommados esses realismos, sommada a impressão d'elles nos espiritos desprecatados, que são os mais numerosos, o que é feito da sociedade? ou qual sociedade fica possivel? Esta parcella, addicionada a tantas outras, não dará a fórmula do fulminato humano? não desandará para o estado selvagem?

Afastemos porém os olhos de delirios que devem ser a todos constante advertencia, e concentremos a attenção no assumpto que mais particularmente aqui nos attrae.

Entendendo *realismo* do unico modo por que póde admittil-o a consciencia e confessal-o a razão, julguemol-o só observador consciencioso, reproductor discreto.

Assentes estas condições fundamentaes e impreteriveis, a escola, que se imagina recemnascida, não é senão a escola de Molière. Esse o fundador; esse o mestre. E qual hoje se lhe avantaja? Quantos se lhe aproximam?

IV

Tem, como vimos, o nosso tempo a ambição e a vaidade das invenções. Era o contrario Molière. Respigava elle onde outros haviam colhido, e ninguem com mais franqueza o confessava. Das pretenções modernas sae, as mais das vezes, ou servil imitação, ou extravagancia ridicula! D'estes plagiatos do eminente comico saíu uma das mais possantes e das mais caracterisadas individualidades que se conhecem.

Porque?

A escolastica artistico-metaphysica, ou seja em verdade creação moderna ou apenas machina repintada, tem tido por unico resultado divorciar cada vez mais o theatro com a litteratura. Que se vê effectivamente nos paizes onde a arte chegou a maior adiantamento? Substituiram-se ás inspirações da musa as temulencias da orgia; entregou-se o publico á acção exclusiva das maximas devassas ou da chocarrice grosseira. Nunca se discreteou tanto, nunca se concluiu menos. Nunca se fallou tanto em ideal — um ideal que se não define — e nunca foi menos apreciada a idéa.

Tem-se propagado o contagio. Queixa-se a França, onde este nasceu; queixa-se a Inglaterra contaminada; ha de queixar-se a Hispanha se não desaprendeu as suas legitimas glorias; queixam-se as mais

generosas aspirações, os mais previsores e mais *actuaes* talentos. Um esforço genial póde apenas tornar visivel o ultimo drama de Dumas filho no meio das contorsões dos bobos de Meilhac. Augier balbucia; Feuillet desmaia; Sardou, fabricante espirituoso, só a poder de destrezas consegue equilibrar-se. E o sopro creador, não parece que o dissipara já a cerração do Norte, ainda antes da ultima invasão armada?

Roberto Browning, o insigne discipulo do insigne Shalley, por não achar nas presentes condições da scena ingleza folego e vitalidade correspondente á sua larga concepção, é forçado a procurar uma nova expressão poetica. Os *Dramatic-lyrics* importam grave protesto contra a degeneração theatral.

Quando porém a arte fallava uma lingua mais comprehensivel, quando tinha menos legisladores e affixava menos cartazes, quando invocava unicamente, simplesmente, o senso moral e o senso commum, Lafontaine e Boileau, legitimos representantes do chiste e vivacidade gauleza, enriqueciam o espirito e a lingua; e, em torno de ambos, Corneille, Racine, Molière, creavam na scena modelos que ainda não foram excedidos.

Hoje uma ideologia nebulosa, cortada de distincções causuistas, veiu a dar no mercantilismo puro, que afoga em todas as suas manifestações a verdadeira arte, e faz do palco submisso cortezão da vulgaridade e sensualismo.

Então, a missão do theatro, já popular, — ou, ainda popular, como quizerem, — sem deixar de ser popular, mantinha-se elevada, conservava a sua parte indispensavel da feição litteraria. Agora o retrocesso é evidente, a corrupção manifesta.

Assim pois, discreta parcimonia theorética, pratica fecunda e nobre; theorias complicadas e superabundantes, pratica inferior ou negativa.

Notabilissima antinomia! Interessante problema!

V

Raras coisas tão arduas como determinar em que consista a originalidade. Já Socrates affirmava: «em «verdade imaginar não é senão recordar.» La Harpe repetiu o conceito de Socrates. Confirmou-o o severo Gustavo Planche, redigindo-o mais claramente: «a melhor parte do genio compõe-se de reminis«cencias.» Uma senhora, madame Maussion, exprime egual idéa de um modo concretissimo: «o homem «não cria, acha.» «Combina o que acha,» completa acertadamente Louvet.

Não haverá pois originalidade? Ha. Mas tem as suas condições, os seus caracteristicos, e anda muito longe do que a inculca a malignidade mascarada em critica.

Confunde-se a cada passo espontaneidade e originalidade. D'aqui serios equivocos. Nem tudo o que

vem espontaneo é original, e vice-versa. A espontaneidade, a fecundidade são dons preciosos e indispensaveis, mas não bastam sós.

A espontaneidade existe, ninguem a nega. Que dá porém a espontaneidade inculta senão plantas agrestes, muitas vezes damninhas? Se unicamente a isto querem chamar originalidade, desterrem francamente a instrucção.

Admittindo o amanho das terras, necessariamente hão de reconhecer nas faculdades productivas a cooperação efficaz de tal amanho. Quererão acaso proscrever esta indispensavel preparação?

É de hontem a expressiva phrase de Luiz Etienne quando se refere aos estudos do pintor do talento: «nos proprios esforços da sua imitação encontra o «segredo da sua originalidade.» O mesmo succede ao poeta, ao romancista, ao dramaturgo. Não são todos elles pintores tambem? Não teem de copiar modelos, de desenhar retratos? Não poderão reproduzir os grupos que encontram, se estes entram no quadro da composição que traçaram, se concorrem para os effeitos que meditam?

Consultando os aristarchos, sempre mais numerosos que os bons doutrinadores, concluiremos que essa cultura do espirito, essa collaboração da memoria, contém outras tantas negações de originalidade. Consultando as obras que fazem a gloria dos annaes humanos, achâmos que a originalidade d'estas resulta justamente d'aquelle trabalho collector,—

é a condensação, a transubstanciação do seu producto.

Não será pois excessivo arrojo acreditar que a originalidade, sem se confundir com espoliação, não despresa nenhum util instrumento, nenhum subsidio prestavel, e legitimamente se apodera de quantos com taes predicados descobre, apropriando-os ao seu serviço,—isto é, ao serviço do desenho e concepção onde realmente se imprime o cunho do genio creador.

Bem conhecido deve andar o principio: «não está «a originalidade nos materiaes, está na disposição «d'elles.» Com ser porém dictame tão commum, tão obvio, natural e razoavel, nem por isso lhe dão o logar que lhe compete. D'ahi vem a necessidade de repetir a cada passo o que se devêra ter por trivial axioma.

De tal axioma é esta peça exemplificação excellente.

VI

Na ordem das obras primas do mais illustre poeta comico, vem segundo a geral estimação, o *Avarento* immediatamente após o *Misanthropo* e o *Tartufo*. Sem embargo Luiz Riccoboni, conforme já n'outro logar indiquei[1], não menos de cinco auctores desi-

[1] Parecer sobre o *Medico á força*.

gna como fontes que serviram á composição d'esta peça. E, se bem me recordo, o douto e austero italiano não citou ainda todos.

Já se vê pois que a multiplicidade dos subsidios nem prejudicou a valia real da obra, nem a individualidade do poeta.

Julgou Voltaire magnificar o *Avarento* e o seu auctor, asseverando que este só aproveitara algumas idéas de Plauto. Para demonstrar a leviandade da affirmativa bastará abrir as obras de Ariosto, a quem pertencem, como adiante se mostrará, muitos ditos, muitas feições de caracter e particularidades de enredo, consideradas pelo panegyrista exclusivas creações de Molière.

Voltaire, espirito mais brilhante do que solido, tinha a respeito da originalidade as erroneas e confusas noções que em não poucas outras coisas lhe transviaram a razão. De um falso juizo lhe procedia o indiscreto empenho.

Como se a taes aberrações quizera responder, outro talento imperioso, que todavia juntava maior alcance a egual fulgor, Goethe, tratando justamente de Molière e do *Avarento* nas suas *Conversações*, recolhidas e publicadas por Eckermann, expunha est'outro parecer tão elevado como sincero, tão justo como profundo: «Não oiço a cada passo fallar senão «de originalidades? Que entendem por originalidade? «Mal somos nascidos, começa o mundo a influir em «nós, e sempre, e em tudo, e até ao fim! Só temos

«por individuaes attributos a nossa energia, a nossa «força, a nossa vontade. Se eu pudera enumerar «todas as dividas por mim contraídas para com os «meus grandes predecessores e os meus contempo«raneos, pouco em verdade me ficaria!»

Eis o que tem por base a verdade, a razão e a natureza. Aqui nada postiço, convencional, nem contrafeito. O auctor do *Fausto* pertence manifestamente á familia do auctor do *Misanthropo*. Mais e melhor engrandece a Molière esta nobre franqueza do que a apologia inconsistente do dictador de Ferney. O verdadeiro pensador, vê-se, avantaja-se ao philosophante, a consciencia á ostentação.

Pertence Voltaire ao numero dos que tem propagado muita falsa palavra com a penna leviana. E fortuna foi ser leviana a penna: se feria a miude com os bicos, andava ainda mais a miude pela rama. Um mal corrigia o outro. Na apreciação de Molière, querendo defender a originalidade dos instrumentos, prejudica a originalidade da concepção. Pelo menos esqueceu o mais, pela execução a idéa. Que admira? A superficialidade exclue a reflexão. A mobilidade do discipulo de Bolingbroke mal poderia medir a profundeza do discipulo de Gassendi. Era um o riso da malignidade incredula; outro o riso da satyra moral.

O valor de Molière não póde ser aquilatado por systematicas prevenções de qualquer ordem. Vultos como o seu não cabem nas estreitezas escolares, e

andam muito acima das parcialidades apaixonadas. Só a luz da analyse os mostra inteiros. Nem entre os rolos do incenso, nem entre a poeira dos combates, se lhes distingue a estatura.

Qualquer justificação de uma originalidade subalterna e accessoria é aqui intempestiva e infundada. Sabia Molière que a originalidade do poeta comico deve consistir na logica dos caracteres, na propriedade dos dialogos, na naturalidade da acção, na observação dos costumes,—e sobre tudo isto no estudo do coração, de que o dialogo, de que a acção, de que os caracteres hão de ser espelhos e interpretes.

Essa lisura e essa fidelidade de espelho exigem raros e superiores dotes de probidade e engenho. No alcance d'este alvo, em que ninguem acertou melhor, no desempenho d'este dever, tanto de talento e tanto de consciencia, trazia o auctor do *Avarento* a mira e o desvello como no que devéras importava. Por que e para que desbaratar o tempo na superflua fabricação de meros materiaes? Quem n'esses materiaes exclusivamente procura o segredo creador, nunca certamente leu aquella vingadora ironia com que o elegante Musset justamente verbéra os criticastros vasculhadores:

«Il faut être ignorant comme un maitre d'école,
«Pour se flatter de dire une seule parole
«Que persone ici-bas n'ait pu dire avant vous.
«C'est imiter quelqu'un que de planter des choux!

Effectivamente, que Virgilio não teve o seu Ennio? Que Byron não teve o seu Pulci? Que illustre concepção não tem a sua ascendencia obscura?

Muito se ha disputado ácerca da originalidade de Molière, mas, em meu conceito, sobre erradas bases. A porfia, que não passar dos accessorios, póde ser interminavel e nada conclue. Tomando por essa inferior e escura via, por esse atalho que leva a labyrinthos, a analyse desnorteada nem o nome do protogonista do *Avarento* achará original.

Quereis a prova?

Passara a *Aulularia* de Plauto mutilada ou incompleta aos tempos modernos. Faltava-lhe o desenlace. Dois latinistas da renascença quizeram preencher a lacuna, fazendo cada um d'elles seu quinto acto novo—o polaco Antonio Codro Urceo, professor em Bolonha, no sèculo XV,—o alemão Filippe Pareo no seculo XVII.

No quinto acto addicional de Urceo, referindo-se aos patrões avaros, diz o escravo Stróbilo (scena 2.ª):

«Tenaces nimium dominos nostra ætas tulit
«Quos *Harpagones*, Harpigios, et Tantalos
«Vocare soleo, in opibus magnis pauperes,
«Et sitibundos in medio Oceani gurgite.

Eis em tudo o retrato do avaro de Molière. Achado estava, e á mão, um nome toante ao personagem: o personagem foi baptisado Harpagon.

Nada tão facil como inventar outro qualificativo. Mas tornaria esse, fosse qual fosse, mais original a obra? Por que o facilimo era isto, não o quiz fazer Molière. E todavia fez o difficilimo, que era exceder o que lhe dão por modelo. Bom exemplo e ensinação a quem pensar que não ha mais do que mudar nomes para ficar transplantada e nacionalisada uma composição dramatica.

VII

Na *Aulularia* de Plauto, como é sabido, colhera Molière, não, quanto a mim, propriamente o caracter, mas a idéa-mãe d'onde veiu a sair a comedia do *Avarento*. Para avaliar pois devidamente a obra de Molière util será comparal-a com a obra de Plauto.

O argumento da *Aulularia*, extremamente singelo, ao passo que torna evidente a paternidade, faz sobresair palpavel a differença.

A scena passa-se em Athenas, porque forçoso era não se passar em Roma. a liberdade republicana dos contemporaneos do comico latino não tolerava que a musa podesse directamente censurar-lhe os vicios.

Euclionte, homem pobre e de humilde condição, acha uma vasilha [1] cheia de oiro. Em vez de gozar

[1] «Aulam auri plenam» diz o escravo Stróbilo na scena 8.ª do acto IV. D'aqui *Aulularia*, o titulo da peça. *Au-*

esta riqueza, só pensa em a dissimular. O moço Lycónidas seduzira-lhe a filha, com quem Megadoro, tio de Lycónidas, pretende casar. Euclionte, preoccupado do seu thesouro, vive em suspeitas e transes continuos. Querendo acautelar-se quando vê a casa devassada com os preparos que faz Megadoro para o projectado casamento, desenterra o precioso peculio, e vae escondel-o no templo da Probidade. *(Fides)*. No templo,—epigramma á deusa?—é descoberto pelo escravo mal intencionado do seductor Lycónidas. Euclionte perde a confiança no esconderijo escolhido, e a toda a pressa transporta o seu oiro para a mata de Sylvano. O escravo segue Euclionte cautelosamente, observa onde este sepulta o thesouro, e rouba-o. Entretanto, Lycónidas confessa ao tio a situação em que está para com Phedra, a filha de Euclionte, e facilmente obtem d'elle a cessão da destinada noiva. Euclionte é successivamente informado da seducção da filha e da perda do the-

lularia não é um derivado do diminutivo de *aula*, como quer NAUDET, mas um composto de *aula*, panella ou vasilha de barro, e *Lar*, o nume protector da casa. *Aulularia*, vasilha guardada pelo deus *Lar*. Esta explicação é a totalmente concorda com a scena prologo, que serve de exposição á peça. De *aula* veiu a fazer-se *olla*. Não será esse um indicio vehemente de qual seria a pronunciação e o valor diphtongal do latim fallado em Roma? Nos dois livros conhecidos de VARRÃO *(De lingua)* e nos fragmentos do grammatico VERRIO FLACCO *(De verborum veterum*

souro. O que se conhece da peça original ficou interrompido na scena em que Lycónidas, compromettido a fazer restituir o roubo ao desesperado Euclionte, encontra o escravo roubador e tenta recuperar o perdido.

Evidentemente Molière aproveitou para o *Avarento* o perpetuo susto e inquietação de Euclionte, as suas continuas desconfianças, e muitos dos rasgos em que estas se manifestam sem dependencia dos costumes peculiares á sociedade romana; aproveitou egualmente o roubo do thesouro; aproveitou sobretudo a scena em que o duplo desastre fere Euclionte, scena essencialmente dramatica, tornada em lance comico pelo equivoco singular, que a um tempo lhe dá o sal e lhe aviva o contraste.

Tomam estes diversos traços consideravel parte no desenho de Molière, é visivel. Mas por que modo entram elles n'esse desenho?

Isso o principal; isso importa pois averiguar. Ao

significatione) assim como na obra do seu abreviador Pompeo Festo, póde ainda entrever-se a razão e a marcha de muitas d'estas transformações curiosas, não bem estudadas ainda. Festo assegura que o nome verdadeiro do poeta latino era *Ploto*, não *Plauto*, e que, a ter tido este ultimo, seria só como alcunha, e por ser procedente da provincia de Umbria, ou Ombria, cujos naturaes eram derisoriamente chamados *plauti*, ou pés chatos! Não haverá porém n'esta reclamação de Festo, que torna Plauto em Ploto, a mesma causa que tornou *aula* em *olla?*

mesmo passo, o exemplo do comico romano confirmará nos seus foros o comico francez.

Posto usar Plauto uma versificação rude e uma linguagem mal desbastada, o seu talento é ainda hoje talvez o mais comprehensivel e apreciado dos da antiguidade. Acclamava-o no theatro de Roma o povo cinco seculos depois da sua morte. Muitas das suas comedias alegraram a barbarie da meia-edade. Alguma d'ellas repetem-se modernamente na lingua materna, e acolhe-as o applauso.

D'estas repetições modernas podem citar-se varios exemplos. Um porém ficou sobre todos memoravel pela execução em tudo escrupulosa e perfeita. É este o da representação dos *Captivos* em Berlim, no anno de 1844. Desempenhavam os papeis os primeiros estudantes da universidade. A scena reproduzia exactamente uma praça e rua de Pompeia exhumada. Os trajos eram copias fidelissimas dos mais escrupulosos estudos. Serviam de irtermedios odes de Horacio postas em musica por Meyerber. Uma resurreição completa da latinidade em pleno seculo XIX!

Os *Captivos*, comedia que em alto grau participa do drama, foram saudados nas margens do Spréa como o tinham sido dois mil annos antes á sombra do Capitolio.

Desaba o mundo romano, e Plauto sobrevive ás suas ruinas. Incontestavel prova de energica individualidade é esta prodigiosa longevidade scenica!

Pois este illustre ascendente de Molière confessa haver imitado dos gregos os caracteres, os personagens, os assumptos!

E nada tão natural. Da Grecia viera a philosophia a Roma. A comedia acompanharia de perto a philosophia, como sua primogenita. Epicharmo era discipulo de Pithagoras.

Demonstra-nos porém a historia que o theatro latino, isto é, um theatro regular em lingua latina, só tarde e lentamente se constituira. As farçadas *(Saturæ)* eram apenas canções carnavalescas, plebeas e informes. As *Fesclninas*, improvisações rithmicas, ás vezes dialogadas, equivaliam aos nossos descantes ao desafio. As *Atellanas*, continham uma semente a que faltava a cultura.

Livio Andrónico, o propagandista do hellenismo, o precursor de Plauto, apenas balbuciára as primeiras tentativas. Cneio Nævio, ensaiando no theatro a livre satyra atheniense, incorrera na proscripcão e acabára no exilio. A policia romana, relaxada n'outros pontos, mantinha severamente as restricções que impediam o desinvolvimento nacional da scena. Eram essas restricções um freio á diffamação, mas occasionavam disparatados anachronismos, que tiravam á acção dramatica a verosimilhança, sua principal condição de exito. Se por um lado os cidadãos não estavam expostos á malignidade invejosa e perfida de Aristophanes, pelo outro perdiam as uteis e polidas lições de Menandro. D'ahi procede que, tres seculos

depois de Plauto, Quintiliano dizia ainda: *in comœdiam maximè claudicamus.*

O que Molière achou em Plauto, achára-o este na phalange numerosa de poetas, que hoje infelizmente só pelos nomes são conhecidos — em Philemon, em Anaxândridas, em Dióxippo, em Philíppidas, em Demóphilo, em Antíphanes etc.[1]. Reduzira-se o trabalho do comico romano a dar a estas imitações sabor, substancia, e côr que as tornassem perceptiveis e aprazíveis ao gosto do seu paiz e do seu tempo. E todavia reconhecem-lhe todos, e reconhecem-lhe com razão, um cunho seu, uma originalidade legitima.

Porque?

Porque n'essa côr, substancia, e sabor, n'esse transpor e condimentar, está justamente o melhor da comedia, e em geral do theatro.

Não foi preciso mais com effeito para conquistar a immortalidade ao poeta de Sarsina.

E em realidade, apesar do constrangimento imposto, a sociedade romana revive em Plauto; revive

[1] Na relação das peças attribuidas a PHILEMON cita-se uma intitulada *O Thesouro*, assumpto analogo ao da *Aulularia*. Parece que ANAXÂNDRIDAS tinha outra com egual titulo. A *Hydria (Cantaro)* de MENANDRO encerra tambem um thesouro. Seriam estes, ou seria algum d'estes, o suggeridor ou suggeridores da *Aulularia?* Em todo o caso a *Aulularia* bem romana se fez, e bem romana ficou.

inteira com todos os seus vicios, erros, defeitos, paixões e ridiculos.

Plauto, além de pintor fiel da sociedade, é profundo observador da humanidade. Retratou do homem collectivo o que elle tira da atmosphera moral em que vive; soube perscrutar no homem individual — commettimento maximo! — o que elle tem secretissimo em si mesmo.

Investigue-se attentamente. Os personagens de Plauto, contemporaneos d'elle pelos costumes, pela natureza são de todos os tempos. Enlevam a curiosidade como typos resurgentes das cinzas de vinte seculos; captivam a admiração pelo que tem de perenne verdade e actualidade flagrante. Mostra-vos elle a astucias espoliadoras do Velabro, e cuidaes assistir a mercados de hoje. Percorreis com elle os jardins de Venus Cloacina, e pensaes encontrar um enxame de *lorettes* e *petit-crevès*, coquetteando em trajos de carnaval. Aquelles typos existem. São homens; são o homem. São Roma e são o mundo.

Enredadores, bulrões, empiricos, fanfarrões, aduladores, parasitas, bargantes sem pejo, gatunos debruados de alicantineiros, contrabandistas que dizem enriquecer o povo, traficantes que o vendem, ávidos monopolistas que o sugam como vampiros e lhe requerem as honras triumphaes como bemfeitores, todas estas variedades do especulador desalmado,— escalracho inextinguivel das searas humanas, praga ordinaria das grandes populações,— todas estas hor-

ripilantes figuras, meio atrozes, meio burlescas, passam na galeria de Plauto com a mesma arrogancia, com a mesma impudencia, com as proprias feições que ainda hoje por toda a parte conservam e as distinguem.

Vasto assumpto de meditações tão larga uniformidade na perversão!...

VIII

Com bem razão escreveu Leclerc: «para devéras conhecer um paiz cumpre interrogar-lhe tanto os costumes como as acções, frequentar o seu theatro e o seu senado, estudar egualmente os seus historiadores e os seus poetas comicos.» É assim. Na compostura dos senados—e mal d'elles quando a perdem!—só a vida exterior apparece. A toga da historia cobre magestosamente os movimentos domesticos da sociedade. A epopéa em attitude olympica afasta os olhos do vulgo. A lyra suspira e contempla. Filha da lyra e da epopéa, a tragedia procura sim o segredo das almas, mas nas grandes commoções d'onde golpham o terror e a piedade, o sangue e as lagrimas.

Á comedia fica o dominio intimo dos espiritos, o mais difficil por ser o menos visivel, o mais vasto porque se lhe não conhecem limites.

Tous les cœurs sont cachés, tout homme est un abîme!

A comedia por tanto—, e hoje quem diz comedia comprehende todo o theatro,—a comedia é de todas as fórmas da arte a mais ardua e a mais completa. Triumpho e honra da que póde legitimamente denominar-se nova escola será sempre o haver fundido os dois antigos generos,—os generos capitaes comedia e tragedia,—alliando a paixão e a analyse. Com essa feliz innovação os quadros scenicos, multiplicando e tornando mais poderosos os seus recursos, podem abranger a vida por ambas as suas faces, o riso e o pranto; isto é, podem comprehendel-a na sua verdadeira unidade, na sua realidade tremenda.

Sendo tal o campo da alta comedia, ou comedia de caracter, bem se póde imaginar que rara perspicacia e engenhoso artificio, que subtileza de percepção e segurança de execução necessita o poeta que emprehende reunir na scena a vida externa, ou o seculo, a vida interna, ou o homem. Immensa tarefa!

Quem quizer calcular-lhe o alcance leia a possante objurgatoria de Bossuet aos espectaculos dramaticos, anathema terrivel e esplendido, *tutto spirito, tutto bille, tutto fuoco*, segundo a phrase de um eminente apreciador. Não conheço eu mais eloquente magnificação do que essa diatribe impetuosa. Muito vale de certo o que tanto póde!

Ninguem na antiguidade entendeu melhor do que Plauto este encargo e dever do theatro. D'ahi lhe

veiu a feição original. Ahi se lhe consolidou a gloria. Esta a explicação da sua inalterabilidade.

IX

Molière é o Plauto dos tempos modernos. A affinidade dos talentos aproximou ao Molière de Roma o Plauto da França, muito superior ao primeiro pela arte mais desenvolvida, pela cultura mais perfeita, pelos intuitos mais elevados. Assim como Plauto imitára os gregos sem se confundir com elles, sem se absorver n'elles, sem perder a sua individualidade, assim Molière seguiu Plauto, sem esquecer o seu tempo, sem arredar olhos do seu proposito, sem nunca, em summa, deixar de ser Molière.

A acção no *Avarento* é muito mais cheia e viva do que na *Aulularia*, sem todavia se emmaranhar em complicações escusadas. Tudo na economia da peça tem a sua collocação, e tudo concorre ao fito proposto. Não se limita porém á variedade nos accidentes (accidentes que são frequentemente imitações tambem, como adiante se verá) o cunho especial do poeta moderno. A sua maneira caracteristica —a sua originalidade— consiste principalmente na disposição e aproveitamento d'esses accidentes, accessorios necessarios ou uteis. Evocado por elle, tudo coopera naturalmente, tudo se sujeita á concepção geral e superior do assumpto, e do caracter que

o domina, tudo fica tributario do vasto e subtil discernimento do mestre.

Schlegel preferia Plauto a Molière. La Harpe tratou Plauto de resto. Schlegel, com ser critico tão douto e esclarecido, mostra-se prevenido e injusto ácerca do grande comico francez. Derivam talvez estas prevenções das idéas que professava em politica. Muitos dos seus mesmos compatriotas pensam que nem comprehendeu bem o espirito do criticado, nem acaso o da comedia. La Harpe leu tão de leve Plauto, que lhe imputa scenas da *Aulularia* acrescentadas posteriormente.

Apesar da autoridade de Schlegel, o avaro de Molière, salvo uma ou outra particularidade secundaria, parece-me avantajar-se essencialmente ao Euclionte de Plauto. Apesar dos desdens de La Harpe, respeito em Plauto um dos mais poderosos engenhos dramaticos de todos os tempos, inferior a poucos, superior ao maior numero. Ha que aprender e admirar em Plauto. Não se segue d'ahi que não haja ainda mais que aprender e mais que admirar em Molière. Um não offusca o outro. Pelo contrario. Para fazer justiça ao primeiro não é preciso deprimir o segundo. Creio que ambos serão melhor avaliados se os aproximarem sem os contrapôrem. Dê-se a cada um o que realmente lhe toca, e serão ambos julgados com mais equidade e desassombro.

Anda traçado ha muito o parallelo entre a *Aulularia* e o *Avarento*, entre Plauto e Molière. Fêl-o

Marmontel, fêl-o Lemercier, fêl-o Schlegel, fêl-o Alexandre Duval, fêl-o melhor que todos Cailhava. Mas achar-se-ha exhausto o assumpto, e não haverá mais que investigar e apurar em tão curiosa materia? Estou que ha, e, se não parecera temeraria confiança, ou ousadia excessiva, diria que talvez o principal.

Em primeiro logar, será verdadeiramente o Euclionte de Plauto um avaro?

Achamol-o, a cada passo, turbado, suspeitoso, vigilante, desconfiado; mas suspeitas, vigilancia, turbações e desconfianças, examinando sem prevenção, mais se me figuram precauções contra a divulgação de um segredo perigoso do que inspiração da avareza. Teme Euclionte a cubiça dos poderosos. Eis o que principalmente o desvela.

A condição inferior do personagem abona esta interpretação; autorisa-a a observação da sociedade romana comtemporanea.

Com effeito, a humilde posição de Euclionte explica sobejamente as suas apprehensões. O governo de Roma tem por base a mais poderosa e intransigente oligarchia. É uma republica, mas uma republica essencialmente aristocratica. A egualdade civil não existe de facto; a egualdade politica nem de facto nem de direito. A ordem senatoria e a ordem equestre absorvem a bem dizer a autoridade e o mando. Os chefes *(principes)* das familias patricias *(gentes)* são verdadeiros potentados. Quando as revoluções levam algum plebeu aos grandes cargos,

este adopta logo os costumes do patriciado, e entra n'elle. A distincção das classes é profunda e rigorosamente observada em tudo. Inexoraveis regulamentos superintendem ciosamente o uso das insignias competentes ás diversas graduações e edades — as fachas de purpura, os borzeguins vermelhos, os equipamentos tauxeados, a toga pretexta, a bulla aurea, etc. Nas cerimonias, solemnidades e recreios publicos as cathegorias estão repartidas em recintos especiaes. A esta ordenança hierarchica, symbolismo quasi, correspondem privilegios que hoje pareceriam odiosos aos mais intrepidos absolutistas. A multidão *(plebis)* compõe-se dos protegidos, dos libertos, dos clientes, cuja sorte é a dependencia, cujos direitos são frequentemente illusorios ou nullos. A clientella é uma instituição; é uma instituição o patronato. Não se contam os escravos, porque a lei não os reconhece pessoas mas coisas. *Res est servus, non persona.* O mercantilismo domina geralmente [1], e as praticas da extorsão procedem d'esse espirito.

[1] Para poderem conciliar com as acções de Euclionte o caracter que lhe attribuem, pretendem alguns commentadores que os cidadãos romanos tinham horror ao commercio! É exactamente o contrario. No tempo de Plauto, Roma era cidade essencialmente commercial. Contra aquella asserção vaga temos o testimunho contemporaneo dos fragmentos conhecidos das obras de Catão, especialmente o tratado *De re rustica;* temos os recentes e tão conscienciosos e completos estudos de Mommsen.

A época de Plauto é justamente uma época de regeneração e transformação social. Começa a invasão sybaritica do hellenismo, e com a abundancia das riquezas entra a peste da dissolução. Longe vae já a heroica abnegação dos Decios, a honrada pobreza dos Fabricios. Ás austeras virtudes antigas succedem os desregramentos de todo o genero; ao regime domestico e patriarchal a orgia publica e permanente. Como que andam nos ares os tremendos prenuncios das violencias de Mario e da reacção de Sylla.

Nada favorece tanto os abusos do poder como a corrupção generalisada. Em taes condições os mesmos foros populares se fazem instrumentos de oppressão. Cesar, o fautor do imperio, começára caudilho da demagogia.

Euclionte é homem livre, mas está no grau infimo dos cidadãos. Pertence à classe dos simples habitantes *(incolæ)*. Elle mesmo declara que não quer faltar á distribuição dos soccorros pelo presidente da Curia, para que por isso o não suspeitem de ter mais do que tinha:

> «Nam verosimile non est, hominem pauperem
> Pauxillum parvi facere quin numum petat.»

Verdade é que em seu conceito dar é estragar: *tam duim quam perduim*. É tambem certo que nada encontra por preço razoavel no mercado: *cara omnia*. Esta parcimonia porém é a um tempo consequencia

e costume da anterior penuria, necessidade de disfarçar a secreta riqueza, exageração proveniente do sobresalto. *Ex paupertate parcior.*

No prologo recitado, o deus Lar, contando como n'aquella casa guarda ha tres gerações um thesouro, diz que o avô fôra *avido ingenio*, e o actual successor com elle se parece. Esse *avido ingenio* refere-se porém ao thesouro ou ao segredo? Eis o que fica em duvida. Esta ambiguidade, provavelmente volunria olhando ao rigor restrictivo, faz de preferencia acreditar que mais depressa teria por alvo o segredo. Não quizera o avô transmittil-o a seu filho já pelas mesmas razões que assustavam o neto,—razões que o poeta é forçado a sómente deixar entrever—razões que são as mais accordes com a historia e com a natureza.

Um dos argumentos que precedem a peça, e lhe foram addicionados para lhe explicarem a acção, chama a Euclionte *senex avarus;* mas o outro,—e este o de Prisciano,—entendendo e resumindo melhor a situação do protogonista, escreve *auro formidat*, «treme pelo seu oiro», isto é, treme que lh'o adivinhem, receia as tribulações que de tal descobrimento lhe podem resultar.

A maledicencia usual dos escravos alugados imputa a Euclionte rasgos da mais sordida mesquinhez. Note-se porém que é apenas opinião de gente ignara e mordaz, e essa expressa em hyperboles que lhe tiram toda a plausibilidade.

No *Querolus (O Lastimoso)*—peça anonyma do repertorio latino analysada por Ginguené, composição que se póde considerar uma sequencia da *Aulularia*, e por isso anda em algumas edições annexa ás obras de Plauto—no *Querolus* figura de novo o thesouro de Euclionte. Esse thesouro é ainda occasião e motivo de innumeros trabalhos e desgostos ao descendente do velho suspeitoso, servindo por esta fórma como de complemento e explicação ao intuito originario.

Urceo, o continuador de *Aulularia*, necessariamente havia de ter meditado com attenção o caracter do protogonista da peça para se habilitar a concluil-a. No desenlace de Urceo, o escravo Stróbilo, abundando n'aquella prevenção do vulgo, n'uma exoração ao publico, muito semelhante á copla final do moderno vaudeville, exprime-se n'estes termos:

«.......... liberalis subito facto est
«Sic liberaliter utimini vos quoque.»

Ha aqui um pique sarcastico. Mas o que o motiva? Justamente a cessão completa do thesouro ao mancebo, quando este restitue aquelle desposando a seduzida moça:

«Hac ego te aula auri condono; accipias libens.»

Os criticos, não ignoro, arguem Urceo de haver aqui

viciado o caracter de Euclionte; mas os criticos esquecem que este desfecho é o unico de accordo com o explicitamente indicado já no citado argumento de Prisciano, grammatico dos principios do seculo VI, que de certo conhecera inteira a obra primitiva do poeta, e assim positivamente expõe o desenlace d'ella:

«Ab eo (Euclione) donatur auro, uxor et filio.»

Não é isto em verdade rasgo de avaro, nem no comico latino, nem no seu continuador. Mas se Euclionte effectivamente, no designio do auctor, não fosse um avaro? Se fosse apenas um terror vivo, satyra indirecta dos vicios oppressores? Descabida ficaria a censura; a critica ter-se-hia n'essa parte equivocado. Melhor haveria Urceo entrado no espirito do original pondo na bocca do protogonista as palavras em que este espontaneamente se exonera do deposito incommodo, sem fraudar o unico patrimonio da familia.

Verifique-se ainda mais. A intenção real de Plauto sobresairà com evidencia cada vez maior.

Euclionte, em tudo quanto diz, mostra-se principalmente preoccupado do segredo que lhe pesa, e póde compromettel-o. Ha n'elle visivelmente, conforme já indiquei, antes receio que avidez.

Megadoro, homem respeitavel, parece na peça o retrato de Catão. Parece com effeito — já nas doutrinas que desinvolve ácerca da vaidade das mulhe-

res, do excesso dos enfeites, e da economia interna, como se copiára as severidades sumptuarias da lei Oppia—já no intento de casar com donzella pobre, por se lhe figurar mais contentadiça. Pois este Megadoro, que é além de opulento poupado, pede a Euclionte a mão da filha sem condição nem exigencia; e elle, em vez de estimar a inesperada fortuna e desencargo, não faz senão recordar os laços que os ricos armam aos pobres quando os afagam:

«Nunc petit, quom pollicetur; inhiat aurum, ut devoret»
«Altera manu fert lapidem, panem ostendat altera»
. . . .
«Nemini credo, qui large blandu 'st dives pauperi.» etc.

Um avaro exultaria, quando não fosse senão por lhe ficarem menos boccas em casa. O avaro de Molière, que é devéras avaro, longe de ter hesitações ou repugnancias, quer obrigar a filha a casar com o rico Anselmo, exactamente por este não fazer questão de interesses. Em Molière o *sans dot* é da parte de Harpagon uma justificação; em Plauto o *nihil est dotis* é da parte de Euclionte uma evasiva. Harpagon, em caso egual, diz *c'est une occasion qu'il faut prendre vite aux cheveux;* Euclionte reflecte e busca dirimir a honra que lhe propõem, allegando o expressivo apologo do boi e do jumento. Haverá parecença entre os dois? Será Euclionte da raça de Harpagon?

Quando Euclionte resolve mudar o poiso ao thesouro, mais que a soffreguidão o move a superstição. É dado a agoiros, ou enguiços, como hoje se diz. Não fôra elle romano, e não o trouxeram absorto cuidados de tal natureza! Ouve grasnar-lhe um corvo da banda esquerda, e tanto basta para o assustar e por em transes:

«Non temere 'st, quod corvos cantat mihi nunc ab læva manu»

Depois, achando-se roubado, lamenta em gritos o haver-se privado de tudo para não arriscar o cubiçado peculio:

«... quid mihi opu 'st vita qui tantum auri perdidi
Quod custodivi sedulo? egomet defrudavi
Animumque meum geniumque meum...»

Tem d'estas fraquezas e d'estes arrependimentos o homem que a avareza senhorêa?

Encontra Euclionte a Lycónidas, suspeita-o de haver participado no roubo, e promette-lhe metade d'aquelle oiro se lh'o fizer recuperar:

«Dimidiam tecum potius partem dividam»

Em situação identica, o avaro genuino emprega todos os recursos, mas não lhe lembra nem dar alviçaras. Harpagon, em ultima instancia, ameaça com

a acção da justiça, e quer dar tratos a todos, até a si.

E a Harpagon não levaram todo o seu haver como a Euclionte, mas uma parte d'elle relativamente minima!

Ao saber a desgraça da filha, Euclionte exclama:

«Ita mihi ad malum malæ res plurimæ se adglutinant.»

N'este supremo lance prevalece ao amor do oiro o amor de pae.

Está ali acaso o avaro em quem o vicio obliterou os affectos? Aimé Martin reprehende a Plauto o ter assim corrompido a indole do seu personagem. Não será antes essa a feição proeminente de um caracter diverso do caracter supposto?

Fica sempre mais a geito uma occusação do que uma analyse. Quem meditar Plauto não achará facil, creio, apurar em Euclionte o typo do verdadeiro avaro. Substancialmente saiu d'ali uma parte de Harpagon, mas não todo Harpagon; saiu a desconfiança, saiu a inquietação, saiu o receio, condições que, sem serem privativas da avareza, nem bastarem para a qualificar, são todavia naturaes e communs ao avarento, concorrendo poderosamente para o caracterisar. Saiu Harpagon de Euclionte; mas tomou logo outra direcção e outra fórma — outra e superiorissima n'essa ordem de idéas.

Jules Janin, o critico brilhante, que perfilhou tam-

bem a interpretação geral, definiu bem esta superioridade: «L'Avare du theâtre latin — diz elle referindo-se a Harpagon — apparissait sur notre scène *agrandi, complété, renouvelé.»* Quando Euclionte fosse *avaro*, Harpagon não seria *o mesmo avaro.* Este surge *renouvelé, agrandi, complété!*

O mesmo titulo *Aulularia* está inculcando que o assumpto de Plauto mais é o proprio thesouro do que o seu possuidor. No thesouro contido na vasilha está a entidade que domina a peça. *«C'est le personnage moral du drame»* — diz com razão Naudet. Tudo se refere a esse attractivo e funesto symbolo, sempre occulto e presente sempre. Inherente á possessão d'aquelle thesouro inutil andam continuas incertezas, andam obstinados tormentos. Eis a these.

Interessante e dramatica é tal situação, mas antes reforça a doutrina philosophica do desprezo das riquezas do que desenha e qualifica a avareza!

A vasilha de Euclionte contém a alma do seu dono, exactamente como a bolsa do licenciado Gil Peres; isto é, contém todas as suas esperanças, todo o remedio da familia. Guarda o futuro dote da filha da casa — diz no prologo o nume tutelar que o vigia.

«. Ejus honoris gratia
«Feci thesaurum ut hic reperiret Euclio,
«Quo eam facilius nubtum, si vellet, daret.»

Nega-o Euclionte para não arriscar o seu segredo.

Mas, se imagina que lhe requestam a filha para lhe haverem o thesouro, é porque já na sua mente considera o thesouro patrimonio da filha. Sempre a desconfiança; mas sempre tambem esse apego zeloso, ali mais inspirado por um sentimento do que por um vicio. Le-Sage, vertendo n'este sentido a idéa de Plauto: *animus domi 'st*, quanto a mim entendeu-a mais razoavelmente do que os commentadores.

O cofre de Harpagon não é ocioso como a vasilha de Euclionte. O seu conteudo multiplica-se. Outra feição essencial!

A avareza effectivamente não é vicio passivo, mas absorvente; não é unicamente ciume, é sobretudo cubiça. A avareza tem sede, e sede inextinguivel. O verdadeiro avaro não acautela só o peculio; trata de augmental-o por todos os modos, a todos os instantes. Por isso o usurario completa o avarento. Harpagon some o dinheiro, mas não esquece modo de grangear mais dinheiro. Euclionte não: trata apenas de occultar. Pois a usura bem conhecida era, e bem prospera andava em Roma. O cauteloso Catão—prototypo provavel de Megadoro, como fica notado—Catão, o censor, que vendia os servos antigos para não alimentar boccas inuteis, vivia no tempo de Plauto. Catão e Harpagon ririam juntos da protervia de Euclionte, que ignorava as faculdades prolificas do seu oiro.

Grave injustiça fôra ao provado talento observador do Molière latino, fôra injuria que elle não merece,

o attribuir-lhe similhante esquecimento dos mais triviaes caracteristicos do vicio que tivesse o intuito de personificar.

Considerando o caracter de Euclionte sob este aspecto, que se me figura o mais adequado á verdade da situação, e o mais conforme ao texto, desapparece a maior parte das censuras que uns fazem a Plauto, e não pouco das comparações com que outros julgam prejudicar Molière.

Plauto ficará mais verdadeiramente Plauto. Molière ficará mais inteiramente Molière!

X

Em todo o caso, e ainda aceitando a interpretação até agora dada ao caracter do protogonista da *Aulularia*, indubitavel é que o typo Harpagon se apresenta desde logo muito mais perfeito, muito mais acabado como exemplar de avareza.

A avareza é uma unidade, mas a expressão da avareza ha de ser necessariamente variavel, segundo as circumstancias em que se manifeste. Ha pois differentes especies de avaros. Nas classes superiores, a avareza, sem mudar de essencia, necessariamente parece mais visivel, mais flagrante, mais repellente, mais monstruosa, mais vicio emfim. Tudo o que a rodeia a contrasta e avoluma. Não assim nas classes inferiores. Ahi, pelo contrario, tudo a encobre, a des-

culpa, e quasi a justifica. Pelo menos exteriormente, é justa poupança, é necessaria economia, dá ares de virtude. Faltando as contraposições, falta infallivelmente o relevo.

Euclionte, nascido na dependencia e na penuria, nem offende nem admira que se mostre inquieto e apoucado: são essas as suas naturaes feições. Harpagon, vivendo n'uma atmosphera de apparente grandeza, a cada passo fere com a ignobil sordicia o sentimento e os olhos. Nada mais eloquente no seu genero do que a opulencia miseravel. Nada mais repugnante do que o sophisma da ostentação!

Esta distincção fundamental basta, penso, para assignalar e determinar a primazia de Harpagon comparado com Euclionte, dado que se persista em julgar este um avaro. O aproveitar da *Aulularia* quanto podia servir-lhe, dando-lhe esta feição diversissima e tão expressiva, mostra logo a profundidade do genio de Molière, e bem poderosamente indica onde está e em que consiste a sua originalidade. A posição de Harpagon no mundo, circumstancia que tem parecido a muitos uma imperfeição, é justamente das maiores excellencias na concepção da peça,—é o segredo da impressão que produz.

XI

Se para alguem esta prova não bastasse, bastaria est'outra, concludente e decisiva —a impotencia dos pretendidos correctores.

Fielding e Shadwell imitaram em inglez o *Avarento* de Molière. Imitaram-n'o ensanchando na acção as complicações agradaveis ao paladar britannico; imitaram-n'o, tentando remover os inconvenientes notados por severidades mais especiosas que bem fundamentadas. O avaro inglez nunca pôde chegar ao rasto sequer do avaro francez. *Goldingham* esqueceu breve. Posto que Fielding fosse tambem um observador, *Love-Gold* não passou da sua terra. Harpagon ficou e é universal.

Vem ainda aqui opportuna a opinião de Gœthe. Dizia elle d'este singular escriptor: «se existe algures poesia comica, deve Molière ser elevado ao mais «glorioso ponto na primeira classe dos poetas co«micos.»

E, referindo-se particularmente á composição que temos presente, accrescentava: «Molière produz a «cada leitura nova admiração. Homem unico é. As «suas peças teem um quê da tragedia, apoderam-se «do espirito, e n'isso ninguem ousa imital-o. Tem «sobre tudo extraordinaria grandiosidade o *Ava«rento*, onde o vicio destroe a natural piedade que

«une de ordinario paes a filhos. Ha n'isto effeitos «eminentemente tragicos. Nas traducções, elaboradas «para a scena allemã, fizeram d'este filho um pa«rente. Logo a peça afrouxou e perdeu todo o sen«tido. Não sei que temor é este de mostrar o vicio «na sua verdade! Que se ha de então corrigir na «scena? Acaso não resulta essencialmente a impres«são tragica da vista de objectos intoleraveis? Leio «todos os annos algumas peças de Molière, pela «mesma razão porque de tempos a tempos contem«plo as gravuras que reproduzem as obras primas «dos grandes mestres italianos. Pois que tão limita«dos entes, como somos, não podem perpetuar em «si a magnitude de obras similhantes, cumpre que «de vez em quando as rememoremos para avivar o «sentimento d'ellas.»

A vastidão e justeza da concepção do *Avarento* é aqui avaliada com verdadeiro espirito critico, e superior senso moral. A que distancia ficam os retocadores, que até hoje mal haviam entendido o original?

XII

Dois generos ha de imitação: dependente uma, senhora a outra; uma servil, outra que se faz servir. As imitações do poeta francez são sempre do segundo genero. Plauto anda ao seu serviço. Utilisa-o muita vez, mas sempre como subordinado.

Vê-se melhor em exemplos.

Dos principaes rasgos da scena 1.ª no I acto da *Aulularia*, entre Euclionte e a escrava Stáphyla, e da 4.ª scena do IV acto do mesmo, entre o escravo Stróbilo e Euclionte, compoz Molière a 3.ª scena do I acto do *Avarento*, entre Harpagon e La-Flèche. Mas os que em Plauto eram traços dispersos, receios intermittentes, vagos sobresaltos, condensados pela mão do mestre tornaram-se claras feições de uma physionomia com a qual o expectador entra logo em intimidade. D'este modo, a scena de Molière é uma revelação completa do caracter do protogonista; e, como a acção deriva principalmente d'esse caracter, a exposição acha-se feita com aquella naturalidade sem esforço, que é a mais perfeita expressão da arte, e o resultado mais difficil de obter. Para melhor alcançar este proposito de clareza, uma das primazias do grande comico,—para mais promptamente fazer sobresair o vulto dominante,—deu-lhe elle por interlocutor, não qualquer domestico, mas o criado do filho perdulario, isto é, o que mais lhe devia ser anthipathico e suspeito em casa. D'esta judiciosa e calculada opposição dos personagens nasce nova lição, novo estimulo, e novo attractivo.

Assim imitava Molière, produzindo effeitos desconhecidos.

E não só n'estas combinações se lhe reconhece a invenção portentosa. O seu espirito, eminentemente perspicaz, nenhuma particularidade descurava, e só

por excepção não deixou melhorado aquillo de que se valeu.

Comparemos ainda.

N'um dos mais afamados lances da *Aulularia*, na segunda das scenas acima citadas, o dialogo corre n'estes termos:

EUCLIO «.................... Ostende huc manus.
STROB. Hem tibi!
EUCLIO. Ostende.
STROB. Eccas.
EUCLIO. Video. Age ostende etiam tertiam.»

EUCLIONTE. Deixa lá ver essas mãos.
STRÓBILO. Eil-as.
EUCLIONTE. Mostra-as.
STRÓBILO. Que canceira!
Vistes bem?
EUCLIONTE. Vi.—Dólos vãos!...
Onde tens tu a terceira?

Molière apodera-se da distracção caracteristica do preoccupado Euclionte, mas avivando-a finamente. O *etiam tertiam* latino contém uma exageração contradictoria com essa mesma distracção. Harpagon, absorto nas sofregas desconfianças, diz com maior simpleza e propriedade: *les autres*. Melhor ainda é o *l'autre*, que depois repetiu Crispin na comedia do *Riche vilain*, de Chappuzeau. Entretanto, a imitação *les autres*, pela concisão e pela espontaneidade, é

aqui bem mais natural e bem mais devéras comica do que o *etiam tertiam*, onde, além da exageração, é visivel a affectação, e transluz aquelle ostentoso preparo que prejudica a verosimilhança. *Etiam*, artificio e symetria, indica já reflexão. *Tertiam*, depois do *etiam*, absurdo depois da reflexão. Duas coisas antinomicas. *Les autres*, sim. O dito escapou como involuntario. É esquecimento de quem n'outra coisa tem o sentido. É distracção, é verdade. É a verdade da distracção.

Insignificantes particularidedes, dirá a critica transcendental. De certo. Um nada.quasi. Mas estes nadas são tudo para o poeta dramatico, se estuda conscienciosamente a natureza para exactamente a retratar. N'estes curiosos nadas consiste a observação que dá vida á composição. Estes fizeram a fortuna e firmaram a gloria de Molière. Siga-o a analyse até aos somenos accessorios, e achará sempre e em tudo a sua individualidade, individualidade incomparavel na agudeza, na penetração e no juizo.

XIII

Anteriormente ficou dito como, na composição do *Avarento*, recorrera Molière, não só a Plauto, mas a outros escriptores, e ainda a mais do que os citados pelo abbade Riccoboni. Explicado está já tambem o modo por que elle sabia aproveitar taes sub-

sidios. Occasião é de indicar summariamente quaes d'estes entraram no *Avarento*.

Molière cotisava egualmente os antigos e os modernos. Pouco lhe importava que a memoria do tributado andasse ainda presente. Um só cuidado o impellia e dominava—tornar perfeita e expressiva a figura que delineara. Nunca pensou em dissimular estas collectas, como o pintor não dissimula as côres que tem na palheta. E a sua grandeza, e a sua força vem exactamente d'esta desassombrada consciencia do direito de expropriar para melhorar, que é o natural apanagio do genio.

Molière e Shakspeare, dois rivaes, são dois irmãos. Ambos se emancipam das praticas do seu tempo; ambos renovam o theatro do seu tempo. Ambos ceifaram muito do que outros plantaram; mas o que esses haviam deixado em flor converteram-n'o elles em fructo.

Shakspeare é herdeiro de Marlowe, o Lucano de Inglaterra, e de Massinger, um colorista anatomico no genero de Rivera. As obras primas de Shakspeare, os dramas historicos, não são mais do que as velhas chronicas dialogadas. Nos seus quadros ha muito mais de photographia que de invenção. Esta photographia porém, esta implacavel photographia dos seculos e dos homens, lhe deu justamente a energica originalidade que o distingue.

Molière procede dos grecò-latinos, Molière possue todos os segredos dos italianos, continuadores

d'aquelles. Com o que era verdade universal na arte antiga, com a sua erudição e as suas reminescencias guiadas por uma intuição luminosa, reconstitue Molière, nem mais nem menos, a arte moderna.

As chamadas imitações de Shakspeare e Molière effectuaram uma grande transformação, realisaram um immenso progresso. *Felix culpa!* Souberam estes fazer o que outros mal ousaram tentar. Foi n'elles efficaz acção o que n'outros não passou de ostentoso e trahido programma.

A essas taes imitações de Molière chama Nisard apropriadamente emprestimos. Emprestimo é em verdade aquelle capital, que restitue engrossado de copiosos juros. «Ce sont—acrescenta ainda melhor o mesmo pertinente escriptor—ce sont des confi«dences du cœur humain, dont ses devanciers n'ont «entendu que la moitié, et qu'il complète. Ses de«tracteurs criaient au voleur! Ce voleur dérobait du «cuivre pour en faire de l'or.»

Vejamos ainda como trabalhava o ousado alchimista.

Na scena 7.ª do acto I do *Avarento*, uma das melhores de toda a peça, o argumento unico, a razão peremptoria, a concludente justificação de Harpagon, é o terminante e eloquente *sans dot*. Na *Sporta (Açafate)* de Gelli, ou de Machiavello como outros querem (acto III, scena 1.ª), Chirigoro, pae da Fiammetta, responde exactamente com a mesma phrase. Gelli e Molière aproveitaram a idéa colhida em Plauto.

Mas que differença entre os dois imitadores! Como o enlevo que se pinta na exclamação pertinaz de Harpagon contrasta a incisiva ironia de Valerio! Com que vigor esta sobresae! Como se patenteia o vicio na sua nudez! Como a lição irrompe eloquente, espontanea e terrivel da satyra em acção!

Molière ha de sempre ganhar n'estas accareações. Por ellas, e só por ellas poderá ser competentemente, completamente avaliado.

Na scena 1.ª do II acto o criado La-Flèche pondera a Cleanto, filho do Harpagon, os perigos do trilho resvaladio por onde se despenha. Molière traslada quasi litteralmente Rabelais, e com toda a clareza o indica. Facil será a verificação aproximando um de outro texto. La-Flèche exprime-se n'estes termos: «Je vous vois, monsieur, ne vous en déplaise, «dans ce grand chemin justement qui tenoit Panurge «pour se ruiner, prenant argent d'avance, achetant «cher, vendant a bon marché, et mangeant son blé «en herbe.» Panurgio corresponde fielmente á franca e sincera citação que d'elle aqui se faz. «Abastant «boys, bruslant les grosses souches pour la vente «des cendres, prenant argent d'avance, achaptant «cher, vendant a bon marché, et mangeant son blé «en herbe» diz o faceto cura da Meudon (livre III, chap. 2) contando as prodigalidades do improviso castellão de Salmigondin.

A idéa de tornar o pae em clandestino agiota do filho, bem como a de completar o lesivo emprestimo

com objectos extravagantes, apparecem já esboçadas na *Belle Plaideuse*, fraquissima peça de Boisrobert, representada em 1654, isto é, treze annos antes da apparição do *Avarento*. Na comedia de Boisrobert o moço Ergasto diz a Amidor, ao reconhecerem-se pae e filho:

«....Qui doit être enfin la plus honteux
Mon pere, et qui paroit le plus sot de nous deux?

O criado Philipin, fugindo de um para outro onzeneiro, topa no segundo o capitalista-ferro-velho, que Molière com tanta fortuna identifica no proprio Harpagon, o qual capitalista dá apenas uma parte em dinheiro,

«Et fournit le surplus de la somme en guenons,
«En fort beaux perroquets, en douse gros canons,
«Moitié fer, moitié fonte, etc.»

N'esta parte fica sem fundamento, como se vê, a supposta paternidade do lance, attribuida á farça italiana *Il dottor Bachettone*. *Il dottor Bachettone* de Gioanelli, é posterior ás obras de Molière. Provam-n'o as conscienciosas investigações de Bret.

O principio da scena 7.ª, entre Harpagon e Frosina, é evidentemente aproveitado dos *Suppositi*, de Ariosto. Na scena 2.ª do acto I dos *Suppositi* o parasita Pasifilo lisonjeia o edoso dr. Cleandro, exactamente como a interesseira e intromettida Frosina faz a Harpagon:

Eis a scena em Ariosto:

PASIFILO.—«Sei tu forse vechio?
CLEANDRO.—«Io sono nelli cinquantesei anni.
PASIFILO.—«Ne dice dieci manco!
CLEANDRO.—«Che di tu, dieci manco?
PASIFILO.—«Dico ch'io ti stimavo di dieci anni manco; non mostri passare trentasei, o trent'otto al più.
CLEANDRO.—«Io sono pure al termine ch'io ti narro.
PASIFILO.—«In buona etá sei tu, e l'abitudine tua promette che arriverai alli cento anni. Lasciame vedere la mano
CLEANDRO.—«Sei tu chiromante?
PASIFILO.—«Chi ne fa maggior professione di me? mostramela di grazia. O che bella e netta linea! non ne vidi un'altra mai si lunga!...»

PASIFILO. —«Novo ainda pareceis!
CLEANDRO.—«Pois, se não me engana a conta,
«Vou nos meus cincoenta e seis...
PASIFILO. —«Menos dez, ou tanto monta.

CLEANDRO.—«Menos dez!... O que! tu crês,
«Crês, vê lá, crês, sem chimeras...
«Logo dez!... Uns dois ou tres,
«Não digo... Isso é deveras?

PASIFILO. —«Devéras, e muito afoito
«Podeis pôr nos editaes
«Trinta e seis, ou trinta e oito...
«Vamos, trinta e oito o mais.

CLEANDRO.—«Cincoenta e seis, já puxados.
PASIFILO. —«Boa edade! Com tal tento,
«Perdôe-me Deus os peccados
«Como deitaes inda ao cento.

«Venha a mão
CLEANDRO.— Lês buena dicha?
PASIFILO. —«Quem melhor do que eu?—Agora
«Attenção.—Ai! como esguicha
«A veia pela mão fóra!

«Como vae seguindo a veia
«Clara a linha por aqui!
«E tão comprida! tão cheia!...
«Não, tão cheia nunca a vi!...»

Tirado dos *Suppositi* (acto II, scena 4.ª, entre Cleandro e Dullippo) é tambem o empenho que Harpagon mostra em fazer contar o que d'elle dizem. Pertence porém a Molière o complemento d'esta scena, tão verdadeiro, tão natural, tanto util advertencia e risonha lição, quando o avaro com uma sova retribue a Maitre Jacques a solicitada sinceridade.

A idéa da scena 6.ª do mesmo acto, onde predispõe o desenlace a reserva do cobarde que só com a perfidia sabe desaffrontar-se, vem na comedia italiana da *Aia fidalga (Cameriera nobile).*

Na scena 12.ª do acto III, Cleanto tira o annel de brilhantes do dedo ao pae para o offerecer a Ma-

rianna. N'uma das mais famosas arlequinadas que Evaristo Gherardi colligiu e divulgou depois,—no *Arlecchino svaligiatore*, se não me engano,—Scapino tira tambem o annel do dedo a Pantalone para o dar a Fiamina. A intenção é egual. A significação porém em Molière é muito mais intensa, o effeito comico por tanto superiorissimo, já por virtude da opposição dos caracteres, já por virtude das circumstancias em que se acham os personagens. Na peça italiana o doutor Pantalone é rico e generoso: a malicia de Scapino apenas o diverte. Em Molière Harpagon é avarento e namorado: a acção do filho rival mortifica-o e enleia-o ao mesmo tempo. Eis como o rasgo habilmente aproveitado, sem perder a feição primitiva, ganha valor muito maior.

Os amores de Elisa e Valerio, assim como a situação em que Maitre Jacques por vingança attribue áquelle o roubo do cofre (scena 2.ª do v acto), são imitações de outra comedia do mesmo repertorio, *Lelio e Arlecchino*. Arlequino, servo na mesma casa em que o amoroso Lelio se introduziu disfarçado, furta uma bolsa e accusa Lelio do furto, expediente moralissimo, que para honra da sagacidade novissima passou á vida real, e está hoje sendo o fundamental principio das politicas habilidosas.

O estratagema que no iv acto, scena 3.ª, Harpagon emprega para certificar-se dos amores do filho, fingindo consentir no seu casamento, é o mesmo que Racine põe na bocca do rei de Ponto, na tragedia de

Mithridates, em situação muito similhante posto que traçada nos dominios da paixão. Ahi porém é Molière, não o imitador, mas provavelmente o imitado, porque o *Mithridates* só appareceu no theatro seis annos depois do *Avarento*, em 1673.

D'este modo póde á vista dos textos afiançar-se, que para a comedia do *Avarento* concorreram com diversos contingentes Plauto, Gelli ou Machiavello, Boisrobert, Rabelais, Ariosto, e as comedias ou farças anonymas *Arlecchino e Lelio servidori*, *Camariera nobile*, *Arlecchino svaligiatore*, sem contar as origens desconhecidas, as leituras antigas, as anecdotas contemporaneas, as narrativas oraes, as tradições populares.

Abundantes materiaes, na verdade! valiosos subsidios! instrumentos divergissimos! Mas como tudo obedece ao pensamento creador, á concepção original! Como entra docilmente e opportunamente no mais accommodado logar! Como se ajusta sem esforço! Como se contrapõe naturalmente! Como tudo isto manifesta, chamado á luz, a perspicuidade e a potencia intuitiva do talento que o evoca, e o dispõe, e o reparte, e o utilisa, e o domina, pondo em cada coisa, e na combinação d'ellas, um sello seu, um sello indelevel!

Compendiando, o *Avarento*, não só differe essencialmente do Euclionte da *Aulularia*, e muito lhe sobreleva; não só remodela em fórma propria o que em torno de si achou aproveitavel, mas, reprodu-

zindo com rara fidelidade o que foi profundamente observado, constitue, apezar de alguns defeitos, um dos mais completos estudos dos vicios e fraquezas da sociedade, um dos mais fieis espelhos em que póde mirar-se a consciencia humana, para se conhecer e para se corrigir.

Isto distingue as creações do genio das exaggerações systematicas. Procuram estas a originalidade na extravagancia; aquellas procuram a originalidade na natureza. As primeiras hão de ficar sempre modelos na verdadeira escola do realismo, ou antes na escola do verdadeiro realismo. São variaveis e ephemeros os systemas; a natureza é sempre a mesma!

XIV

Apreciado o *Avarento* de Molière, melhor se poderá apreciar o *Avarento* de Castilho. Digo o *Avarento* de Castilho, porque se — na essencia, no que pertence ao homem, é o mesmo, aperfeiçoado ainda — é na fórma, no que pertence á sociedade, muito outro, como era indispensavel para ser hoje entendido. Póde a modestia do poeta contentar-se com chamar-lhe versão, imitação, ou ainda nacionalisação. Á critica imparcial, que para o ser tanto ha de censurar o erro como louvar o acerto, á critica sinceramente imparcial corre o dever de demonstrar o que da obra portugueza ha além de versão fiel, de

imitação judiciosa, e de nacionalisação feliz. Não estamos nós tão fartos de primores que possamos esperdiçar ou deixar no escuro empresa de tal tomo.

Se é certo o que Voltaire affirma, o *Avarento* fôra esboçado em prosa para depois ser posto em verso. A incorrecção frequente do dialogo dá peso á supposição. Fosse porém qual fosse a causa, em prosa se representou e em prosa ficou. D'esta circumstancia provavelmente procede o ser a peça considerada inferior ao *Misanthropo* e ao *Tartufo*, com ter tantos titulos a emparelhar com ellas. Não só a versificação lhe daria novo realce

Les vers sont en effet la musique de l'âme!

mas este segundo trabalho de certo proporcionaria e motivaria mais acurada revisão, convenientes retoques em algumas scenas, e aquelle ultimo e geral exame da linguagem, do estylo, e da necessaria harmonia de ambos, *limæ labor*, cuja falta é com razão particularmente sentida na execução de desenho tão bem concebido.

O discreto Bret, na excellente edição das obras completas de Molière publicada em 1778, apontalhe não poucos erros grammaticaes, grave senão em tão singular formosura. Por causa de taes defeitos dizia La Bruyère, contemporaneo e admirador de Molière—que só faltara a este a elegancia e pureza de Terencio para ser o mais perfeito dos poetas comi-

cos. Um douto padre da Egreja, benevolo ao theatro como S. Thomaz e como Santo Antonino — um prelado illustre, e que prelado! — Fénelon em summa, o augusto arcebispo de Cambray! — ousou dizer de Molière: «*je le trouve grand!*» no tempo em que se negava sepultura aos actores, e se escrevia o *Santolius pœnitens* para expiar a incripção *ridendo castigat mores!*

De quantos pareceres honraram Molière nenhum tal como este na significação e na estimação. Entretanto, o indulgente e misericordioso Fénelon, o apreciador enthusiasta, o juiz competentissimo, referindo-se ás metaphoras multiplicadas e ás frequentes locuções impuras, falsas ou ambiguas do poeta, não póde eximir-se a confessar: «en pensant bien, il parle mal!»

Effectivamente, a negligencia não é permittida nas composições de tal ordem, e menos ainda a obscuridade que nasce da negligencia. Uma e outra só podem parecer indifferentes onde forem de todo inconscientes os actores e absolutamente rude e boçal o publico. O mestre da poesia franceza estabelecia como essencial preceito:

«Et mon vers, bien ou mal, dit toujours quelque chose.»

Em verso ou em prosa, *para que se diga sempre alguma coisa*, é indispensavel dizer-se do modo mais intelligivel, sem guindadas affectações, nem phrase

mal construida. Tanto desfiguram as ampôlas e inchaços como a gafeira e crassidade.

Não fazem estas culpas, relativamente veniaes, descer Molière do alto pedestal a que o levantaram numerosas e justissimas admirações. D'ahi só poderá em novo exemplo evidenciar-se a trivialissima verdade—que não ha no mundo perfeição absoluta. *Nihil est ab omni parte beatum.* Mas porque são maculas aquellas, e maculas em obra sob todos os outros aspectos tão acabada,—grande, grandissimo serviço é ás boas letras o pulir, o limar, o supprir, o melhorar quanto as estreitezas do tempo ou o espirito da época deixaram aspero ou falho, esboçado a correr ou mal colorido. E as boas letras bem precisadas estão de quem olhe pelo seu culto com este amor mal visto, com este desvelo não recompensado, que chega a devoção e holocausto.

O sr. visconde de Castilho fez ao *Avarento* esse serviço. Fez visivelmente, incontestavelmente esse primeiro serviço, já raro, já precioso; e não só esse, mas outros não menos importantes, como se verá.

Na pureza, na opulencia da phrase, na força e elegancia do estylo, o *Avarento* portuguez deixa muito atraz de si o progenitor francez. Bastará ler um e outro para logo o reconhecer. As galas variadissimas, portuguezissimas, e sempre tão familiares e obedientes ao nosso grande poeta, logo melhoram e realçam consideravelmente a peça. Sob as lentes ma-

ravilhosas d'este novo stereóscopo, sobresaem em vigoroso relevo os que eram tenues lineamentos ou mal distinctas indicações. O pensamento e o sentimento alteiam-se, desenvolvem-se, depuram-se. A chrysalida rompe o encerro, veste-se de côres esplendorosas, fulge n'ellas, vôa e revôa scintillante, espanejando-se aos raios do sol em moita de flôres. Afia-se e pule-se o gume á satyra; faz-se mais festiva a malicia, mais picante a jovialidade, mais senhoril a razão, mais substancial o conceito, mais caricioso o affecto, mais intensa, mais amoravel, mais veraz a sensibilidade. N'esta laboriosa e difficil gestação, n'este segundo estado e maior grau, não ficou só a comedia mais ornada e mais vistosa: alcançou o que tanto lhe faltava — o mimo, a correcção e o esmero; lucrou por todos os modos em brilho externo e em valor intrinseco, porque em tudo isto respeitante á fórma adquiriu o que não tinha, e o bom que tinha lhe ficou optimo.

Muito é com effeito. Mas não é ainda tudo, nem o mais.

As peças de Molière são como os retratos de Van-Dick. Além do valor da pintura teem o merito da parecença. Admiramos a pintura em traslado perfeitissimo, e grande commettimento, grande conquista é. Mas a parecença? Para fazer subsistir e avaliar a parecença importa adaptar essa pintura a originaes que as platéas conheçam; isto é, cumpre reformar, transformar os primitivos modelos, e por modo que,

sem perderem a expressão com que nasceram, tomem caracter de actualidade.

Foi o que Plauto fez aos gregos. Foi o que fez a Plauto Molière. É — vamos vêl-o — o que a Molière faz Castilho.

O vicio mostra-se constantemente o mesmo — sempre vicio; mas a expressão do vicio altera-se com os tempos. Pois que essa expressão é variavel, deve necessariamente varial-a quem devéras quizer ser fiel.

XV

Passa-se em nossos dias a acção do *Avarento* portuguez. Nossos contemporaneos, nossos conterraneos, quasi diria nossos conhecidos, são em tudo os seus personagens. A lingua que fallam sabe tanto e tão bem ao lar e á patria, teem todos elles tanto o geito, os usos os modos e o trato de casa, que não se precisa mais para os declarar d'ella, como se n'ella foram nados e creados.

Esta é já transformação, e tão devéras ardua que rarissimos se lhe aproximam dos muitos e muitos que todos os dias a ensaiam. Transformação de sociedade, transformação de costumes, transformação de homens. Como realisal-a por maneira que tudo fique bem no seu logar, e bem do feitio que deve ter? Ha de quem o intenta, não só identificar o espirito com o espirito do poeta antepassado, e para

isso é preciso pelo menos egualal-o em faculdades; ha de não só comprehender-lhe inteira a mente e o designio, mas possuir, a par de superior discernimento, de observação finissima, de variado saber, de inspiração prompta, de imaginativa fecunda, de um verdadeiro e profundo sentimento da arte, ha de dizia, ter a par de todas essas prendas tal capacidade e tal destreza de execução, que saiba a um tempo conservar, substituir, corrigir, accrescentar, innovar, — e em tudo isto o que, o quando, o como, e o onde — sem nunca sair para fóra d'aquelles moldes e medidas, que multiplicam as difficuldades tolhendo o arbitrio.

Esta é já transformação, como fica indicado, e radical transformação, porque o não é só no que toca á lingua e á musa, mas invade a textura da peça e o caracter dos personagens. É transformação, além de transplantação. Transplantação foi quando a obra passou de paiz para paiz. Transformação é quando passa de seculo para seculo. Com a primeira operação, torna-se como quem diz physicamente comprehensivel; com a primeira e a segunda, isto é, com a primeira completada pela segunda, será entendida physicamente e moralmente.

Eis outro, e grandissimo predicado do *Avarento* portuguez. Temol-o aqui, não só transplantado, não só nacionalisado, mas restaurado, mas renovado e tornado facil e accessivel ao nosso publico e ao publico de hoje, quer no seu complexo, quer em cada

uma das suas intenções. Por brilhantes que sejam os meritos do novo escripto como carta de naturalisação e como pintura poetica, revelantissimo se ha de considerar como recomposição artistica, já porque entra dentro no organismo da obra, já porque torna mais geral e mais proficua a sua lição, já porque enriqueceu o theatro com um modelo, que o paiz póde considerar lidimo e nativo, sem nada ter perdido da sua origem cosmolita—cosmolita como todas as grandes inspirações.

Fez-se-nos pois Harpagon genuinamente portuguez. E não só portuguez, mas portuguez que topamos a cada passo e a cada instante, no escriptorio a esperar a presa dilatando as garras dos calculos elasticos; na rua com os olhos no chão a ver se encontra dinheiro perdido; no desfazer dos mercados comprando ao desbarato para revender aos famintos; farejando tudo, especulando sempre, com os outros, com os seus e comsigo; fez-se-nos o Harpagão portuguez que muitos por sua desgraça teem conhecido e tratado ficando mal do trato, o Harpagão unhas-de-fome, fura-vidas, e topa-a-tudo, visinho vosso talvez, que hemos de ver algum dia breve abrindo ao publico loja de cambio eleitoral, e logo passando sem cerimonia de agiota de candidaturas a alborcador de ministerios.

Mas este Harpagão coetaneo, este Harpagão renascido, é neto verdadeiro do Harpagon francez do seculo XVII, e tem d'elle tudo o que podia e devia ter.

Excellencia mais rara e a maior de todas! Isso mesmo que o novo Harpagão trouxe do antigo patrimonio lhe está medrado e mais valioso. Vê-se claramente inventariando a obra novissima. Estes morgados intellectuaes, emquanto se conservam na linha de legitima successão, vão sempre crescendo em riqueza e nobreza.

XVI

Para indicar todas as essenciaes variantes, todas as differenças, que, ou por effeito da mudança de época e de paiz, ou em virtude de justa modificação nos caracteres, dão outra feição á peça renovada, seria necessario crivar de notas explicativas cada scena — a bem dizer, cada pagina — do livro que, por excesso de escrupulos, ou para lição de recato, se qualifica apenas «versão liberrima.» Util seguramente seria um trabalho que a bastantes podera servir de instrucção. Perderia porém a leitura muito do seu natural attractivo com estas interrupções frequentes, e ficaria prejudicado o dialogo. Uma summaria resenha das principaes alterações bastará aos estudiosos, confirmando o que fica asseverado ácerca das melhorias effectuadas na acção e personagens.

O primeiro acto, sem contar muitas particularidades secundarias que beneficiam o caracter do protagonista, tem duas scenas em tudo novas. Estas scenas, justamente as ultimas do acto, dão variedade e

accrescentam vivacidade ao final, fazendo-o terminar de modo mais expressivo e comico. Nova é a graciosa intervenção do canto do rouxinol, que a um tempo multiplica sustos ao avaro e fada promessas aos namorados; novo o episodio do cão fingido; sobretudo nova e delicadissima a idéa de temperar de remorsos e duvidas o romance clandestino da filha da casa. Ainda quando injustamente violentada em suas inclinações, sobresalta-se instinctivamente na consciencia toda a menina bem educada e bem intencionada, se por qualquer modo falta á obediencia e á franqueza devida áquelle, que por lei divina e respeito humano lhe é primeiro guia no mundo. N'esta parte D. Luiza de Sousa leva grandissima superioridade á Elisa de Molière. De certo mais afoitamente do que Elisa poderá D. Luiza dizer como a Phedra de Racine:

«..... je ne suis pas de ces femmes hardies
«Qui, goutant dans le crime une tranquille paix,
«Ont su se faire un front qui ne rougit jamais.»

Os contrastes subsistem, fica inteira a profunda intencionalidade que os motivou, e D. Luiza offende menos que Elisa o sentimento e a natureza.

Não só porém melhorou aqui o typo da donzella. D'esta melhoria outra resultou logo, tal é a unidade da razão e a logica da verdade. Resultou justamente maior clareza á intenção indicada, maior energia nos respectivos contrastes. Quantos mais são os melin-

dres da filha constrangida, tanto mais dá nos olhos a iniquidade do pae vicioso e desvairado.

No segundo acto, cujo final ganhou tambem consideravelmente em movimento, realça por extremo o valor moral da peça o engenhoso artificio com que o poeta portuguez, fiel ás mesmas sãs idéas que o inspiraram em D. Luiza, desbasta Julio (Cleanto) do que n'elle parecia mais repugnante e chegava a odioso, conservando todavia, e não só conservando mas avivando, a antithese tremenda entre o vicio do pae e o vicio do filho. Um exemplo certificará a importancia e alcance das modificações effectuadas n'este acto, onde principalmente a lucta se desenha.

Em Molière, o agente intermediario, Maitre Simon, diz a Harpagon, referindo-se a Cleanto, quando este ultimo solicita o emprestimo: «*il s'obligera*, si vous voulez, que son père mourra avant qu'il soit huit mois.»

Em Castilho, Simão Fortuna (Maitre Simon) na mesma situação exprime-se n'estes termos:

«. . . . o Senhor Harpagão, querendo, poderia
«*Pôr entre as condições*, que o pae lhe morreria
«Dentro de um mez ou dois.»

Em Molière offerece um filho *obrigar-se* a que o pae *lhe morra em prazo certo*. A comedia aqui entra pelo horror tragico, tanto que o avaro sem entranhas reconhece seu proprio filho no prodigo sem pie-

dade. O embate d'estes excessos tem, sob a mascara pavorosamente jovial, um quê de feroz e selvagem. Como que a mesma facecia treme agitada pelas Euménides invisiveis. Um sopro d'Eschylo sacode os veos é satyra. O epigramma ri contrafeito do que assim chega a paixão brutal e cynica. N'isto consiste a grandeza judiciosamente celebrada por Goethe. Não ha em verdade mais temerosa impressão nem effeito mais dramatico. O crime pune o crime.

Esse effeito porém vae além do justo proposito. Por mais que se faça, nunca haverá expectador que repute correcção proporcionada ás negruras da avareza a monstruosidade do parricidio. Bem o presentiu o claro juizo de Molière, e por isso quanto pôde tentou adoçar o golpe.

Coube porém a Castilho acertar no alvo. O que era impio offerecimento do filho passou a condição aconselhada pelo agente do pae. Por este modo recae exclusivamente o opprobrio sobre o desnaturado vicio da avareza, que é o objectivo da peça, fica intacta a opposição moral dos dois, e a expressão do castigo torna-se mais efficaz tornando-se mais razoavel.

Tudo isto resulta de uma simples inversão. Nada mais facil parece. E é effectivamente facil depois de achada, facil como o expediente de Colombo para firmar o ovo. Mas esta facilima solução, que tão de chofre transformou e tanto avantajou o lance, nem occorrera a Molière com ser Molière, nem aos seus

austeros imitadores, que não acharam modo de corrigil-o senão mutilando-o.

Castilho traduz Molière assim! Assim Molière imitára Plauto!

Muito é para notar no terceiro acto o modo porque D. Marianna se apresenta em casa de Harpagão. D. Marianna tem uma elevação e nobreza de sentimentos que a Marianna do original desconheceu. A sua entrada, insufficientemente explicada em Molière, fica irreprehensivel em Castilho: é cumprimento de um dever; é inevitavel sacrificio para valer a sua mãe na penuria. As honestas visitas de Julio são por ella contadas com tal candor de innocencia, que essa narração me parece um dos grandes primores e primazias do *Avarento* portuguez. Uma scena de transição adquiriu por esta fórma importancia capital.

Outra innovação felicissima no mesmo acto é tudo o que respeita ao modo de viver do avaro. Diversos commentadores, seguindo Riccoboni, qualificaram de grave incoherencia a criadagem de Harpagon, o ter carruagem, o querer dar uma ceia, etc. Vem talvez este reparo de se ter comprehendido mal a intenção de Molière, e de não se levar em conta os costumes da época respectiva. A condição social de Harpagon, pelas razões em seu logar expostas, figura-se-me superiormente escolhida para servir de quadro á avareza. O apparato da sua casa é em realidade menos dispendioso do que hoje comparativamente se imagina. A limitação das industrias enviava

muitos individuos á classe servil : d'ahi uma concorrencia que, barateando os salarios, multiplicava sem maior custo os assalariados. Póde pois o pessòal domestico de Harpagon parecer excessivo para um avaro actual; mas, admittida aquella condição, e consultados os usos contemporaneos, ver-se-ha que era muito inferior ao que então se reputaria mais modesto. Bem o está indicando a duplicação de funcções de Maitre Jacques, duplicação singularmente comica e verdadeiramente caracteristica.

Se Harpagon tinha carruagem e fallava em dar uma ceia, seguia ainda os exemplos e estylos que o rodeavam e insensivelmente o incitavam. Por ser avaro não deixava de ser do seu tempo, e um poeta comico faltaria ao mais elementar da arte se não talhasse largo quinhão á omnipotente influencia dos costumes.

Accresce que o avaro anda namorado, e como namorado tem estimulos e tentações que servem ainda para lhe fazer mais visivel e mais risivel a mesquinhez. A carruagem e a ceia determinam justamente os mais acerados sarcasmos a essa mesquinhez predominante. É ainda a potente lei das contraposições moraes.

Schlegel reputa inverosimil a parte amorosa do caracter de Harpagon, porque não vê compatibilidade entre o amor e a avareza. Em boa verdade, de todo os vicios é a avareza o mais tyrannicamente exclusivo, o que mais endurece e esterilisa a alma, o que a torna mais inaccessivel a qual quer affecto ou paixão. Não

ha porém caracteres inteiriços. O absoluto repugna á natureza. Uma das maiores provas do genio de Molière é fazer os seus personagens sempre humanos. Seja qual fôr o typo imaginado, esse typo deixará de ser humano se não tiver algum fraco ou fragilidade. Harpagon é avaro, mas homem. Em Marianna está o fraco de Harpagon. O que não é impossivel não póde ter-se por inverosimil.

E demais, aquelle vago appetite, illusão da vaidade, ainda esperança de conveniencia *car encore n'épouse-t-on point une fille sans qu'elle apporte quelque chose*, aquella inclinação intempestiva e serôdia poderá devéras chamar-se amor? Tem algum dos profundos caracteres da paixão? Evidentemente não tem senão as apparencias. Os verdadeiros amores de Harpagon estão no cofre do dinheiro: bem o mostra a sequencia das scenas, e sobretudo o final. Marianna é-lhe apenas o calcanhar de Achilles — uma distracção, que basta para o tornar vulneravel. Quando as travessuras juvenis lhe enleiam em situações perplexas o inexperiente galanteio, immediatamente se mostra e prepondera o natural cubiçoso.

A esse fim principal concorre tudo. O avaro não apparece em condição de rico, não apparece com o fraco de namorado, senão na dóse sufficiente para mais sobresair avaro.

Difficuldade grande era respeitar este elevado intuito que tantos desconheceram, e simultaneamente illibar o magnifico typo de Harpagon até da minima

sombra, pretexto ou suspeita. Era difficuldade maior ainda graduar na transferencia aquella dóse, por modo que ficasse egual a condição do personagem, egual o proposito do auctor, egual a relação entre uma e outra coisa, e isto ajustado ao teor de outra sociedade, outra época e outro paiz.

Todas estas difficuldades as venceu o nosso poeta hombreando com o seu modelo. Os dois criados Brindavoine e La-Merluche resumem-se no simplorio do Mealhada. O Harpagão portuguez, se faz a despeza de um trem, é por utilidade sua: tem emprego no paço. E que trem conserva? O que ninguem já usa, uma sege—uma sege, que ainda assim aluga em nome do velhaco Sebastião, o Jano da cocheira e das fornalhas!

O projecto de ceia converte-se n'um simulacro de merenda, em que a gentil presença de D. Marianna, principal acepipe, ha de supprir o *menu*. O avaro de Castilho, filho legitimo de um seculo essencialmente arithmetico, tudo calcula, tudo utilisa—até isto! A este ninguem o colhe em coisa que dê ares de esperdicio. Conhece a preceito a modernissima casuistica da economia ladina. Se até no enthusiasmo sisa! É ouvil-o, quando mais enlevado no salutar aphorismo que o auctorisa a esfomear os convivas:

«Bem: na casa do jantar,
«Para impedir barrigadas,
«Hei de o mandar entalhar
«Em maiusculas doir....adas!

De oiro, ia arrancar-lhe a surpresa do jubilo; *doiradas*, corrige o tempo o instincto forrêta. Como é de hoje o toque novo e magistral!

No tempo de Molière o fôna mais fôna podia ainda sem contradicção dedicar lettras de oiro ao objecto da admiração interessada. Tudo porém se tem aperfeiçoado. Anachronismo fôra cair em similhante extravagancia depois da invenção do *plaqué* e das patriotices alugadas. Que verdade teria o lance em tempos em que tão geral é o cartaz, a simulação e exterioridade, se ao avaro não occorresse a magnificencia postiça?

Rasgos taes só os tem o genio; e rasgos como este, imprevistos a Molière mas dignos d'elle, abundam no *Avarento* naturalisado e rejuvenescido.

Foi o quarto acto o que attraiu mais numerosas e mais cabidas censuras. Diderot nota com razão que, propondo ali Frosina o estratagema da supposta ricaça para afastar Harpagon de Marianna, nunca no resto da peça se falle mais em tal. Rousseau reprehende não menos acertadamente a extrema insolencia do filho ante a colera do pae.

—«Je te donne ma malédiction!» diz Harpagon.

—«Je n'ai que faire de vos dons» responde Cleanto.

A isto chamou com muito juizo Riccobini — sacrificar o dever a um chasco. É o *aliquando bonus*, que nem ao mais insigne exceptua.

Quando o irritavel Harpagão, porfiando com o filho, grita para este:

Vae-te, e dou-te...»

ousa ainda atalhar Julio (Cleanto) mais ironico do que reverente:

«Oh! prodigio!»

Quando porém o pae enfurecido termina:

«A minha maldição!»

Julio succumbe e emmudece. Esta é differença profunda. Estas fazem subir muitos quilates á peça portugueza. Castilho parou onde devia parar, e não foi preciso mais. Quantos alcançam porém tal justeza,— tino especial, condão rarissimo?

Alegue embora o panegyrista Chamfort: «que desappareceria a lição aos paes avaros se o filho se «apresentasse submisso.» Póde o filho mostrar-se renitente e altanado, sem todavia chegar ao desacato. Para contraposição e para correcção basta. Até ahi é louvavel proposito, moralisador exemplo: d'ahi para diante erra o fito, e vae além d'elle, como na atroz clausula acima citada. Para que a impressão verdadeiramente ensine e aproveite deve esta sair bem á justa. Qualquer desvio a frustra, annulla ou faz malignar.

Com afortunada pericia fugiu o sr. visconde de Castilho a estes escólhos, e onde muitos se afundariam naufragos descobriu e desentranhou elle novos thesouros.

Brilha a arte superior de Molière nas primeiras scenas do mesmo acto, habil preparação ao lance capital do roubo do cofre. Este roubo torna-se expediente para forçar o avaro a desistir de D. Marianna, e isso lhe vem a ser attenuação. Entretanto manifesta-se roubo á consciencia collectiva das platéas, que não comprehendem bem as distincções capciosas, e menos ainda os chrismas argutos, commodos ao crime. Para dispor á benevolencia e á desculpa só exgotando préviamente outros artificios, de modo que se inculque não haver mais remedio. É o que Molière n'aquellas scenas faz com a sua usual penetração e previdencia; é o que o nosso poeta ainda aperfeiçoa.

O conciliabulo das victimas de Harpagão toma uns ares de sessão parlamentar, que logo a impregnam do mais moderno espirito. Guiomar, ardilosa e matreira como um causidico versado, não lembra só o derivativo da viscondessa com a isca do grosso dote, acrescenta uma astucia, que, para homem como Harpagão, devia ser efficacissima. Dá de conselho á donzella que se finja cheia de appetites e propensa a gastos excessivos. O subterfugio não é novo. Apparece já no *Grondeur;* aproveitou-o Fielding; tem sido utilisado por diversos modos em muitas peças do theatro moderno; mas vem aqui tão natural e tão opportuno, reforça tão poderosamente aquelle perspicaz intuito justificativo, que não só absolve a prolongação da respectiva scena, mas extremamente lhe augmenta o effeito.

Ainda em tudo o mais a figura de Guiomar sobreleva muito á de Frosina. A esta Guiomar não censuraria Diderot o defeito de nem sequer pensar mais nos alvitres que suscita. No final do v acto a mexediça casamenteira não se esquece de recordar a Harpagão a viscondessa, como coisa de que houvessem chegado a fallar os dois. Se a inesperada rapidez com que a acção caminha ao desenlace não deu tempo e occasião a tentar na presença do espectador os projectados expedientes, suppre tudo esta referencia que faz suppor a existencia de tentativas baldadas, e sem crear complicações tira razão á censura.

O quinto acto em nada desmente os anteriores. O Escrivão do Regedor, puro accessorio, está desenhado por modo que constitue um typo. A scena da denuncia de Sebastião é na peça portugueza deliciosamente natural. Levaria longe o particularisar cada um dos pontos em que ha melhoria evidente.

O desfecho do *Avarento* é considerado um dos melhores de Molière, que todavia não costumava ser dos mais cuidadosos n'essa parte. Anselmo, é verdade, entra como o *Deus ex machina*. A multiplicidade dos reconhecimentos tem tambem um quê de affectação romanesca. A sensibilidade porèm do ancião foragido, ao reconhecer os filhos, dá um toque muito apreciavel a esta scena. A sua largueza e generosidade formam tambem o derradeiro e vigorosissimo contraste á seccura e ao vicio do avaro, que

em nada d'isto vê senão *a questão de fazenda*, e até com os casamentos dos filhos faz negocio para si.

Em Castilho este desfecho é verdadeiramente magnifico. As leves manchas notadas a Molière quasi de todo se desvanecem; as bellezas do lance multiplicam-se. São admiraveis os rapidos quadros descriptivos que introduz nas narrações. Sob estes esmaltes preciosos desapparece a monotonia de tantos salvados como ali se accumulam. O general hispanhol, que muito a proposito substitue o fidalgo napolitano, tem mais do que este seu pique de comico, mas comico moderado e de bom gosto, que não prejudica a natural gravidade do caracter. Mostra-se tambem mais devéras affectuoso, o que muito o realça.

A restituição do cofre em scena é lembrança excellente: põe aos olhos do publico o verdadeiro sentido da acção do filho, e a torpe avidez do pae.

A solidão em que fica sucessivamente Harpagão, e a rajada de improperios, que á despedida lhe dispara Guiomar, compendiando o desprezo do mundo, são tambem innovações de muito valor. A lição moral fica assim completa.

XVII

Comprehende apenas a precedente exposição o necessario para evidenciar quanto, ainda na parte inventiva, effectivamente ganhou o *Avarento* portuguez. Exprobrava-se principalmente a Molière n'esta peça, a excessiva dureza dos filhos para com seu pae; a contradição entre a indole mesquinha e o que podia parecer escusado fausto; o equivoco e indecencia de muitas phrases; finalmente a falta de castigo do avaro. Annullavam-se mutuamente algumas d'essas accusações, outras nunca chegaram a entrar na essencia do assumpto. Sem embargo, apresentava-se entre ellas certo numero de objecções plausiveis que mais conveniente seria eliminar. O sr. visconde de Castilho dissipou-as todas. Este merito, de todos o mais subido, dignamente remata os outros, que já tantos e tantos eram!

Não ficava em Molière sem castigo o avaro, tratado de resto por filhos e criados. Castigo eram já, e permanente castigo, estes vilipendios continuos; castigo a cegueira que o faz tomar por confidente quem mais o atraiçôa; castigo maior de todos o terror que o desvela e sobresalta sem lhe consentir descanço. E note-se que esta suspeita tormentosa, que em Plauto é consequencia do abuso alheio, em Molière procede só do vicio proprio, anda inherente a

elle, é a sua tunica de Nesso, o implacavel supplicio que leva a toda a parte comsigo, tanto mais terrivel quanto mais irremediavel, tanto mais advertencia quanto mais evidente culpa!

Não ficava sem castigo o avaro de Molière; mas este castigo fez-se agora mais visivel e mais efficaz. Nenhuma das idéas capitaes da peça deixou de merecer, é bem manifesto, particularissimo cuidado ao auctor do *Avarento* actual, como quem tanto a fundo computára todo o sentido e todo o alcance d'aquella viva allegoria.

As indecencias, os equivocos, ocioso será dizel-o, ou foram de todo supprimidos, ou attenuados sensivelmente. Talvez porém n'esta parte podesse ir ainda mais longe a emancipação do respeito ao original. Excessiva plebeidade de termos rebaixa em muitos casos a comedia, e ainda mais a comedia de caracter.

Sobretudo Duarte (Valerio), ainda que disfarçado, quanto a mim nunca deve totalmente destoar do que devéras é, até para se não confundir com os typos de servos. Estou tambem que será difficil fazer acceitar ás platéas de hoje o termo «amante» na sua significação genuina e poetica. Mais me parece que houve engano na indicação do nome de Thomaz na 4.ª scena do acto IV. No original é *Maitre Jacques* (Sebastião) quem entra n'esta scena, onde um poderoso interesse distrae momentaneamente Harpagon da sua usual vigilancia, em quanto La-Flèche (Tho-

maz), aproveitando a opportunidade, se apodera do cofre. E é isto o natural. A entrada de Thomaz com esse cofre, pouco depois de haver deixado Harpagão, importaria inverosimilhança obvia. Nada mais facil do que remediar o equivoco, e restabelecer no seu logar os devidos personagens.

Aponto a correr estes breves reparos, minimos de si, porque poderão ser convenientemente aproveitados, já no theatro, já em subsequentes edições, que muitas certamente se podem desde já prognosticar á nova comedia. Em meu conceito nenhuma peça refeita do antigo theatro possue tantas condições como esta para captivar ainda as platéas.

XVIII

Sei que a muitos ha de parecer prolixa em excesso esta analyse. Pareceu-me que tal obra e tal poeta não mereciam a affronta do elogio banal. O reclamo e a diffamação podem ser breves, porque nada provam. As apreciações fundamentadas são forçosamente mais longas, porque hão de demonstrar alguma coisas. Estas porém tornam-se as unicas decentes.

Tem o sr. visconde de Castilho admiradores férvidos, sinceros e numerosos. Acompanha-o fiel o applauso. Nenhum dos modernos poetas portuguezes enfeixou ainda tão bastas e merecidas palmas. Mas

a terra está mais para trêtas que para lettras, e em toda a parte só a posteridade faz cabal justiça aos grandes engenhos. Não crescem á vontade os loiros senão quando tornadas ao seu pó as baixas paixões, naturaes e intrataveis inimigas de quanto lhes excede a craveira.

Acceite-se-me o presagio, e acceite-se-me como expressão de entranhada fé. Ha de a posteridade celebrar o nosso egregio poeta como celebrou o insigne comico da França; ha de investigar, ha de reconhecer, ha de authenticar, ha de enumerar com ufania e coroar com transporte todos os meritos do primeiro, como tem feito e está fazendo ao segundo.

Em geral, não reconhecem no maior genio os contemporaneos—quando reconhecem—senão a flor. Para os vindouros é tomar gosto aos fructos!

FIM



ERRATA DO PRESENTE VOLUME

PAG.	LIN.	ERROS	EMENDAS
58	12	Sou uma sou creada	Sou uma sua creada
91	11	arruido	arruidos
130	»	Mas é que eu	Máu é que eu
133	23	com um perua teza	Com um perna teza
140	5	ás vezes	(ás vezes
150	12	da abbadessa	de abbadessa
339	21	e enrequecido	e enriquecido

ADVERTENCIA

Nas outras imitações de Molière precedentemente publicadas para esta collecção, escaparam varios erros assim de pontuação como de orthographia, que a attenção de quem sabe ler facilmente corrige.

D'entre elles só dois por mais consideraveis se apontam aqui:

No MEDICO Á FORÇA, pag. 216, *escapei* leia-se *èscapo.*

TARTUFO, pag. 44, depois do verso :

de ouvir-lhe estropiar o Credo e o Padre-Nosso,

faltou o seguinte :

Só de pensar em tal já todo eu me remoço.









